ESPECTACULO
DAS
BELLAS ARTES

ESPECTACULO
DAS
BELLAS ARTES,
OU
CONSIDERAÇÕES
A'cerca da ſua natureza, dos ſeus objectos, dos ſeus effeitos, e das ſuas regras principaes,
COM OBSERVAÇÕES
Sobre o modo de as conſiderar, ſobre as diſpoſições neceſſarias para vultivallas, e ſobre os meios proprios para as entender, e as aperfeiçoar.

POR
M. LACOMBE, ADVOGADO,
Traduzido em Portuguez por . . . .

PORTO:
Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro.
Anno de 1786.
Com licença da Real Meza Cenſoria.

Vende-ſe em caſa de Vicente Emery Mercador de Livros aos Arcos de S. Dmigos na Cidade do Porto.

Omnes Artes, quæ ad humanitatem pertinent, habent quoddam commune vinculum, & quasi cognatione quadam inter se continentur.

ADVERTENCIA.

ESta Obra póde ſer conſiderada, como huma parte, ou mais de preſſa, como huma continuaçaõ da que M. Pulche deu ſobre o Eſpectaculo da Natureza. Huma fez naſcer a idéa da outra; e com effeito, o Eſpectaculo, que as Bellas Artes nos offerecem naõ he outro, que o da Bella Natureza: as Artes do Deſenho a exprimem á viſta, a Muſica ao ouvido, e a Pintura á imaginaçaõ: he ſempre a Natureza, que ſe deſcobre nas ſuas amaveis producçoens. Póde-ſe conſiderar, como hum projecto util, e intereſſante, o intentar em relaçaõ ás maravilhas das Bellas Artes, o que taõ felizmente foi executado

do ſobre as particularidades da Hiſtoria Natural.

O meu plano naõ he pois renovar, o que tantos Tractados nos enſinaõ ácerca da mechanica de cada Arte em particular: tenho emprehendido ſómente abraçar o objecto das Bellas Artes, fazer a applicaçaõ dos ſeus principios, e finalmente analyſar os prazeres, que ellas nos procuraõ, a fim de dilatallos, e ſe he poſſivel, de os multiplicar.

Eſtá mui longe da minha intençaõ, o que julga, que eu me tenho deixado conduzir pelo eſpirito de Critica, ou de Refórma; o amor da perfeiçaõ, e o ſentimento he, que me tem ſempre animado; e como a Natureza he o modélo, que ſe propoem imitar, tenho penſado, que conſiderando-a com reflexaõ, poderei julgar, ſe ſe tem ſempre tomado as ſuas feiçoens, como pouco mais, ou menos decidimos de hum retrato, iſto he, da ſimilhança delle, comparando-o com a peſſoa retratada. Poſ-

Posso lisonjear-me de ter apartado todo o prejuizo, e toda a prevençaõ: honrando, e respeitando os Talentos, que fazem a gloria, e as delicias do nosso seculo, he a verdade, o que principalmente tenho em vista.

Amicus Plato, magis amica Veritas.

A primeira parte contém as reflexoens sobre as Bellas Artes, consideradas em geral. Examino as disposiçoens, e os talentos necessarios para o seu bom exito; os obstaculos, que tem impedido o seu estabelecimento, ou retardado os seus progressos; as causas da sua decadencia; as vantagens, que ellas procuraõ; e as grandes E'pocas dos seus triumphos.

A segunda parte he consagrada á Poesia: tracto primeiramente da Versificaçaõ, e em poucas palavras estabeleço a sua necessidade, os seus attractivos, e as razoens, sobre que saõ fundados os seus principios.

Depois discorro rapidamente pelos differen-

ferentes generos de Poesia, applicando-me a fazer conhecer o gosto, e as suas regras prefixas; mas sobre tudo me tenho cançado no exame da Poesia Lyrica.

A terceira parte tracta da Musica: a respeito do seu genio, do seu fim, do que ella faz, e do que poderia fazer, he, em que eu principalmente me occupo.

He isto, a que se limita hoje o meu trabalho, que poderei continuar sobre o mesmo plano, ácerca das outras partes das Bellas Artes.

TA-

TABOA

Dos Capitulos, e das ſuas Secçoens, contidos neſte Volume.

PRIMEIRA PARTE.

CAPITULO I.

Das Bellas Artes em geral. Pag. 1

CAPITULO II.

Do objecto das Bellas Artes. 5

SECÇAÕ I.

Do Talento de ver a Natureza. 6

SECÇAO II.

Do Talento de ſentir. 8

SECÇAÕ III.

Do Talento de operar. 11

SECÇAO IV.

Da Arte de eſcolher. 14

SECÇAÕ V.

Da Arte de ornar. 16

SECÇAÕ VI.

Da Arte de diſpor. 18

CAPITULO III.
Das difficuldades exteriores ás Bellas Artes para os seus estabelecimentos, e para os seus progressos. 20
SECÇAÕ I.
Do Temperamento do Clima. 21
SECÇAÕ II.
Do Espirito do Governo. 23
SECÇAÕ III.
Da situaçaõ dos negocios. 25
CAPITULO IV.
Causa da decadencia do gosto nas Bellas Artes. 28
SECÇAÕ I.
Negligencia no estudo da Natureza. 29
SECÇAÕ II.
Desejo da singularidade. 31
SECÇAÕ III.
Do Amor da novidade. 32
SECÇAÕ IV.
Do Luxo da imaginaçaõ. 34
SECÇAÕ V.
Parcialidade dos Protectores. 37
SECÇAÕ VI.
Revoluções no Governo. 41
CAPITULO V.
Vantagens que as Bellas Artes procuraõ. 46

SECÇAÕ I.
Ellas illuminaõ o Eſpirito. *ib.*
SECÇAÕ II.
Polem os coſtumes. 48
SECÇAÕ III.
As Artes reunem os homens. 53
SECÇAÕ IV.
Honra, que as Bellas Artes fazem ao Principe, que as protege, e ao povo, que as cultiva. 56
CAPITULO VI.
Das E'pocas principaes, em que floreceraõ as Bellas Artes. 59
SECÇAÕ I.
Das Bellas Artes na Grecia. *ib.*
SECÇAÕ II.
Das Bellas Artes em Roma. 61
SECÇAÕ III.
As Bellas Artes em Florença. 63
SECÇAÕ IV.
As Bellas Artes em França. 64

PAR-

PARTE II.

Das Bellas Artes, conſideradas em particular. 67

CAPITULO I.

Da Poeſia. 68

CAPITULO II.

Da Verſificaçaõ. 69

CAPITULO III.

Dos differentes generos de Poeſia. 73

CAPITULO IV.

Do Poema Epico 74

CAPITULO V.

Do Poema Didatico. 88

CAPITULO VI.

Da Tragedia. 90

CAPITULO VII.

Da Comedia. 103

SECÇAÕ I.

Do Comico de Caracter. 106

SECÇAO II.

Peças de Intriga. 111

SECÇAÕ III.

Das Farças. 116

CAPITULO VIII.

Das Peças de Sentimento. 120

CAPITULO IX.

Da Tragi-Comedia. 123

CAPITULO X.
Peças Epizodicas. 125
CAPITULO. XI.
Poemas Lyricos. 130
SECÇAÕ I.
Tragedias Lyricas. 131
SECÇAÕ II.
Comedias Lyricas. 143
SECÇAÕ III.
Poema Paſtoral. 146
SECÇAÕ IV.
Opera Ballet. 148
SECÇAÕ V.
Dos Motetes. 152
CAPITULO XIII.
Das Cantatas, e muitos outros Poemas pequenos. 154
CAPITULO XIV.
Parodias Burleſcas. 156
CAPITULO XV.
Entremezes imitados dos de Italia. 159
CAPITULO XVI.
Da Opera Comica. 163
CAPITULO XVII.
Da Linguagem dos Eſtados, e da dos Caracteres. 166
CAPITULO XVIII.
Da Ode 168

SECÇAÕ I.
Da Ode Pindarica. *Ib.*
SECÇAÕ II.
Da Ode Heroica. 171
SECÇAÕ III.
Da Ode Anacreontica. 172
SECÇAÕ IV.
Da Ode Lyrica. 174
SECÇAÕ V.
Das Stancias. 176
CAPITULO XIX.
Das Satiras 177
CAPITULO XX.
Da Allegoria. 180
CAPITULO XXI.
Do Apólogo. 181
CAPITULO XXII.
Da Arte dos Contos. 187
CAPITULO XXIII.
Da Metamorphoſe. 191
CAPITULO XXIV.
Do Epigrãma, do Madrigal, e do Epitafio. 193
CAPITULO XXV.
Da Egloga. 198
CAPITULO XXVI.
Da Elegia. 205
CAPITULO XXVII.
Do Idylio. 209

CAPITULO XXVIII.
Do Epithalamio, da Epiſtola &c. 210

PARTE III.

CAPITULO I.

D A Muſica. 215

CAPITULO II.

Das couſas ſenſiveis, que a Muſica póde repreſentar á imaginaçaõ. 218

CAPITULO III.

Dos Quadros dos Coſtumes, e dos Caracteres. 232

CAPITULO IV.

Da Expreſſaõ do ſentimento, e da paixaõ. 244

CAPITULO V.

Da Melodia. 255

CAPITULO VI.

Do motivo, ou objecto do Canto. 259

CAPITULO VII.

Da Harmonia, e do Accompanhamento. 265

CAPITULO VIII.

Da Medida. 272

CAPITULO IX.

Dos Signaes da Muſica. 278

C A-

CAPITULO X.
Da Voz, e dos Inſtrumentos. 281
CAPITULO XI.
Do Solo, Duo, e dos Córos. 286
CAPITULO XII.
Da Muſica ſobre palavras Religioſas. 290
CAPITULO XIII.
Da Opera 294
CAPITULO XIV.
Do Recitativo. 302

ESPECTACULO
DAS
BELLAS ARTES.
PARTE I.

CAPITULO I.
Das Bellas Artes em Geral.

TODAS as Artes tem geralmente a natureza por objecto, porém humas inveſtigaõ as noſſas precizões, e as outras os noſſos prazeres: aquellas, filhas da induſtrioſa neceſſidade, nos aliviaõ nas noſſas penas, augmentaõ, e multiplicaõ as noſſas forças, e trabalhaõ, em huma palavra, na noſſa con-

ſervaçaõ ; eſtas naſcidas no regaço da paz ; e da abundancia ſe occupaõ do noſſo ſuperfluo , e dos noſſos divertimentos. As Bellas Artes tem o goſto por meſtre , a armonia por lei , a gloria por fim , e ſaõ á natureza , o meſmo , que as graças á formoſura , a qual eſtudaõ a fim de a ornarem , e a imitaõ para nos encantar. Devem olhar-ſe como genios encantadores , que tem o Univerſo inteiro por imperio ; digamos melhor , ellas tem creado hum mundo novo , mais pompoſo de algum modo , e mais magnifico , que o primeiro , aonde a brilhante illuſaõ manda como Soberana , aonde o eſpirito deſeja perder-ſe , e aonde os ſentidos ſaõ agradavelmente enganados.

A origem das Bellas Artes póde attribuir-ſe á inclinaçaõ , que os homens tem de ordinario para imitar os objectos , que os tocaõ. A memoria conſerva a impreſſaõ feita nos ſentidos , e a imaginaçaõ aformozea as pinturas da natureza ; muitas vezes ſe deſeja delinear de novo eſtes objectos agradaveis : do prazer da idéa naſce o deſejo de a realizar , reflecte-ſe nos meios de o conſeguir , fazem-ſe enſaios , e conſultaõ-ſe de novo os ſeus modélos. He preciſo concluir , que

o

o ocio ſuggerio o projecto da imitaçaõ, e que eſta imitaçaõ foi quem gerou as Bellas Artes: mas ſe a natureza dá os aſſumptos, ſe ella fornece os modélos, quanto he ainda difficil á induſtria o deſcubrir os meios de ſeguila nos ſeus effeitos!

As Bellas Artes foraõ como as outras invençoens informes na ſua origem, fracas nos ſeus principios, e lentas nos ſeus progreſſos; a prática procedeu no principio á theoria, e trabalhou-ſe muito tempo ſem regras certas: he preciſo operar ao acaſo, e cahir em defeitos groſſeiros antes de achar as bellezas ſimples em ſi meſmas, mas occultas no exercicio como o ouro na mina. Os principios ſe tem derivado inſenſivelmente da experiencia; tem-ſe ajuntado pouco a pouco alguma couſa ao que eſtava já deſcuberto, obſervou-ſe o que era applaudido, e ſe fizeraõ modélos de que a emulaçaõ ſe tem prezado de os enriquecer, e o ſucceſſo juſtificou algumas vezes a ouzadia de hum genio atrevido. Tal he a marcha conſtante do eſpirito humano, que tem mais obſtaculos para vencer, do que naõ previa; poem a arte patente quando a deve eſconder; cria quando baſta imitar; ajunta

quando he neceſſario ſimplificar; toma empreſtados muitos ornamentos, e faz huma miſtura monſtruoſa de imperfeições, e de bellezas; chega a paſſo vagaroſo ao bello, e raras vezes, e talvez nunca á perfeiçaõ. Os principios do verdadeiro ſe tem eſtabelecido pelo habito, pela reflexaõ, e pela comparaçaõ: vieraõ finalmente eſtes homens raros, que comprehendendo com huma viſta geral todas as partes eſtimaveis, diſperſas, e confundidas em differentes obras, compuzeraõ hum todo regular, que excitou a admiraçaõ, e fixou o goſto. (*) Quanto cuſta para agradar? Eſta he a lei da natureza; a qual pôz o deleite no ſeio do trabalho: mas iſto pede ſer profundado, nem ſe deve olhar como indifferente o exame das diverſas circunſtancias que devem concorrer para o progreſſo das Bellas Artes.

Há muitas eſpecies de difficuldades para vencer; humas, que ſaõ proprias ás Bel-

(*) Muitas vezes baſta que hũ genio ſómente trilhe hum caminho ſeguro para fazer marchar por elle os que ſe applicavaõ a generos differentes: tal foi em França Deſcartes: eſte grande homem póde chamar-ſe entre os Francezes, o que Socrates dizia, que elle era em Athenas, iſto he o *Parteiro dos eſpiritos*.

Bellas Artes, e que ſe chamaõ *difficuldades de execuçaõ*; outras que dependem de cauſas, que lhe ſaõ exteriores. Agora demorar-me-hei na analyze deſtes primeiros obſtaculos.

CAPITULO. II.

Do objecto das Bellas Artes.

PODem-ſe definir as Bellas Artes, *Producçoens do genio imitadas da natureza para nos agradar.* O ſeu fim he de imitar, e agradar. Ora para imitar, he neceſſario *ver*, *ſentir*, *e operar*; para agradar he precizo *eſcolher*, *ornar*, *e diſpor*. A iſto ſe reduzem todos os principios; nada he mais ſimples na eſpeculaçaõ, e nada mais difficil na pratica.

SECÇAÕ I.

Do Talento de ver a natureza.

EM primeiro lugar deve obſervar-ſe a natureza, e iſto pede hum eſtudo particular, cuidados, e talento: com effeito eſte modo de obſervalla he o mais favoravel, mais verdadeiro, e mais ſenſivel. Há huma eſpecie de viſta para a penetrar, que he de algum modo a unica. Vé-ſe muitas vezes outra couſa do que aquillo que he, e meſmo além da forma, com que a natureza no-la apreſenta. A imaginaçaõ zomba algumas vezes dos noſſos ſentidos, e cria objectos ficticios, que ſubſtitue no lugar dos verdadeiros. Fóra diſſo naõ baſta ver a natureza tal como ella ſe produz em hum momento, he neceſſario vela em todas as partes, em todos os ſeus tons, com todos os ſeus effeitos, ſeparada dos accidentes diverſos, q̃ a offuſcaõ, a variaõ, e a transformaõ ao infinito: he neceſſario conſideralla nas ſuas menores partes, obſervar, para aſſim o dizer, as côres locaes, que diſtinguem, e matizaõ cada objecto (á luz q̃ lhe

lhe he propria) digo cada objecto em particular; he preciso ver este objecto á luz que lhe he propria, vello á parte, e separado da vasta ordenaçaõ do Universo. Em fim deve ver-se a natureza com orgaõs puros, exactos, e seguros: estes orgaõs se aperfeiçoaõ pelo habito, pela reflexaõ, e pela attençaõ; porém depende isto principalmente das disposiçoens nascidas comnosco: he preciso ter hum naõ sei que tacto, o qual se naõ póde supprir com o espirito, e com o trabalho, se naõ muito imperfeitamente: as obras dos Artistas daõ a prova do que se acaba de dizer. Quantas vistas debeis, tremulas, e indecisas tem considerado a natureza? He mesmo notavel, que acontece muito de ordinario áquelles que estudaõ, o dar-lhe o seu gosto dominante, o do seculo em que vivem, o do seu paiz, e o dos mestres que os guiáraõ. Huns vem sempre a natureza como huma matrona adamada, ou como huma moça leviana; outros a vem grosseira, e sem ornato; e poucos a consideraõ na sua nobre simplicidade. Em fim comparai as producções dos Poetas, dos Músicos, dos Pintores, dos Escultores, e dos Architetos; as differenças, e os defeitos saõ a este respeito

to taõ palpaveis, e taõ multiplicados, que as peſſoas menos iniciadas nas Artes os percebem, e os deſignaõ: nos ſeculos mais illuminados meſmo raras vezes ſe ſabe ver a natureza tal como ella he; e eſte obſtaculo tem devido ſer, como he ainda, o primeiro, e hum daquelles que mais ſe oppoem aos progreſſos das Bellas Artes.

SECÇAÕ II.

Do Talento do ſentir.

NAõ baſta ver, tambem ſe deve ter o ſentimento, eſta viſta da alma, que percebe os objectos naõ como elles ſaõ mas como deviaõ ſer repreſentados. A imitaçaõ he huma pincelada unica, he hum ponto aonde a Arte, e a natureza ſe reunem, ſe ſervem, e ſe adornaõ mutuamente. He preciſo ſer de repente vivamente penetrado da exacta verdade das couſas que ſe querem imitar; e ſentir depois os meios de as produzir aos olhos, e ao eſpirito. As Bellas Artes naõ ſe occupaõ com o verdadeiro, ſenaõ com o verosimil, nem iſto tem neceſſidade de ſer demonſtra-

demonſtrado : he facil de convencer qualquer , que a induſtria naõ póde por ſi no lugar da natureza , que naõ póde operar pelos meſmos principios , que naõ ſegue as meſmas leis , e que no projecto da imitaçaõ tem huma marcha que lhe he particular. O ſentimento deve ir entaõ ſem guia , he neceſſario , que obre ſem ceſſar , que ſe multiplique ao infinito , e ſe modifique , tanto quanto ſe modifica a meſma natureza. O ſentimento he quem deve apreciala em todas as ſuas operaçõens ; e ſe me he permittido exprimir aſſim , contrafazer a ſua marcha , ſer o ſeu interprete , produzila , e fixala. He elle meſmo quem deve julgar dos meios neceſſarios para a execuçaõ , e ſaber dar effeitos proprios á natureza por outros effeitos , que lhe ſaõ remotos ; achar eſtas relaçoens que parecem eſtranhas ao principio ; reduzilas , polilas , e applicalas ás Bellas Artes , em huma palavra deſcubrir os laços delicados que aviſinhaõ a arte á natureza , que as unem , e as confundem de alguma ſórte.

Há em cada Arte regras ſimples , ſenſiveis , e invariaveis. Eſtes principios fundamentaes ſaõ em pequeno numero , e huma vez inventados cuſta pouco ao ſentimento

mento o comprehendellos, mas encontra-se na prática huma infinidade de obstaculos sem seccar renascentes, e se precisa de hum sentimento vivo, docil, e fecundo em recursos para os vencer. Eis-aqui o que faz a desesperaçaõ dos talentos mediocres, e o triumfo dos genios chamados áquillo que emprenderaõ: pela fôrça deste sentimento natural he, q̃ Lafontaine deo tanta graça, tanto gosto, e liberdade aos seus contos, e ás suas Fabulas; e que Moliere soube mostrar tambem o ridiculo dos costumes do seu seculo; e he ao contrario por falta deste sentimento que tantos Artistas tem naufragado, os quaes possuiaõ os toques mais visiveis, mas faltáraõ-lhe os particulares, e os matizes delicados. Assim ninguem se admire se as Artes tem sido lentas nos seus progressos, e se com o soccorro dos modelos, e dos mestres ainda custa tantas fadigas para as possuir. Tem sido impossivel prever todas as difficuldades para lhes assignar regras, e se deixa ao sentimento o cuidado de desembaraçar-se dellas; ora este orgaõ da alma he mais, ou menos perfeito em huns do que em outros. Em fim quando há o talento de ver, e o de sentir os meios de administrar a

nature-

natureza póde-ſe operar; mas he neceſſario entaõ o habito de huma mechanica, que naõ he o menor obſtaculo, que ſe encontra na prática das Bellas Artes.

SECÇAÕ III.

Do Talento de operar.

OPerar, he realizar aos olhos as producçoens do genio. Em relaçaõ a eſte objecto há regras primitivas, e invariaveis, das quaes ninguem póde apartar-ſe: por mais ſimples que ellas pareçaõ ſaõ o fructo penozo dos tempos, e de huma arrazoada experiencia dos homens célebres, que ſe tem ſuccedido nas Artes. Porém ainda há outras particulares a cada Artiſta, que o exercicio lhe vai ſuggerindo, e he o que conſtitue o ſeu eſtylo, e o ſeu modo: cada objecto pede tóques proprios, e diſtinctos; cada parte de hum objecto tem a ſua maneira de ſer tractada, nem ſe conſideraõ ſómente os objectos, que privativamente ſe executaõ, mas ainda ſe requer attençaõ ao que os accompanhaõ, ao que os procedem, e ao que os ſeguem. Os effeitos, as analogias,

logias, as circunſtancias devem ſer de neceſſidade manejadas: tudo entra aqui em conſideraçaõ; naõ há nada, que naõ tenha hum caracter para ſe comprehender, e manifeſtar. Que de cuidados, que de obſtaculos! A obra da execuçaõ he huma labyrintho aonde ſe confundem mil diverſos caminhos para nos perder; a maxima eſtabelecida por Rouſſeau em hũa das ſuas cartas, he verdadeira; que para ſe acertar nas Bellas Artes, he preciſo operar difficilmente.

Todo o Artiſta deve ter ſempre a natureza diante dos olhos, pois que ella he o modelo a quem procura imitar; deve formar-ſe o ſentimento que há de ſervir de guia na prática: porém he muito ordinario o ardor de operar, e por iſſo ſe cahe entaõ neceſſariamente em hum habito vicioſo, que ſe aparta do verdadeiro, e por conſequencia do bello. Fóra diſto os orgaõs miniſtros do genio naõ tem ſempre a aptidaõ neceſſaria para executar as ſuas ordens: há poucas peſſoas que tenhaõ o talento da execuçaõ, aquellas que o teriaõ, o deſprezaõ pela maior parte, ou porque o ignoraõ, ou porque as circunſtancias lhes naõ permittem dar-lhe uſo: de mais quantos

tos Artiſtas executaõ mal; ſeja porque naõ ſabem ver, nem ſentir, ſeja porque ſe deixaõ conduzir pelo goſto do tempo, ou ſeja em fim porque fógem á extençaõ do eſtudo? Daqui naſcem eſtas producçoens infórmes, e extravagantes, que a natureza reprova, e de que a Arte he fómente a creadora: daqui eſtes modelos perigoſos, e algumas vezes enganadores, que fazem ſectarios, tanto mais zeloſos, quanto elles parecem aplanar-lhes as difficuldades; porém ſe ſe recordaõ dos principios, que acabamos de eſtabelecer

Nada he bello ſenaõ o verdadeiro; ſó o verdadeiro he amavel; o qual deve reinar por toda a parte, e até meſmo na Fabula.

Deſpreaux. Ep. 9.

As Bellas Artes naõ ſe propoem ſómente imitar, querem tambem agradar, e he iſto o que pede huma eſcolha de goſto, e de ordem.

SEC-

SECÇAÕ IV.

Da Arte de eſcolher.

NInguem póde liſongear-ſe de agradar na prática das Bellas Artes, ſenaõ apreſentando ao eſpirito os objectos mais convenientes ao ſujeito, de que ſe tracta: a natureza guarda no ſeu ſeio modelos perfeitos em todos os generos; mas eſtes grandes modelos eſtaõ diſperſos, e ſó parecem deſtinados ao ornamento das figuras principaes. Reinaria muita uniformidade no eſpectaculo do Univerſo ſe tudo foſſe igualmente bello: he preciſo para a perfeiçaõ do todo, que elle tenha contraſtes, e gradaçoens: cada parte tende á perfeiçaõ por matizes differentes, de ſórte que a progreſſaõ das maravilhas ſe veja manejada na ordem ſublime da natureza: mas as Artes naõ ſe propoem imitar de huma vez ſenaõ com porçaõ da pintura, devem demorar-ſe no que há de mais tocante, eſcolher o que he mais agradavel, e mais picante pelo effeito. Huma imitaçaõ feita ſem eſcolha poderá ſer completa em ſi meſma, e parecer com

com tudo inſipida, porque os objectos ſe tomáraõ indifferentemente. Eſta eſcolha he eſſencial, naõ ſó nos aſſumptos grandes, mas ainda nos menores objectos, e neſtas compoſiçõeſ ſingulares, em que a imaginaçaõ parece entregar-ſe aos ſeus caprichos. Nas Artes nada deve ſer produzido ao acaſo; por exemplo, quereis repreſentar hum ſujeito pathetico? he o ſacrificio de Ephigenia? deve fazer-ſe logo huma eſcolha da ſcena, do quadro, dos carecteres, das acçoens, das perſonagens, e da expreſſaõ do ſentimento. Deve-ſe fazer ver a dor em todos os Expectadores, mas há huma dor conveniente a cada hum, que he neceſſario eſcolher: em huns eſta dor he ſómente piedade, e em outros he afflicçaõ; aqui he hum ſimples movimento da natureza, alli he produzida pelo intereſſe, pelo ſentimento, e pelo amor. Eſta eſcolha, hum dos mais ſeguros meios que as Artes empregaõ para agradar, he o fructo da experiencia, unido a hum goſto exquiſito; e he o primeiro caracter das boas obras em todo o genero.

SEC-

SECÇAÕ V.

Da Arte de ornar.

NAõ baſta eſcolher bem: a natureza naõ offerece ſempre modelos convenientes; deve-ſe ainda ornar. Hum habil Artiſta produz muitas vezes entes mais perfeitos do que aquelles que ſe offerecem aos noſſos olhos. Elle eſtuda a natureza em todas as ſuas partes, e das ſuas bellezas eſpalhadas em diverſos ſujeitos compoem huma uniaõ admiravel, faz huma engenhoza exaggeraçaõ, e apreſenta objectos complectos. He o bello veroſimil, que tem a apparencia de verdadeiro, e que tem mais direito de nos agradar. Com effeito as Artes como ſempre ſaõ imitadoras devem evitar o frio, e a fraqueza (defeitos ordinarios das copias ſerviz) excedendo a propoſito, e diſpertando os ſentidos com bellezas além do natural, ainda que pareçaõ ſer imitadas; e iſto he tanto no moral, como no phyſico: hum Poeta deve acabar os caracteres de que a Hiſtoria lhe dá muitas vezes o primeiro debuxo; deve animar as

pai-

paixoens, as virtudes, e os meſmos vicios; fortificallas, (ſe eu o ouzo dizer) e aperfeiçoallas dando-lhe hum plano ſeguido, e viſtas racionaveis. Em fim que ſe ponha o genio em liberdade, que dezenhe grandemente, que invente, ſe he preciſo, propondo-ſe ſempre a natureza por modélo. Mas he neceſſario engrandecer as proporçoens ſem as alterar: intenta-ſe augmentar os modélos, e ſe affeya muitas vezes a natureza em vez de ornalla; apartaõ-ſe della em vez de imitalla: he neceſſario hum dom particular para a affórmozear com tóques, que ella approve; com eſte bello ſimples, q̃ he o ſeu caracter proprio; com eſte fogo que anima, e vivifica tudo; com eſte ardor nobre, que arrebata a alma, e que faz gozar os ſentidos do eſpectaculo da meſma Divindade. Mas quanto he raro alcançar eſte talento precioſo, que cria de alguma ſórte novos objectos para os fazer mais perfeitos, e mais enganadores! He proprio dos vaſtos, e poderoſos genios, que voaõ ao ſublime por caminhos, que elles ſó conhecem.

SECÇAÕ VI.

Da Arte de Diſpor.

O Que acabamos de dizer ténde ás circumſtancias das Artes, e á eſcolha mais conveniente ao objecto que ſe executa: mas iſto naõ baſta para agradar; he preciſo ainda diſpor eſtes objectos, ligallos, e fazer huma uniaõ agradavel. A diſpoſiçaõ de que ſe falla aqui, he huma ordem, que ſe deve dar a todas as couſas, a fim de que os ſentidos, e o eſpirito abraçem facilmente o que ſe lhes apreſenta. Deve-ſe aſſignar a todas as partes de huma compoſiçaõ o lugar, que lhes he mais vantajoſo, obſervar a gradaçaõ, e conſervar o intereſſe neceſſario entre eſtas partes; naõ deve tudo attrahir igualmente a attençaõ; o objecto principal deve primeiro fazer-ſe ſentir, e de algum modo apoſſar-ſe de nós. Os objectos em particular podem ſer da melhor eſcolha, e perfeitos em ſi meſmos, e com tudo naõ produzirem deleite algum, e parecerem frios, e deſagradaveis na ſua uniaõ

uniaõ, ſe elles naõ forem diſpóſtos vantajoſamente: a diſpoſiçaõ he, quem os faz valer, e lhes dá o preço; e he ella o ultimo eſforço da induſtria, e o caracter menos equivoco do talento, e do genio. Com effeito parece que cuſta menos inventar, do que diſpôr; niſto he que as compoſiçoens peccaõ de ordinario. Achaõ-ſe na maior parte das obras, e nas dos noſſos melhores Meſtres, muitas bellezas de circumſtancias; cada parte he trabalhada com cuidado, mas raras vezes ſe vê huma uniaõ perfeita. Sacrifica-ſe a unidade dos objectos, e a gradaçaõ taõ eſſencial das partes ao todo, por bellezas acceſſorias. Faz-ſe perder de viſta o objecto principal, diſtrahe-ſe a attençaõ, e ſe divide. E ſerá taõ difficil o diſpôr? He ſem dúvida: iſto pede viſta geral, para abraçar todos os objectos de huma vez; goſto para dar-lhes o lugar mais conveniente; juizo para naõ exceder nas bellezas das partes; e talento para executar cada couſa em o tom que lhe he proprio. Em fim a diſtribuiçaõ he nas bellas Artes eſte apropoſito, que agrada; eſte naõ ſei que, q. liſonjea; eſta bella harmonía, que encanta; e deve ſer olhada, como o ultimo grao, e como o ſello da perfeiçaõ.

CAPITULO III.

Das difficuldades exteriores ás Bellas Artes para o seu estabelecimento, e para os seus progressos.

TOdos conhecem o que se acaba de expôr: e quantos obstaculos se devem vencer para chegar ao q̃ as Artes se propoem? Só se chega a agradar por meio de muitos trabalhos, e mortificaçoens. Os homens satisfazem facilmente as suas necessidades; mas tudo he contra elles, quando intentaõ crear prazeres.

Com tudo quaesquer que sejaõ as difficuldades, que se encontraõ na prática, naõ saõ comparaveis aos obstaculos, que procedendo de causas estranhas suffocaõ as Bellas Artes no seu nascimento, e fazem morrer o mesmo germe dos talentos.

Estas difficuldades exteriores pódem nascer da natureza do clima, do espirito do governo, ou da situaçaõ dos negocios: hum ligeiro exame fará isto sensivel, e provará cada vez mais, quam numerosas circumstancias devem concorrer contra os pro-

progreſſos das Bellas Artes, e que deve olhar como raro, e muito precioſo o privilegio dos póvos, que gozaõ da ſua preſença, e das ſuas amaveis producçoens.

SECÇAÕ I.

Do temperamento do clima.

NAõ ſe póde duvidar, que a temperança do ar de hum paiz influa muito na inclinaçaõ dos póvos. Aquelles que habitaõ debaixo de hum Céo rigoroſo naõ penſaõ ſenaõ nas ſuas mais urgentes neceſſidades, e raras vezes, ou quaſi nunca nos ſeus prazeres: as Artes; que pedem tantos cuidados, applicaçaõ, e deſcanço, poderáõ ſer cultivadas por homens, que tem ſempre para combater com hum frio exceſſivo; ou por huma Naçaõ abatida debaixo do pezo continuo de hum calor ardente? Nas Regioens temperadas he, onde as Artes deſejaõ fazer a ſua habitaçaõ, e principalmente neſtas Regioens delicioſas, onde a terra ſe cobre de riquezas. Os bellos dias da Primavera, e do Eſtio inflamaõ o genio, e lhe daõ actividade para

ra ſe elevar a grandes couſas. * O gráo de calor, q̃ fazona os germes da terra, he igualmente neceſſario para as producçoens do eſpirito. Há hum fogo proprio para deſenvolver os principios do talento: o ſentimento tem neceſſidade de huma fermentaçaõ, de alguma ſórte como o ſucco das plantas; e a patria mais conveniente ás Artes, he ſem dúvida aquella, aonde reina o temperamento do ar mais proprio a excitar, e vivificar a natureza. Hum clima fertil offerece aos ſentidos, e á imaginaçaõ pinturas agradaveis, e inſpira idéas graciosas. He neceſſario ás Bellas Artes hum eſpectaculo rico, e variado, pois que ellas ſaõ imitadoras. Que modélos poderáõ ellas conſultar em hum paiz coberto ſempre de neves, ou torrado com o ardor do Sol? Viraõ-ſe já mais eſtas filhas do genio naſcer entre os gêlos do Norte, ou debaixo do ardôr do meio dia? A Grecia, a Italia, a França ſaõ os climas, que ellas tem eſcolhido para patentear as ſuas maravilhas; e ſe algumas vezes ſe moſtráraõ em Regioens contrarias

* Refere-ſe como huma obſervaçaõ do meſmo Milton, que o ſeu eſpirito produzia melhor em huma Eſtaçaõ, do que em outra.

rias á ſua origem, apênas appareceraõ como paſſageiras, ou como eſtas plantas eſtranhas, que ſe tranſportaõ a grande cuſto, mas que naõ deixaõ vergonteas. As Bellas Artes filhas da imaginaçaõ ſeguem o caracter dos póvos, que as cultivaõ: ſaõ ardentes, e furioſas, levadas debaixo de hum Céo ardente; vivas, e inquietas, em hum paiz calmoſo; tranquillas, e moderadas, em huma Regiaõ temperada; frias, e languidas, em hum clima geládo; degeneraõ, ou ſe aperfeiçoaõ de ordinario ſegundo a natureza dos lugares, aonde ſaõ tranſportadas: mas o eſpirito do governo he, quem déve ſobre tudo contribuir para os ſeus progreſſos.

SECÇAÕ II.

Do eſpirito do governo.

AS Bellas Artes tem neceſſidade de ſerem acolhidas, e excitadas. He preciſo, que ellas procurem aos que as cultivaõ recompenſas, e honras. Pela emulaçaõ he, q̃ ſe engrandecem, e ſe aperfeiçoaõ; deſejaõ ſer ſempre acariciadas; e como

mo ſe occupaõ nos noſſos prazeres, querem tambem que ſe occupem na ſua conſervaçaõ, e abandonadas hum momento deſapparecem logo.

Há paizes que empregaõ no cõmercio todos os ſeus habitantes, onde as leis prohibem o ſuperfluo, onde o trabalho he neceſſario, onde naõ há deſcanço para a occupaçaõ das couſas de agrado, nem para ſe fazer hum eſtudo dos ſeus prazeres; alli raras vezes ſe pódem moſtrar as Artes; porém fazem-ſe cortezãs dos Principes amadores, que lhes eſtendem huma maõ favoravel. Moſtraõ-ſe em eſpectaculo a huma Naçaõ, que ſe cança em applaudillas; enchem o doce deſcanço deſtes particulares opulentos, que dividem com ellas o ſeu tempo, e a ſua fortuna. Que fariaõ as Bellas Artes entre os avaros Carthaginezes? Huma Naçaõ ſevéra, que ſó admitte coſtumes rudes, e ſalvagens, que naõ tem outras virtudes, que aquellas que endurecem, e fatigaõ os homens: huma Naçaõ tal rejeita pelo eſpirito do ſeu governo as Bellas Artes, cujo objecto he fazer a ſociedade mais doce, e mais agradavel. Igualmente hum pôvo ſempre em acçaõ, para augmentar as ſuas riquezas, e o ſeu poder, que naõ co-

conhece outra induſtria, que a do commercio; outra paixaõ, que o intereſſe; aparta de ſi as Bellas Artes, que poderiaõ diſtrahillo, e fazello goſtar os encantos do repouſo.

As Artes querem ſer attrahidas, e convidadas pelos Principes; nem apparecem, ſenaõ quando eſtaõ ſeguras de agradar nos eſtados, em que o governo lhes he favoravel; e nos tempos em que a ſituaçaõ dos negocios he propria para os ſeus exercicios, e para os ſeus jógos.

SECÇAÕ III.

Da ſituaçaõ dos negocios.

HUm Imperio naſcente que vacilla ſobre os ſeus fundamentos ainda mal ſeguros, naõ póde dar aos ſeus prazeres os cuidados devidos á propria conſervaçaõ, e á ſua elevaçaõ. * As Bellas Artes fogem eſpavoridas para longe de

* Os Romanos começáraõ a cultivar, e amar as Bellas Artes, logo que tranſportáraõ o tribunal das ſuas guerras á Grecia, á Africa, á A-

de huma Naçaõ entregue aos horrores de guerras inteſtinas, ou ſempre agitada pela ambiçaõ dos ſeus viſinhos. Hum póvo na pobreza, eſcravos que gemem debaixó do jugo de hum ſenhor duro, e barbaro, naõ ſacrificaõ a eſtes deozes o goſto, e os talentos. As Muſas naõ vem recrear eſtes homens duvidóſos da ſua ſórte, errantes, e ſalvagens, que vaõ regar com o ſeu ſangue quaſi todas as Regioens da terra; e hora vencedores, hora vencidos, daõ, e recebem alternativamente ferros. No ſeio da paz, no meio da abundancia, e entre os braços da gloria, he, que as Bellas Artes fixaõ a ſua amavel habitaçaõ: o ſeu deſtino he decantar tranquillas á ſombra dos loureiros, o poder dos Soberanos, a felicidade dos póvos, e os prazeres, que vóaõ ſobre os ſeus paſſos. Ellas poem o cume á magnificencia dos grandes imperios, annunciaõ o mais alto ponto da ſua elevaçaõ,

---

Aſia, e á Heſpanha: e quando as batalhas naõ decidiraõ mais da conſervaçaõ da Republica, mas ſómente da ſua gloria, e da extenſaõ do dominio.

Et poſt Punica bella quietus quaerere coepit,
Quid Sophocles, & Theſpis, & Æſchylus utile
ferrent?

çaõ, e coróaõ de algum modo os seus triumfos.

Nós temos indiçado a marcha do espirito humano no estudo das Bellas Artes, e temos exposto as principaes condiçoens, que devem reunir-se para os seus progressos, e para o seu estabelecimento. Tem-se visto, quantos obstaculos há para vencer nesta carreira, onde tudo de alguma sórte concorre para nos suspender, e para nos desviar da sua róta. O gosto he huma luz, que purifica só com o tempo, e por degráos quasi insensiveis. Hé o fogo das Vestaes, ao pé do qual he preciso vellar sempre. Esta tocha divina, esta flamma do genio, o gosto em huma palavra, facilmente se altéra, se obscurece, e se extingue, quando se lhe naõ dá sempre a mesma attençaõ, e os mesmos meios para o entretêr, e para o conservar.

CAPITULO. IV.

Cauſa da decadencia do goſto nas Bellas Artes.

NO's naõ daremos aqui por motivos da decadencia do goſto a mobilidade das couſas humanas, que naõ pódem ſuſtentar-ſe no meſmo ponto; a neceſſidade que há de deſcer, quando ſe tem chegado ao cume da grandeza, e da perfeiçaõ; * as influencias do ar, e mil outras cauſas occultas, aturdem a razaõ ſem a ſatisfazerem. Mas taes ſaõ os ſignaes, que ſe pódem olhar como funeſtos correios da revoluçaõ do goſto nas Bellas Artes; a negligencia do eſtudo da natureza, o deſejo de ſe ſingularizar, o amor da novidade, a parcialidade dos Protectores, o luxo da imaginaçaõ preferido ao bello ſimples do genio, e em fim a perturbaçaõ nos negocios públicos.

SEC-

---

* Tal he a ſórte das couſas humanas (diz Cicero) a ſua elevaçaõ annuncia a ſua queda, quando tem chegado ao ponto da ſua grandeza. *Invidia factorum ſeries, ſummisque negatum Stare diu.* Lucan.

SECÇAÕ I.

Negligencia no eſtudo da natureza.

OS eſtudos que tem conduzido ao deſcubrimento das Artes, ſaõ igualmente neceſſarios para a ſua conſervaçaõ. A bella natureza he em todos os tempos o noſſo modélo; o que ſe naõ deve deſprezar, porque temos diante dos olhos as obras dos grandes Meſtres. Eſtes homens célebres pódem fazer mais faceis os meios de a obſervar, de a ſentir, e de a copiar; porém naõ nos devemos izentar de conſultalla, e de recorrer ſempre a ella. Com effeito nós naõ admiramos os ſeus Chéfes de obra, ſenaõ porque elles moſtraõ a imitaçaõ da natureza; mas tal he o abuſo geral: conſultaõ-ſe as copias, e ſe deixaõ os modélos. Obſervaõ-ſe os fragmentos eſtimados, que tem ſahido das maõs dos Artiſtas, como ſe fizeſſem o objecto principal do trabalho; e a natureza he olhada como hum eſtudo acceſſorio. Por huma illaçaõ neceſſaria deſta inconſequencia, ſe adoptaõ os defeitos dos outros, e ſe degradaõ as bellezas da

Ar-

Arte, querendo appropriar-se as dos Artistas. Este fogo creador do genio, que se toma da natureza, extingue-se pouco a pouco; substituem-se entes de imaginaçaõ a entes reaes: já entaõ se naõ vê mais recrear o Espectador com o prestigio da Arte disfarçada debaixo das feiçoens da natureza: nem diz mais no transporte da sua admiraçaõ, *como isto he verdade! como isto he sensivel!* Apênas friamente faz o elogio do talento, e do espirito do Artista: *Isto he*, diz elle, *no estylo de hum tal Mestre*; isto he, *no gosto de huma tal escola*. Fraco louvor, e que parecerá huma verdadeira reprehensaõ a todo o espirito sensato. O homem de genio esgota as bellezas das suas obras na natureza, e naõ póde ser comparado, senaõ comsigo mesmo. Digaõ-me com quem se parece Homero, Raphael, Moliere, Corneille, e Lafontaine? Talvez que estes genios poderosos naõ fossem, o que elles saõ se os tivessem precedido outros genios, como elles. Esta reflexaõ talvez pareça atrevida; porém se se der attençaõ a isto, accontece muito de ordinario, que hum grande nome produz muitos imitadores. Hum Chefe de obra da Arte limita os talentos, captivando a admiraçaõ,

çaõ; eſquece-ſe a natureza para eſtudar as producçoens de hum grande Meſtre; e como he neceſſario, que as copias ſejaõ inferiores aos originaes, huma turba de fracos Artiſtas marchaõ no ſeguimento de hum homem grande.

O imitatores ſervum pecus?

Horacio.

A ſervil admiraçaõ, que faz deſprezar o eſtudo da natureza, póde ſer olhada, como huma das primeiras cauſas da decadencia do goſto.

SECÇAÕ II.

Deſejo de ſe ſingularizar.

O deſejo de cada hum ſe aſſignalar, que he hum dos motivos mais louvaveis, e dos mais efficazes para o progreſſo das Bellas Artes, póde ſer tambem huma das cauſas, que prejudicaõ mais a ſua gloria, e a ſua conſervaçaõ. Com effeito entre tantos rivaes, que correm a meſma carreira, naõ há hum, que naõ procure fazer-ſe eſpectavel: nem todos tem o genio, e o talento neceſſario para chegar a eſte fim; mas há tal, que pelas ſuas intri-

tigas de algum modo, e pela ſua ſingularidade attrahe a ſi os olhos dos Eſpectadores; cedem aos gritos da multidaõ, que pede o novo; e chegaõ em fim pela ſua criminoſa complacencia a formar para ſi protectores, e admiradores. He verdade, que eſtes ſucceſſos brilhantes ſaõ de pouca duraçaõ; iſto he, para o dizer aſſim, huma moda, que ſe poem em voga, e que deve ſer logo abolida para dar lugar a outra mais ridicula; mas elles tem feito fallar de ſi por algum tempo, e iſto lhes baſta. A imaginaçaõ lhes fornecerá nóvos recurſos para captivar a attençaõ do público: fazem o papel de Proteo; tomaõ huma nóva fórma, quando a que tem naõ faz mais impreſſaõ.

SECÇAÕ III.

Do amor da novidade.

ESte amor da novidade he ſobre tudo notavel neſtes tempos, em que o póvo aſſáz iniciado nos myſterios das Bellas Artes para reprehender os defeitos, mas ſempre muito ignorante das verdadeiras fontes do bello, pertende julgar de

de tudo, e pertende abater o que o naõ admira: he necessario entaõ picar o seu gosto enfastiado offerecendo-lhe cousas estravagantes, e que se apartaõ das obras q̃ lhe saõ conhecidas. Nestas circumstancias hum homem célebre leva o estandarte da reforma, (desculpem-me este termo) e aproveita-se da confiança, que lhe tem merecido os seus conhecimentos, a fim de fazer sortir effeito o seu gosto pelo singular, e pelo ouropel: a sua ambiçaõ he de ser auctor de huma revoluçaõ, e chéfe de hum partido numeroso: faz sectarios bem depressa; e os elogios prodigados ás suas obras lhe attrahem hum grande numero de admiradores, e de fracos copistas. * Desde entaõ os grandes principios se aniquilaõ; o espirito se poem no lugar do sentimento; faz-se huma prática viciosa; naõ se conhece outra lei, que a fantazia; apparece inteiramente a Arte; e em fim se prefere o luxo da imaginaça aoõ bello simples, e como diz Rousseau, *O enojo do bello nos faz amar o feio.*

* Tal foi Seneca entre os Romanos; os seus desci-

SECÇAÕ IV.

Do luxo da imaginaçaõ.

TOdos os esforços das Artes naſcentes conſiſtem em ſe aviſinharem á natureza; e por huma contrariedade extravagante, logo q̃ as Artes tem chegado ao ſeu cume naõ tendem mais que á partarſe della. O caracter menos equivoco da barbaridade he eſte amor dos ornatos, que opprimem, e ſuffocaõ o goſto: porque fatalidade ſe procura eſte habito vicioſo nos ſeculos mais illuminados? Eu deſcubro as razoens no amor proprio, e na preguiça. O amor proprio ſe accommoda voluntariamente a eſtes caprichos da imaginaçaõ; a eſtas falſas gentilezas, que deſcobrem a fraqueza do genio. Os pequenos talentos deſejaõ involver-ſe neſtes nadas brilhantes que enganaõ: a priguiça horrorizada dos esforços contínuos, que de-

deſeitos eraõ amaveis, e lhe conciliáraõ ſectarios. Ella naõ tinha eſte genio ſó excellente em hum genero, mas eſta facilidade de eſpirito, que brilha em todos.

devem fazer-se para chegar ao bello simples, que he o mesmo sublime das Artes, adopta este gosto de ornamentos, para o qual naõ hé necessario mais, que huma especie de habito. O povo se recreia com o espectaculo sempre novo, que se lhe apresenta, engana-o com bellezas apparentes, e o Artista abandona a natureza com tanta mais vontade, quanto o seu acesso he sempre difficil, e laborioso: mas tenhamos o valor de protestar contra as emprezas do máo gosto, e consignemos nos nossos escriptos a regra essencial do bello. Esta regra he facil de saber-se; pois naõ he outra, que a bella simplicidade da natureza: sem trabalho ella naõ vem ferir a admiraçaõ, mas se alguem a descobre, e se demora em contemplalla, naõ tardará em agradar-lhe, e a interessar; despertará hum sentimento de prazer, e de affeiçaõ, que até alli se ignorava. Nesta simplicidade sente-se hum attractivo delicioso; percebe-se huma magestade, que arrebata a alma, e hum sublime que a encanta: ella naõ deixa desejar mais; e isto he sem dúvida a prova mais completa da perfeiçaõ. Em huma palavra he preciso, que as Bellas Artes despertem em nós o sen-

timento ; e saõ viciosas , quando excitaõ apênas huma admiraçaõ reflectida. Se este gosto , que he o unico verdadeiro , naõ for a primeira cousa , que se procura , he porque o simples se naõ fez conhecer pela sua mesma qualidade , que consiste em ser sem esplendor. O composto , pelo contrario , e o ouropel querem , para o dizer assim , mendigar as attençoens , e os votos da multidaõ. Mas , eu o repito , a essencia do verdadeiro , ou do bello , he o simples. Quem quizer convencer-se disto , observe os chéfes de obra dos grandes Mestres , que todos elles tem este caracter : assim fique estabelecido, como cousa certa , que a paixaõ pelo brilhante he o golpe mais funesto para as Bellas Artes. Reunaõ os amadores illuminados a sua voz para dizer aos Artistas : Estudai a natureza , imitai a sua nobre simplicidade. Pertenderaõ elles dar-nos alguma cousa mais perfeita ? *A melhor imitaçaõ* (diz Aristoteles) *he a mais simples : e a menos simples he sem contradicçaõ a que quer imitar tudo. Cousa estranha* (exclama Voltaire) *que em todas as Artes seja só depois de muito tempo , que se venha finalmente ao natural , e ao simples.*

SEC-

SECÇAÕ V.

Parcialidade dos Protectores.

A Protecçaõ taõ util ás Bellas Artes, quando he allumiada pelo goſto, e pelo diſcernimento, lhes vem a ſer pernicioſa, quando he feita ſem eſcolha, e com parcialidade. Toda a ſórte de talentos merecem ſer animados neſtes tempos de ignorancia, em que fazem esforço para deſcubrir as fontes do bello. Mas nos ſeculos illuſtrados pelas obras luminoſas dos genios, que tem voado á perfeiçaõ em todo o genero, parece que a attençaõ das peſſoas do primeiro emprego deveria conſiſtir em naõ deixar tomar rotas novas áquelles, que ſe empenhaõ na carreira das Bellas Artes. Com tudo a maxima contraria ſe eſtabelece inſenſivelmente, e como por neceſſidade. Com effeito; as recompenſas eſtabelecidas para os Artiſtas, e a facilidade, que há em cultivar os talentos, ou ao menos de o moſtrar apparentemente, formaõ bem depreſſa ſociedades, que tem cada huma o ſeu Mecenas. Eſtabelece-ſe entaõ hum commercio

cio de elogios, e de beneficios; commercio util aos alumnos das Artes, e agradavel áquelles, que as protegem. Ao exemplo deſtas aſſembléas compoſtas de hum pequeno numero de homens privilegiados naſcem Academias privadas para aquelles, que naõ foraõ admitidos nas primeiras: cada hum deſtes corpos procura ſer ſuperior, e os membros deſtas pequenas parecem adoptar por diviſa: *Ninguem terá talento fóra de nós, e dos noſſos Amigos.* Com effeito; as menores producçoens celebraõ-ſe com complacencia, e com enthuziaſmo pelos ſectarios do Auctor: uza-ſe da intriga, para que ſe ſiga o effeito; e o genio mais fraco, eſtribado aſſim, toma o ſeu voo: quanto maior he a ſua temeridade, mais he applaudida: vem a ſer o temerario Faetonte, que ſe encarrega de allumiar o Univerſo.

He facil conhecer, que a natureza, e as obras dos ſeus felizes imitadores, ſe ſacrificaõ entaõ ao eſpirito do ſeculo, aos votos do circulo, e ao goſto do Protector. Infeliz o homem de genio, que ſem intriga, e ſem ſoccorro eſtranho pertende ſuſtentar-ſe ſó com os ſeus talentos; he verdade que os ſeus chéfes de obra admirados do pequeno numero de ſábios,

e de bons conhecedores faraõ os seus prazeres, excitaráõ a admiraçaõ dos estrangeiros, e seráõ as delicias da posteridade: mas este homem grande estranho na sua pátria, privado das honras, e das recompensas devidas ao merecimento, terá hum grande número de imitadores, e de sectarios? Naõ sem duvida: os nossos Artistas hiraõ tomar liçoens do amador injusto, e opulento, que pertenderá ter o direito de os dirigir, accumulando-os de beneficios. Será preciso que imprimaõ nas suas obras o sello da sociedade, a que foraõ admittidos; seraõ em fim obrigados para a sua fortuna, e para captivar a admiraçaõ dos seus contemporaneos, a abandonar os grandes modélos, e a sacrificar ao *Neologismo*, ou á novidade caprichoza este idolo do seculo, nascido do falso lustre do espirito, e da orgulhosa opulencia. Como se escapará a esta causa da depravaçaõ do gosto, de que os Artistas tiraõ, fóra disto, tanta vantagem, e ainda menos perigosa, do que a indifferença universal para as Artes, que aniquillaria, e sepultaria os nossos costumes na noute da barbaridade. Parece, que hum povo vaidoso de ter achado o verdadeiro, naõ quer dar-se mais ao trabalho,

e

e aos movimentos neceſſarios para o renovar: naõ he porque ſe ignore a via, que póde alli conduzir; porém he muito longa, ou muito penoſa, e além diſſo ſe tem feito inculta, e abandonada.

A abundancia cria as Artes, eſtas a ſeu tempo trazem o luxo; e o luxo naõ ſe accõmoda mais com a ſimplicidade dos noſſos pais: eſta ſimplicidade naõ parecerá ſenaõ pobreza aos olhos coſtumados ao falſo eſplendor do ouropel: por huma conſequencia fatal, a tudo ſe pertende dar o tom do ſeculo; ou ſe ainda ſe eſtima o bello ſimples, he neceſſario de algum modo affectar a auſteridade de hum Filoſofo melancolico. Em huma palavra, naõ ha ſenaõ hum unico momento para a perfeiçaõ. Se conſultarmos a Hiſtoria, ver-ſe-há, que eſte inſtante favoravel he aquelle, em que o povo ſahe das trévas da ignorãcia; aquelle, em que os eſpiritos animados pela fermentaçaõ das guerras ſaõ avidos de gloria, e naõ achaõ nada impoſſivel para a adquirir: he ainda o momento, que precede o Reino do luxo, aquelle em fim, em que o bello ſimples he honrado. Mas ſe a experiencia dos ſeculos paſſados póde alguma couſa em nós; ſe ſe julga ainda, que a natureza he o noſſo modélo; ſe

ſe

ſe crê, que o ſeu caracter principal he huma nobre ſimplicidade; e que eſta qualidade amavel he a perfeiçaõ das Artes, aſſim como a dos coſtumes; fixemos o goſto, ſe he poſſivel, ligando-nos a eſtes grandes principios.

SECÇAÕ VI.

Revoluçoens no governo.

PO'de-ſe ajuntar, como nova cauſa das revoluçoens do goſto, a mudança, que accontece no eſpirito do governo, e nas ſituaçoens dos negocios publicos. As ſciencias, e as Artes que laõ de alguma ſórte a alma do corpo politico do Eſtado, participaõ de todas as ſuas revoluçoens; aſſim como o noſſo eſpirito he ſujeito de ordinario ás variaçoens do noſſo temperamento. Póde-ſe meſmo dizer, q̃ naõ he hum methodo abſolutamente inutil o de procurar conhecer pelos fructos do genio, qual he a conſtituiçaõ de hum imperio. As producçoens de hum povo ſervem ao menos de moſtrar o ſeu eſpirito, o ſeu goſto, os ſeus coſtumes, e a ſua inclinaçaõ. O

Laconiſ-

Laconiſmo de Lacedemonia, o ſeu deſprezo pelas Artes podia indicar, q̃ eſta Republica procurava o eſſencial, e nada além diſto: era hum Eſtado aonde tudo ſe regrava com o maior rigor, e que ſó concedia á natureza, o que lhe naõ podia recuſar: o prazer, e os ſentimentos, q̃ lhe produziaõ, eraõ de alguma ſórte deſterrados dalli. Os outros póvos da Grecia dados ás Artes deviaõ ter coſtumes mais doces, e formar huma ſociedade mais agradavel: a perfeiçaõ das obras, q̃ ſahiaõ das ſuas maõs, podia moſtrar a ſua paciencia no trabalho, e o ſeu goſto pela gloria. Que magnificencia nos coſtumes dos Romanos, que mageſtade neſte povo, e ao meſmo tempo que nobre conſtancia, a julgar-ſe delle pela pompa da ſua eloquencia, pela grandeza, e pela ouzadia dos ſeus trabalhos. As producçoens dos Inglezes nas ſciencias, e nas Artes naõ ſaõ huma viva imagem dos ſeus coſtumes, e do ſeu governo? Alli ſe ve hum genio melancolico, mas profundo; huma liberdade altiva, e indomita, que conhece pouco as leis; huma liberdade deſenfreada que os faz confundir, o que há de mais baixo, com o que he mais ſublime. Os Francezes ſaõ do meſmo modo repreſentados propriiſſimamente

te nas ſuas obras: a docilidade do ſeu caracter, e a ſubtileza do ſeu eſpirito ſaõ dignos de reparo, em huma attençaõ continua para ſe naõ apartarem do ſeu objecto, para ornallo, e para o aperfeiçoar. O genio naõ apparece ordinariamente, ſenaõ em hum Eſtado livre, onde o cidadaõ ſe póde entregar ſem receio a todo o fogo das ſuas idéas; mas o eſpirito, que em muitas circumſtancias naõ he, ſenaõ o genio modificado, e captivo pelas leis da decencia, he tudo o que comummente ſe deve eſperar no governo, onde ha huma politica exacta em toda a ſorte de exceſſos; e eſte he o eſpirito proprio dos Francezes.

Entre a conſtituiçaõ, e o eſpirito de hum Eſtado ha hum vinculo neceſſario; a alteraçaõ que accontece, em huma das ſuas partes he igualmente perigoſa para a outra. O corpo do meſmo modo ſe reſente das enfermidades da alma, e reciprocamente a alma das do corpo. Pode-ſe augurar pela mudança do goſto nas Artes, as que devem accontecer nos coſtumes; e deſtas as do governo; e igualmente pelas revoluçoens do governo, as que ameaçaõ as Artes. *Debaixo dos maiores Principes he que as Artes tem ſempre florecido* (diz

Vol-

Voltaire), *e a ſua decadencia he muitas vezes a época da decadencia de hum Eſtado.*

Ha finalmente huns tempos, em que os Soberanos orgulhoſos pelo ſeu poder, e julgando naõ ter mais que recear das Naçoens viſinhas, fazem ſentir aos ſeus meſmos póvos o pezo deſta auctoridade, de que lhes ſaõ devedores. He difficil, que o diſpotiſmo ſe naõ forme no ſeio da grandeza, e da abundancia. As vontades do ſoberano, e dos ſeus Miniſtros ſaõ, neſtes tempos difficeis, leis abſolutas, diante das quaes tudo ſe deve abaixar. Tal he a pintura, que a Hiſtoria nos offerece ſucceſſivamente nas revoluçoens dos grandes Imperios. O colloſſo do poder, que ſe tem formado das ruinas de muitos Eſtados, e depois da eſcravidaõ vergonhoſa dos Vaſſallos, he entaõ o objecto do culto publico. Todas as fortunas, todas as honras, os titulos, as dignidades, as condiçoens eſtaõ aos pés do Idolo: he preciſo incenſallo; he preciſo ſer ſeu eſcravo para obter algum beneficio. Vede Roma no mais alto gráo do ſeu poder: os ſeus Imperadores, e os ſeus valídos deraõ os ſeus caprichos por oraculos; e a ſua auctoridade do meſmo modo, que a ſua ambiçaõ, foi cé-

ga,

ga, e ſem limites: aniquillaraõ tudo o que os incõmodava: foraõ prohibidas as aſſembléas do povo; o Senado abatido; as Sciencias, e as Artes proſcriptas, e deſprezadas; os Sábios, e os Filoſofos deſterrados, e perſeguidos: temiaõ-ſe as luzes do eſpirito; entregaraõ-ſe ás chammas os eſcriptos, em que o vicio, e as virtudes ſe pintavaõ com as ſuas proprias côres; perderaõ-ſe os Auctores mais veridicos; o genio intimidado ſe resfriou logo, e ſe extinguio nos horrores da eſcravidaõ. Aſſim o diſpotiſmo he o mais cruel inimigo das Artes, e o flagello dos talentos. Mas lancemos o véo a eſte triſte eſpectaculo para conſiderarmos ſómente os agrados, e o proveito, que a preſença das Bellas Artes derramaõ na ſociedade.

CAPITULO V.

Vantagens, que as Bellas Artes procuraõ.

SECÇAÕ I.

Ellas illuminaõ o eſpirito.

FRequentemente ſe tem repreſentado as Bellas Artes com huma tocha, ſimbolo feliz da luz que eſpalhaõ. De ordinario ſaõ ellas as primeiras, que ferem as trevas da ignorancia; e os ſeus raios fórmaõ a brilhante Aurora, que annuncia a hum povo o formoſo dia da ſua gloria, e da ſua felicidade. Diante dellas deſapparecem os vergonhoſos prejuizos que eſcureciaõ, e deshonravaõ a razaõ. Fazem naſcer o goſto, eſte inſtincto vivo, e puro, que nos illumina á cerca do verdadeiro: communica-nos de algum modo hum ſexto ſentido, nova fonte de luz, orgaõ de prazeres, ſempre naſcentes, e tanto mais deſejados, quanto ſaõ inalteraveis. A doce claridade, que daõ a todas

as partes do Univerſo faz ſentir melhor a ſua ordem, a ſua belleza, e a ſua magnificencia: convidaõ a alma a ſahir de ſi meſma, e a divagar pelos prodigios da natureza juntos, e reproduzidos aos noſſos olhos pelo ſeu poder encantador. A ellas he que pertence em huma palavra, deſpertar a indolencia dos homens indifferentes ácerca das maravilhas, que os rodeaõ por todos os lados. O povo póde tomar parte nos myſterios das Bellas Artes, as quaes como amigas, e rivais da natureza, tomaõ empreſtada a ſua voz para ſe fazerem eſcutar; fogem da linguagemm obſcura, qué faz a maior parte das ſciencias de hum acceſſo taõ difficil: póde-ſe meſmo dizer, que ſaõ os correios, e o mobil de alguma ſórte, de todos os goſtos, de todas as ſciencias, e de todos o talentos. Com effeito; he huma nota atteſtada pela experiencia, que os homens grandes em todo o genero ſaõ contemporaneos. Parece, que as Artes excitaõ a emulaçaõ em todas as profiſſoens: porém he pouco para ellas, o excitar os talentos; fazem ainda mais; o ſeu methodo he o de inſtruir pela voz do ſentimento, e encantar os noſſos ſentidos, illuminando-nos o eſpirito.

SEC-

SECÇAÕ II.

Polem os coſtumes.

QUe Naçaõ, por mais barbara, poderá ſer inſenſivel aos ſeus doces concertos? Orpheo ſe fazia ſeguir dos animaes mais ſalvagens, adoçando a ſua ferocidade com os ſons da Lira. Tal he o effeito das Artes: polem os coſtumes; corrigem a aſpereza de hum natural groſſeiro; fazem a ſociedade mais agradavel; e lhe eſtreitaõ mais os ſeus vinculos. Com effeito, os homens abandonados a ſi meſmos, ſaõ de hum caracter agreſte, ſimilhantes aos fructos da terra, que ſó produzem hum ſucco acre, e deſagradavel, ſe a cultura os naõ corrigir, e adoçar. De que horroroſo exceſſo ſe naõ faz cumplice hum povo, quando ignorando as Artes, e tudo o que o póde entreter em hum doce repouſo, ſe deixa totalmente martirizar pelo brutal furor das ſuas paixoens? * Parece naõ conhecer en-

* Conta Polybio, que os Arcades tinhaõ or-

ce-

então outro merito que a força, e até lhe dá o sagrado nome de virtude (*virtus*) Faz consistir toda a sua gloria nas rapinas, e na mortandade; o seu heroismo consiste em ser o flagello dos visinhos, e o exterminador das Naçoens. Que systema de gloria bem differente nos dão as Artes! Ellas nos fazem conhecer, que na humanidade, este predicado por excellencia, que nos destingue essencialmente dos animaes, he que nós devemos pôr a nossa ventura. O' humanidade, mãi do sentimento. E's tu, quem faz o nosso mais a-

---

denado por huma lei expressa o estudo da Musica, de sórte que a negligencia a este respeito era hum crime de Estado O Legislador tinha olhado esta Arte, como propriissima a adoçar os costumes, e fazer a sociedade de hum commercio mais agradavel, e de hum espirito mais benefico. Tal era o caracter desta Naçaõ. Os habitadores de Cynaite foraõ os unicos entre os Arcades, que desprezáraõ esta lei, e por isso se fizeraõ conhecer só pelos seus vicios, e pela sua ferocidade.

Os Gregos do mesmo modo assentavaõ neste principio, que as Artes saõ essenciaes á boa educaçaõ. Todos sabem, que este povo se escandalizou da ignorancia de Temistocles a respeito da Musica: os seus talentos militares, e as suas victorias naõ lhe tinhaõ dado direito de naõ saber tocar a lira.

mado apanagio ? E's tu quem deo ao mundo as Artes (*humanæ Artes*) nobres recreaçoens da razaõ , mais dignas de occupar o homem , do que os exercicios de hum inſtincto brutal , que faria deteſtar a meſma virtude , pelo ſeu groſſeiro exterior , ſe foſſe jámais capaz de a produzir ? Naõ : a virtude , obra do ſentimento , fructo da reflexaõ , naſcida no ſeio da humanidade naõ apparece nunca nos tempos de trevas , e de barbaridade. A força groſſeira , huma valentia cruel , huma temeridade inſenſata ; eis-aqui as virtudes dos Viſigodos , e deſſes barbaros , que inundáraõ , como huma torrente , as noſſas Regioens. Como poderiaõ elles ter no noſſo ſeculo hum Apologiſta ? Nada he mais glorioſo ás Artes , do que as cenſuras , que ſe cançaõ em fazer-lhes. Ellas obrigaõ os homens a deixar até as apparencias do vicio , a mudar de coſtumes muito rudes , a tomar hum exterior mais meigo , e a fazerem-ſe affaveis ; ellas lhes communicaõ finalmente eſta amavel politica , que une os homens entre ſi , e que parece dar-lhes eſta igualdade precioſa , que elles perderaõ ſem dúvida nos dias da deviſaõ , e da diſcordia , onde a força decidia das dignidades. Tem-ſe abuſa-

do

do das meſmas armas das Sciencias, e das Artes para nos convidar a deixallas, ou ao menos a envergonharmo-nos do ſeu eſtudo: porém eu appello para o ſentimento. Os noſſos eſpectaculos cauſaráõ mais corrupçaõ nos coſtumes, que a liberdade deſenfreada das guerras? Seráõ mais temiveis os Sábios, e os Artiſtas, do que os homens, cuja occupaçaõ he a de pôr tudo a fogo, e ſangue? A ambiçaõ de hum Principe, que cultiva as Artes, ſerá mais perigoſa, que a de hum Atila, de hum Thamaskoulicaõ? Os raciocinios, os meſmos ſofiſmas de hum Filoſofo ſeraõ mais pernicioſos á Religiaõ, do que o fanatiſmo da ignorancia, que tem produzido os maiores crimes, e as maiores deſordens na Igreja, e no Eſtado? Noſſos Pais que faziaõ morrer os pertendidos feiticeiros, multiplicando aſſim com perſeguiçoens eſtes homens ruſticos, e talvez illudidos de ſi meſmos, eraõ mais ſábios do que nós, que os temos deſtruido, mofando da ſua extravagancia? Era cada hum menos enganado á cerca dos ſeus deveres, neſſes ſeculos infelices, onde tudo era arbitrario? Era-ſe mais fiel ao Rei, quando cada Senhor lhe uſurpava os direitos, e o poder? Mais feliz, quando

os Vaſſallos eraõ reduzidos á condiçaõ de ſervos, e de eſcravos? Os homens conhecem-ſe menos no meio do dia, que os allumia, do que nas trevas da ignorancia? Naõ he iſto tudo relativo? E ſe huns achaõ nos noſſos coſtumes, e na noſſa induſtria mais meios de diſſimular os ſeus laços, os outros naõ tem ao meſmo tempo mais experiencia, e ſagacidade para os deſcubrir? A politica, que as Artes nos trouxeraõ, naõ tem jámais abuſado ninguem. Algumas vezes tem dado ao vicio o véo da virtude; mas eſta meſma neceſſidade, em que ella tem poſto os criminoſos, de occultarem o ſeu caracter, lhe faz o elogio. Ella habitua muitas vezes os coraçoens mais duros a ſerem ſenſiveis aos encantos da humanidade; e por huma mudança aſſaz ordinaria, de imitadores da virtude ella os faz virtuoſos: e ainda que o fundo do natural ſeja incorrigivel, ao menos o exterior o naõ he. E como os homens ſó ſe conhecem pela ſuperficie, tudo entrará na ordem, podendo-ſe reduzir os que ſaõ naturalmente ridiculos, ou vicioſos, a naõ o ſerem, ſenaõ dentro de ſi meſmos.

SEC-

SECÇAÕ III.

As Artes reunem os homens.

O Deſejo da natureza he, que os homens ſejaõ unidos entre ſi: as paixoens ſaõ os meios mais ordinarios, que eſta mãi commum emprega, para formar os laços da ſociedade; mas eſtes laços ſaõ duros, e a maior parte dos póvos os ſoffrem impacientemente. Pódemſe repreſentar como leoens ſujeitos debaixo do jugo, e ſempre promptos a quebrar os ſeus ferros. Com effeito; a ambiçaõ, e o intereſſe, que ſaõ os mais poderoſos motivos da uniaõ, ao meſmo tempo ſaõ a origem de todos os crimes, e de todas as deſordens. Hum Imperio ainda naõ polido pelas Artes, eſtá em huma ſituaçaõ critica. A politica dos Grandes conſiſte em opprimir os fracos; e a deſtes em arruinar o diſpotiſmo dos primeiros: todas as ordens eſtaõ alli ſempre em huma fermentaçaõ violenta: o menor ſignal de rebelliaõ baſta para deſtruir a conſtituiçaõ do governo, e huma conſequencia neceſſaria do véo, que a igno-

ran-

rancia deixa nos eſpiritos, e da ferocidade, que introduz nos coraçoens. Sómente os exercicios do corpo ſaõ honrados, quando ſe deſconhecem os da alma. Eſtuda-ſe em adquirir a agilidade, e a força de hum Athleta; o mais eſtimavel he, o que aterra hum maior numero de inimigos; procura-ſe ſem ceſſar medir as forças: em fim todo hum paiz ſe converte em huma aſſembléa de campioens occupados em lutar. A gloria das armas parece a unica, que ſe eſtima. Huma ferocidade barbara poem em conquiſta inimigos, amigos, parentes, em huma palavra todos os Cidadaõs indiſtinctamente. Os combates ſingulares ſaõ olhados, como jógos; os torneios vem a ſer hum eſpectaculo; as guerras, e as conquiſtas fazem o cuidado, e a gloria da Naçaõ; faz-ſe em fim huma arte, hum divertimento, huma gloria, do que nos tempos illuminados he flagello terrivel. Só ás Sciencias, e ás Bellas Artes, he que pertence enſinar aos homens, o que ellés devem ſer, unillos pelo encanto do ſentimento, e pelo attractivo do prazer: ellas os excitaõ a deſejar a paz; porque lhes fazem conhecer as ſuas delicias; aſſignaõ-lhe os ſeus eſtados, e levaõ a luz a todas as ordens: cada hum

conhe-

conhece os seus direitos, os seus deveres, e a esfera, que o deve conter; he destruida a violencia, como hum meio perigoso a todos. Huma Naçaõ de baixo do imperio das Artes, vem a ser de algum modo, huma assembléa de Filosofos, que tem aprendido a moderar o fogo das suas paixoens, e a serem felizes por hum gozo doce, e pacifico. O amor da verdade reune nas Cidades grandes hum numero de Sábios occupados sempre na sua indagaçaõ, e em fazella conhecer. De toda a parte se elevaõ Templos de alguma sórte consagrados ás Sciencias, e ás Artes. Alli he que os Cidadaõs zelosos concorrem a dilatar os nossos conhecimentos, a diminuir as nossas necessidades, e a multiplicar os nossos deleites: o mundo inteiro goza dos seus trabalhos. As Nações estranhas estabelecem, e entretem com elles hum commercio Filosofico, do qual he sempre o motivo, a felicidade geral, e juntamente o seu fim. Juntaõ-se nos espectaculos, naõ para alli se ver correr o sangue dos homens, e dos animaes: estas scenas horrorosas dignas dos seculos barbaros, fariaõ horror nos seculos illuminados: reunem-se todos para applaudir os Chéfes de obra das Bellas Artes;

se-

seja, que ellas despertem a nossa sensibilidade por huma harmonia pathetica, ou que façaõ correr o contentamento na nossa alma pelos cantos vivos, e cheios de alegria; seja, que nos interneçaõ ácerca das infelicidades de hum homem grande, ou que nos façaõ rir de nós mesmos, expondo-nos a pintura dos nossos defeitos. Tal he huma das principaes vantagens das Sciencias, e das Artes, o estabelecerem huma sociedade de algum modo universal, que só admittem combates de emulaçaõ, onde tudo he instrucçaõ, e divertimento, e onde a victoria se concede áquelles, que tem trabalhado mais para a nossa felicidade, e para os nossos prazeres.

SECÇAÕ IV.

Honra, que as Bellas Artes fazem ao Principe, que as protege, e ao povo, que as cultiva.

EM fim o ultimo privilegio das Artes he o de cumular de gloria o povo, que dellas faz a sua felicidade. Nunca os combates, os grandes projectos, e as victorias fizeraõ tanto para immortalizar hu-

huma Naçaõ,como as producçoens do eſpirito. Quantos póvos barbaros há bem ſimihantes aos animaes pelas ſuas forças, e pela ſua ferocidade,cujas emprezas eſtaõ ſempre riſcadas da memoria dos homens? Quem ouzará fazer o elogio de hum Atila, que dava a ſi meſmo o nome de flagello das Naçoens; de hum Thamaskoulicaõ, que ſe julgava naſcido para a deſtruiçaõ? Naõ ſe deſejara antes ver Alexandre cultivando as Artes, do que coberto de ſangue, e de pó levar ao longe os horrores da guerra? Auguſto he hum Heróe, logo que ama, e recompenſa os talentos, ſendo hum barbaro,que enchia Roma de mortandade. Hum povo naõ he verdadeiramente grande, ſenaõ pelas vantagens do genio. Os nomes, e as obras dos homens grandes adquirem ſem ceſſar nóvos admiradores; ſaõ os oraculos, que encantaõ, e que allumiaõ os póvos polidos; ſaõ os modélos, e os ſoberanos do genio, titulos infinitamente amaveis, infinitamente glorioſos, e que lhes ſaõ confirmados pelos votos de todos os ſeculos. Os loureiros cortados na guerra ſaõ raras vezes proprios a huma Naçaõ. As allianças,os ſoccorros eſtranhos, as occaſioens ſingulares diminuem muito a ſua gloria. Alem diſto

as

as conquiſtas das armas ſaõ limitadas; mas as victorias do eſpirito naõ o podem ſer jámais. O poder dos Gregos, o Imperio de Roma foraõ mais univerſaes, abſolutos, e maiores, quando ordenaraõ as leis do bello, do que o naõ foraõ nunca pelo ſucceſſo das armas. Póde-ſe dizer que as riquezas das Artes ſaõ as unicas riquezas precioſas: naõ pódem ſer roubadas aos ſeus poſſuidores, ſaõ de todos os tempos, e de todos os paizes; em fim ás Artes he que pertence conſagrar as grandes couſas, immortalizar os homens illuſtres, fazer paſſar á poſteridade as ſuas acçoens, e as ſuas virtudes: a ellas pertence decorar as Cidades opulentas, e enriquecer os Imperios florecentes com maravilhas precioſas, e unicas, q̃ attrahem os Eſtrangeiros, e que vem a ſer hum eſpectaculo para o Univerſo.

CA-

CAPITULO. VI.

Das Epocas principaes, em que floreceraõ as Bellas Artes.

AS épocas da grandeza, e da magnificencia dos Imperios, saõ igualmente as das Bellas Artes. A historia nos mostra quatro famosas. Naõ há nada mais interessante para todo o que deseja observar os esforços do espirito humano, os seus progressos, e de algum modo os seus triumfos, tanto mais amados da humanidade, quanto naõ he o preço do sangue, e da infelicidade do povo: antes fazem pelo contrario a sua ventura, as suas riquezas, a sua gloria, e os seus prazeres.

SECÇAÕ I.

Das Bellas Artes na Grecia.

A Primeira das suas épocas foi na Grecia, a sua duraçaõ foi de menos de duzentos annos, fazendo remontar o Reinado

nado das Bellas Artes ao tempo de Pericles, e conduzindo-o até á morte dos primeiros ſucceſſores de Alexandre. Quando a Grecia ſe vio livre da perſeguiçaõ dos Perſas, e que triumfou deſte poder formidavel, foi principalmente, que ella procurou a recompenſa dos ſeus trabalhos, e o fructo das ſuas victorias no recreio das Bellas Artes. Os beneficios, e as honras foraõ os meios, que ſe empregáraõ para animar os homens, que appareceraõ em turmas neſta primeira idade, que póde chamar-ſe a idade de ouro das Bellas Artes. Muitas Cidades da Grecia tinhaõ eſtabelecido jogos, onde os Artiſtas ſe moſtravaõ em eſpectaculo, e hiaõ diſputar o preço dos ſeus talentos. O vencedor recebia a coroa com huma pompa extraordinaria da maõ dos primeiros Magiſtrados, no meio dos cantos, e das acclamaçoens de hum povo numeroſo: a gloria de hum Artiſta naõ ſe limitava aos momentos de hum triumfo paſſageiro, era deſde entaõ conſiderado, como hum homem importante, e honrado como hum Heróe. Muitas vezes lhe preparavaõ entradas magnificas; era izento de todos os encargos, e de todos os tributos publicos; era cantado pelos Poetas; a ſua Patria lhe aſſignava rendas

das conſideraveis ; nada nobilitava mais, do que o titulo de homem illuſtre em qualquer parte das Sciencias , ou das Artes. Os porticos publicos de muitas Cidades da Grecia ſe convertiaõ em eſpectaculos continuos, onde o povo ſe ajuntava para julgar das diverſas compoſiçoens , que os Artiſtas ſe diſvelavaõ a levar-lhes. Em fim tudo tendia entre eſta Naçaõ célebre a excitar o fogo do genio. * Por eſta conducta , que fazia eſtimar os homens , ſegundo a excellencia do ſeu merito, foi, que a Grecia ſe fez a eſcola dos talentos, e do goſto : ella deo as regras , e forneceo os modélos do bello em as Artes; em huma palavra, a ella he, que he neceſſario recorrer, ainda para ſe adquirir a perfeiçaõ.

SECÇAÕ II.

Das Bellas Artes em Roma.

AS Artes deſterradas da Grecia pela deſolaçaõ das guerras , e pela crueldade dos ſucceſſores de Alexandre ficá-

* *Grais ingenium , Grais dedit ore rotundo ,*
Muſa loqui , præter laudem nullius avaris.
Hor. Art. Poet.

cáraõ longo tempo em huma eſpecie de aniquillaçaõ. Começáraõ a moſtrar-ſe em Roma depois da ruina de Carthago; mas o eſplendor do ſeu Reinado foi de baixo de Auguſto. Mecenas, o valído mais amado deſte Imperador, reanimou os ſeus jogos, e os accumulou de honras, e de recompenſas; elle teve parte na ſua gloria, e as Artes ſempre reconhecedoras, lhe conſagravaõ o nome nos ſeus faſtos immortaes. O vencedor de Actio coberto do ſangue dos ſeus Concidadaõs, de quem era o oppreſſor, levantádo o ſeu throno ſobre as ruinas da Republica; em huma palavra, o tyranno, e o flagello dos Romanos, em quanto Conquiſtador, veio a ſer o amor de Roma, logo que excitou, e coroou os talentos: a ſua memoria ſeria confundida com a dos Tarquinios, dos Catilinas, e dos Syllas ſem a protecçaõ, que elle deo ás Artes. Deſde entaõ ſe eſqueceraõ todos os crimes, que a ſua ambiçaõ lhe fez commetter, para lembrarem as honras concedidas de baixo do ſeu governo aos Artiſtas célebres. O ſeu nome naõ he mais odioſo; antes pelo contrario veio a ſer o elogio mais completo, que ſe póde dar aos Soberanos beneficos. A ſegunda idade das Bellas Artes foi de huma cur-

ta

ta duraçaõ: o humor feroz de Tiberio, e a crueldade de seus Successores, que pela maior parte eraõ soldados grosseiros, extinguio logo o fogo do genio. Na consternaçaõ geral destes tempos tormentosos, os Romanos (*diz Tacito*) perderaõ a voz.

SECÇAÕ II.

As Bellas Artes em Florença.

AS Artes errantes na Grecia, e no Imperio Romano sempre obrigadas a fugir diante dos barbaros, que inundavaõ, como as torrentes, estas Regioens deliciosas; acharaõ em fim hum asilo em Florença debaixo da protecçaõ dos Medicis. Estes illustres protectores dos talentos reanimaraõ a chãma do gosto, excitaraõ as Artes, e renovaraõ seus cuidados, e pelos seus beneficios as maravilhas do genio. De baixo desta época famosa he, que he preciso pôr o nascimento dos Raphaeis, dos Correges, dos Ticios, e de Miguel Angelo; foi entaõ que appareceraõ os Tassos, e os Ariostos; foi achada a Inscultura em cobre; esta Arte engenhosa, que reproduz fielmente, e multi-

multiplica as obras dos melhores Artiſtas: appareceu tambem a Architectura com eſtes ornamentos imitados da natureza, deſtribuidos com ſabedoria, e empregados com goſto; tal em huma palavra, como ella era entre os Gregos.

As guerras que ſobrevieraõ depois do illuſtre Pontificado de Leaõ X. devoraraõ as producçoens do genio, e ſuffocaraõ a emulaçaõ. Florença foi ſujeita, Roma ſaqueada, e entaõ as Artes procuraraõ aſilo em França.

SECÇAÕ IV.

As Bellas Artes em França.

O Reinado de Luiz XIV. he, que fórma a quarta idade das Artes, e a época mais célebre da gloria dos Francezes. A magnificencia do Monarcha, a nobre ambiçaõ dos ſeus Miniſtros, a riqueza do Eſtado, e a emulaçaõ do povo, tudo annunciava eſta feliz revoluçaõ, que houve nos coſtumes, no goſto, e nos eſpiritos. Viraõ-ſe Heróes em todo o genero deſcubrir novas rótas para a immortalidade. Hum ardor commum abra-

abraſava todos os genios. Colbert, digno rival de Mecenas, empregou o ſeu credito junto de hum novo Auguſto para animar os talentos, e coroar os ſucceſſos. Nunca o eſpirito de perfeiçaõ foi mais activo, mais ſuſtentado, e mais univerſal. Cada Arte teve ſeus homens grandes, e cada Eſtado teve ſeus modélos: mas o que há de mais particular neſte Reinado, he que elle de algũa ſórte, he q̃ deo o tom a toda a Europa. Inglaterra, Alemanha, Moſcovia a meſma Italia reformáraõ o ſeu goſto, e os ſeus coſtumes a exemplo dos Francezes. A Corte de Luiz XIV. veio a ſer a eſcola, aonde o eſtrangeiro vinha beber eſta amavel politica, que dá tanta doçura, e agrado á ſociedade.

A fama das Artes ainda brilha entre nós; he preciſo convir, que por muitas circumſtancias o noſſo ſeculo ajunta alguma couſa ao eſplendor do ſeculo paſſado; mas quanto he para temer, que a noſſa negligencia naõ deixe eſcapar o bom goſto. Por meio de novos cuidados, e de novas indignaçoens he, que as Artes viráõ a ſuſtentar-ſe, e a aperfeiçoar-ſe. Ainda ſe póde eſtender o imperio do genio, e achar novas riquezas na imitaçaõ da natureza, a qual deve ſendo infinita nas ſuas

maravilhas, occupar-nos sem cessar, e como o exprimio tambem M. de Voltaire.

A natureza he inextinguivel, e o infatigavel trabalho he hum Deos, que a remoça.

FIM.

da primeira parte.

PAR-

PARTE II.

DAS

BELLAS ARTES,

Conſideradas em particular.

ALgumas reflexoens particulares poderáõ confirmar os principios geraes, que acabamos de eſtabelecer na primeira parte deſta obra. Eu eſpero, que ſe perſuadaõ cada vez mais da neceſſidade, que há de conſultar ſempre a natureza, a qual ſe póde chamar a mãi das Artes: as ſuas feiçoens, a ſua docilidade, e a ſua attençaõ devem ſempre fazer-ſe reconhecer por ſeus filhos; e eſtes ſe fazem indignos do noſſo amor, e dos noſſos elogios, quando querem eximir-ſe das ſuas leis para ſe entregarem vergonhoſamente aos ſeus caprichos.

Eſte principio da imitaçaõ naõ ſe eſtende ſómente ás Bellas Artes em geral, mas ainda ás menores partes de cada Arte.

Eis-aqui o que os Artiſtas moſtraõ deſconhecer muitas vezes, ſatisfeitos: para aſſim dizer, de terem figurado em groſſo os modélos, que a natureza lhes moſtra, crém poder largar a redea á ſua imaginaçaõ, ácerca das circumſtancias miudas. Daqui vém eſtas miſturas extravagantes, de que falla Horacio, onde os olhos preſpicazes naõ vém, ſenaõ confuſaõ, e ignorancia dos verdadeiros principios. Huma curta analyſe poderá eſpalhar talvez claridade neſte objecto importante, e fazer entrever eſtes laços delicados, eſtes matizes infinitos, e em huma palavra as continuas relaçoens, que há entre a natureza, e a Arte.

CAPITULO. I.

Da Poeſia.

A Poeſia he a expreſſaõ animada do ſentimento. O homem penetrado de admiraçaõ, ou entregue a alguma paixaõ grande, devia exclamar, devia teſtemunhar, o que ſe paſſava em ſi meſmo com huma linguagem mais viva, e mais levantada, que

que a do discurso ordinario. Com effeito, huma imaginaçaõ cheia do seu objecto, pinta com vigor; toma da natureza tudo, o que póde dar a idéa, do que ella experimenta. Comparaçoens, imagens, metaphoras, hyperboles, se succedem rapidamente no seu estylo energico. Tal he a Poesia; as paixoens a fizeraõ nascer, e sobre a paixaõ, que exprime, he, que se deve julgar della. A Musica tem a mesma origem, q̃ a Poesia; saõ irmans, e tendem ao mesmo fim: muitas vezes se vem unir tambem, e dar-se hum soccorro mutuo: na sua mesma separaçaõ conservaõ mostras da sua uniaõ. Da Musica he sem duvida que a Poesia tomou esta marcha regrada, que faz o seu caracter essencial, e hum dos seus mais amados ornamentos.

CAPITULO II.

Da Versificaçaõ.

EM todos os tempos, e entre todos os póvos, a Arte prescreveo regras, e servio de embaraço a huma imaginaçaõ muito sujeita a perder-se, quando he livre.

A Poeſia as tem muito rigoroſas por correlaçaõ aos caracteres do objecto, qúe a occupa, e á maneira de ſe exprimir. Eſte trabalho naõ he contrario á natureza, que ſegue nas menores couſas huma marcha conſtante, e regular: além diſto as Bellas Artes devem ter cada huma em particular hum caracter diſtinctivo: ora, a Verſificaçaõ he o principal ſignal da Poeſia. De mais ella he fundada ſobre o prazer; e poſta em praxe por hum genio feliz ſerve maravilhoſamente para pintar os movimentos das paixoens. Quanto ao ſeu mechaniſmo he differente, ſegundo o caracter de cada lingua: o ouvido he quem principalmente ſe tem conſultado neſta materia, por ſer a harmonia o ſeu objecto. Em França ſe tem imaginado pés, e medidas, que pelas ſuas differentes combinaçoens produzem huma eſpecie de canto: tal he a Verſificaçaõ dos Gregos, e dos Latinos. Acolá ſe tem introduzido a conſonancia das palavras, que por hum rodeio periodico fórma huma melodioſa queda. A rima tem ſido adoptada por muitas Naçoens: taes ſaõ os Perſas, os Tartaros, os Chinos, e os Francezes, e he meſmo conſtante entre os Sábios, que a Poeſia dos Hebreos he cheiá de rima.

A

A Verſificaçaõ he á Poeſia, o meſmo que a palavra ao penſamento, a qual a annuncia, a faz conhecer, e a orna: ſem a Verſificaçaõ a Poeſia naõ he mais, q̃ huma Arte, e fica confundida com a lingoagem ordinaria, e naõ tem jámais caracter diſtinctivo. Baſtaria a hum Pintor deſenhar com o Carvaõ as figuras ſobre o panno? O colorido he, que deſigna a pintura; e he igualmente a Verſificaçaõ, que faz o talento principal do Poeta. De balde ſe tem intentado preſcrever da Poeſia; he neceſſario conſervalla, ou aniquillar a Arte dos verſos.

Se indagarmos a origem da Verſificaçaõ, he neceſſario remontar ao tempo, em que algum genio venturoſo queria deleitar pelo agradavel dos ſeus diſcurſos, ajuntando hum ar methodico, e huma queda melodioza á energia, e á boa eſcolha das ſuas expreſſoens. Podemos dizer, que a Verſificaçaõ he a eloquencia aperfeiçoada: e com effeito, ſem ella a Poeſia he eloquencia, e a viva eloquencia vem a ſer Poeſia pela Verſificaçaõ. Ella he (deſculpe-ſe-me eſte termo) a decoraçaõ da linguagem, e fórma na Poeſia eſta ſymetria bella, que admiramos nas Bellas Artes. Ella finalmente prepara a alma

ma para receber as impreſſoens do deleite, e das paixoens, prevenindo os ſentidos com huma dicçaõ pura; aonde todas as ſyllabas ſaõ de algum modo compaſſadas, aonde cada palavra eſtá no ſeu lugar, aonde ſe evita o encontro faſtidioſo das vogaes, que naõ ſoffrem ellipſe, aonde todas as quedas ſaõ diſpoſtas por huma ſuſpenſaõ cadente, aonde o eſtylo em huma palavra he taõ encantador, e taõ agradavel, que he chamado a linguagem dos Deozes.

He verdade que as regras da Verſificaçaõ poem o eſpirito em tortura; porém fazem ao meſmo tempo as ſuas producçoens mais vivas, e mais penetrantes.

Tal a agua, que reprimida em canaes, ſe eleva aos ares arrojada com mais força; e a regra, que ſe julga auſtera, naõ he outra couſa, que a arte mais ſegura de agradar, inſeparavel do bom verſo.

He iſto o que M. de la Faye reſpondeo n'outro tempo a M. de Lamotte, que eſcrevia contra a Verſificaçaõ depois deſta ter feito a ſua principal occupaçaõ, e o divertimento da ſua vida.

CA-

CAPITULO III.

Dos differentes generos de Poesia.

A Poesia, rival da Pintura, se propoem representar nas suas diversas imagens o espectaculo do Universo. Interprete dos nossos sentimentos, e muitas vezes cumplice tambem das nossas paixoens, pinta a alma toda: naõ há nada, de q̃ ella naõ possa fazer a pintura; tudo he da sua jurisdiçaõ. As outras Artes saõ limitadas, e só a Poesia o naõ he: deve-se mesmo observar, q̃ o que faz o objecto principal da Pintura, e da Musica naõ he mais, do que hum acessorio da Poesia; saõ os ornatos, que ella empresta, as alegorias engenhosas, as expressoens vivas, e animadas, comparaçõ̃es sensiveis, pelas quaes esta Arte representa as situaçoens da nossa alma. A Poesia quer sempre illuminar o espirito, e tocar o coraçaõ; e toma para chegar ao seu fim toda a sórte de fórmas: chama por testemunha toda a natureza. Esta Arte he a mais digna de hum genio grande, he a mais sublime, e a que pede

mais

mais conhecimentos : com tudo ainda que nada parece devella limitar , póde conſiderar-ſe por cõnexaõ ás paixoens principaes , que ſe propoem exprimir ; o que conſtitue os diverſos generos de Poeſia.

CAPITULO IV.

Do Poema Epico.

O Heroiſmo naõ he eſta ferocidade injuſta , e cruel dos Conquiſtadores, que procuraõ cimentar a ſua gloria ſobre thronos arruinados , e ſobre os deſtroços das Naçoens ; mas ſim eſte valor patriotico armado ſó pela juſtiça , e pela neceſſidade , que faz couſas grandes nas viſtas do bem publico; em fim o unico, e verdadeiro heroiſmo , que conſiſte na virtude , he a paixaõ dos coraçoens grandes , e aquella , que faz mais honra á humanidade : nenhuma tambem tem mais provas para ſuſtentar , e mais obſtaculos para vencer. Hum Heróe deve eſtar tanto acima do povo; quanto hum Deos he ſuperior aos homens : Todas as acçoens, e até os ſeus meſmos vicios devem ter o cunho de

de hũa alma grande. Naõ há nada de vulgar em todo o ſeu procedimento, q̃ tende ſempre ao ſublime; e ſe naõ attrahem ſempre a noſſa eſtima, ao menos excitaõ ſem ceſſar a noſſa admiraçaõ. Tal he a paixaõ, q̃ faz o caracter da Epopéa: e haverá algũa mais fecunda, e que peça mais ſoccorro ao genio? Vê-ſe, que o Poeta Epico tem huma carreira immenſa para andar; tem para contar grandes couſas; ſituaçoens intereſſantes, que pinte; as mais fortes paixoens, que ponha em jogo; repreſentar a meſma Divindade, e em fim fazer obrar hum Heróe. Eſte Poema he com razaõ tido como o Chéfe de obra da Arte, e o ultimo esforço do eſpirito humano, ou ſeja pela extenſaõ, e variedade, ou pela pompa, e magnificencia do ſujeito, e do eſtylo (Tem-ſe opprimido diz M. de Voltaire, quaſi todas as Artes com hum numero infinito de regras, das quaes a maior parte ſaõ inuteis, e falſas) As regras fundamentaes ſaõ em pequeno numero, e ſempre as meſmas para todas as Naçoens polidas; mas as particulares variaõ ao infinito, ſegundo os coſtumes, o goſto, e o eſpirito dos póvos: nem ſe pódem preſcrever como principios, ſenaõ o que he fundado ſobre o juizo:

e seria soberanamente injusto querer restringir os limites do genio na execuçaõ. Estas regras essensiaes, e que hum genio feliz seguiria, sem que lhe fossem ensinadas; pois tem por baze o gosto, e a razaõ; consistem. 1. Na unidade, e na simplicidade da acçaõ: se a acçaõ he complicada, logo o interesse se enfraquece, dividindose; a attençaõ se fatigará, seguindo hum confuso montaõ de aventuras, que naõ tendem ao mesmo fim. O Poeta naõ conservará este encadeamento de maravilhas, que roubaõ a nossa admiraçaõ por degráos, e que nos fazem tomar tanta parte na sorte, e nas virtudes de hum homem grande. Em fim hum Heróe deixaria de o ser, isto he naõ pareceria mais hum homem superior, se o confundissem com concurrentes, que lhe fossem iguaes. O Poeta naõ deve abarcar a historia da vida do seu Heróe; mas sómente limitarse a huma unica empreza illustre. Homero na sua Ilíada naõ quiz dar-nos a historia da guerra de Troia, mas representar-nos a cólera de Aquilles. A volta de Ulliſſes a Ithaca, e naõ a relaçaõ da sua vida, he que faz o objecto da Odissea. Stacio, pelo contrario, na sua Achilleida, e Lucano na sua Pharsalia amontoaraõ muitos

tos ſucceſſos independentes, e fizeraõ menos Poemas Epicos, do que relaçoens hiſtoricas em verſo. A unidade da acçaõ he conſervada, quando do principio ao fim, e da empreza ao ſucceſſo della he ſempre a meſma cauſa, que tende ao meſmo effeito.

Dizem, que o tempo da acçaõ principal deſde o lugar, em que o Poeta começa a ſua narraçaõ, naõ póde durar mais que hum anno; e eſta obſervaçaõ he fundada no exemplo de Homero, e Virgilio. Com tudo a unidade da acçaõ naõ determina neceſſariamente a duraçaõ, nem a extenſaõ: e naõ ſendo o Poema Epico limitado, como o Dramatico, por cauſa da veroſimilhança da repreſentaçaõ, a unidade do lugar naõ póde ſer igualmente incluida em hum eſpaço de tempo determinado: baſta, que a acçaõ naõ ſeja interrompida, e que poſſa ſer comprehendida de huma ſó viſta.

2. He preciſo, que a acçaõ ſeja grande, e verdadeira: a eſte caracter de mageſtade, he que nós devemos a noſſa admiraçaõ. Hum projecto ordinario naõ toca a alma, e ſó os objectos de huma ordem ſuperior, he que pódem manifeſtar o Heroiſmo. Eu accreſcento, que a acçaõ

çaõ deve ser verdadeira, por ser desde entaõ mais tocante.

3. A acçaõ deve ser interessante: e esta he huma regra mui essencial em hum Poema de longa duraçaõ, em que se naõ póde a attençaõ sustentar, senaõ pelo interesse. * O espirito com facilidade se cança de admirar, e se accostuma insensivelmente a ver prodigios; e aquelles, que se lhe apresentaõ, cessaõ bem depressa de o surprender; porém o coraçaõ quer estar em hum movimento continuo, o qual se inflamma, e se anima com as paixoens; e he huma Arte necessaria a suggerir-lhe paixoens novas, e interessallo cada vez mais na sórte do Heróe; nasce desta pena, desta mesma inquietaçaõ hum sentimento vivo, que se fortifica nos obstaculos, e nos perigos. Em fim acha-se huma inteira satisfaçaõ em hum exito venturoso, que faz triumfar o valor, e a virtude.

He necessario, quanto for possivel, que o

* Quereis vós agradar por muito tempo sem enfadar nunca? Escolhei Heróe proprio a interessar me, claro em valor, magnifico em virtudes, e que nelle tudo, até os seus defeitos, se mostre heroico.

Despraux. A. P

o intereſſe da Epopéa tenda á humanidade inteira, iſto he, que ſeja independente de todo o prejuizo, e de todo o ſyſtema nacional; e fundado ſobre o intereſſe, e ſobre as luzes invariaveis da natureza. A Epopéa, ſegundo a opiniaõ de Ariſtoteles, deve ſer huma Tragedia recitada; principio fecundo, que inclue as regras principaes deſte Poema. Os cantos ſejaõ entre ſi do meſmo modo, que os actos de hum Poema de theatro; e aſſim como o intereſſe creſce na Tragedia de ſcena em ſcena, e de acto em acto até a cataſtrophe; deve creſcer igualmente na Epopéa de ſucceſſo em ſucceſſo, e de canto em canto até a concluſaõ. Deſeja-ſe ver ir deſenvolvendo os caracteres por gradaçaõ. He ainda neceſſario manejar neſte grande Poema huma variedade de imagens, e de ſentimentos; huma miſtura de Epico, e de Dramatico; huma alternativa urgente de inquietaçaõ, e de ſobreſalto, de terror, e de piedade, que fórme huma progreſſaõ ſempre mais viva, e mais tocante. Os penſamentos, as meſmas reflexoens do Poeta devem fazer parte dos coſtumes da Epopéa.

Os epizodios, e eſtas digreſſoens manejadas com deſtreza, aonde huma bella

ima-

imaginaçaõ deſenvolve todas as ſuas riquezas, naõ deſtroem a unidade, e o intereſſe da acçaõ: pelo contrario os ſuſtentaõ, e os fortificaõ. Com effeito; a unidade do ſugeito ſe conſerva, quando os acceſſorios ſaõ relativos, e ſubordinados ao objecto principal, e o intereſſe longe de diminuir, ſe augmenta, e ſe irrita pelos incidentes, quando eſtes naſcem huns dos outros, e ſe encadeaõ mutuamente de ſórte, que ſe naõ poſſa tirar o epizodio, nem ſubſtituir nada em ſeu lugar, ſem que o Poema fique defeituoſo. Eſtes incidentes ſaõ as ſombras, e os contraſtes, que tendem a formar huma uniaõ maravilhoſa, e hum todo perfeito: além diſſo os epizodios ſaõ neceſſarios para deſcrever, e dar a conhecer os factos, que excederiaõ a medida da acçaõ principal, cujo conhecimento he naõ menos util para a intelligencia do Poema. Mas o que caracteriza principalmente o Poema Epico, he a intervençaõ das intelligencias ſuperiores.

Todos ſabem, quanto o homem he fraco á cerca do maravilhoſo: elle ama eſtas bellas chiméras, que elevaõ as ſuas idéas, e o tranſportaõ, de algum modo, a hum novo mundo. A imaginaçaõ ſe entre-

trega com tranſporte a tudo, o que póde cauſar-lhe illuſaõ: deleita-ſe em ver obrar as mólas deſtas machinas poeticas: nada honra mais a noſſa fraca humanidade, do que hum exercito de Intelligencias ſuperiores, poſto em acçaõ, para ſoccorrer, ou para ſe oppor a hum Heróe: em fim he neceſſario na Epopéa humanizar de alguma ſórte os Deozes, e divinizar os homens. Com tudo há algumas conveniencias para obſervar no emprego dos entes moraes. He peccar, por exemplo, contra o bom cenſo, o repreſentar, como fez Sanazaro, Marte, Venus, Jupiter, Apollo, Minerva, &c. em huma obra, onde ſe falla dos Auguſtos Myſterios da Religiaõ Chriſtã. Mas as paixoens pódem ſempre perſonalizar-ſe, aſſim como o odio, a diſcordia, a inveja, o amor, &c.; porque a Poeſia tem o direito de dar, como a Pintura, hum corpo, coſtumes, e attributos a eſtes tyrannos impetuoſos da noſſa alma, a fim de fazer o ſeu aſpecto mais vivo, e dar mais calor, e vida aos ſeus movimentos.

Pertende-ſe, que os Poetas Epicos modernos naõ tenhaõ a meſma vantagem, que os antigos; porque a Fabula taõ intereſ-

tereſſante para os Pagaõs, pois que ella fazia o objecto do ſeu culto, admittia Deozes com paixoens, formando intrigas, e combatendo entre ſi para impedir, ou para ſuſtentar os deſignios de hum povo, ou de hum Heróe. Mas ſe eſtas antigas machinas poeticas tem perdido entre nós o ſeu credito, naõ acharáõ os Poetas na revelaçaõ, no eſtylo animado, e figurado da Eſcriptura Sancta, auctoridades para fazerem igualmente obrar Entes ſuperiores á humanidade? * A Religiaõ nos enſina, que há bons, e máos Anjos; nós lemos nos noſſos livros ſagrados, que os Entes eſpirituaes tem apparecido algumas vezes de baixo de fórmas humanas. Hum Anjo ſe moſtrou a Gedeaõ; outro accompanhou ao moço Tobias; os Demonios deſpojáraõ a Job; eſtes meſmos deſpedaçaraõ os ſette Eſpoſos de Sara: cada peſſoa, cada Naçaõ tem o ſeu Anjo tutelar. A Eſcriptura falla do Anjo da juſti-

* Eu me tenho ſervido aqui muito das reflexoens ſobre o uſo das machinas nos Poemas, cujos Heróes ſaõ Chriſtaõs. He huma excellente Memoria, e cheia de luzes, de que he auctor M. Grandval, Conſelheiro do Conſelho de Artois. Veja-ſe a primeira Colleçaõ da Academia de Montalvaõ.

juſtiça, do Anjo da ſabedoria, do Eſpirito do odio, e do Eſpirito da colera. A Biblia faz menção dos ſonhos de Jozé, e de Nabucodonoſor; dos ſortilegios de Balaaõ, dos Encantadores de Faraó; os Profetas tem lido no futuro; os mortos tem ſahido dos ſeus tumulos; a ſombra de Daniel foi revocada pelos encantos da Pythoniſſa; os Sanctos tem feito appariçoens. Que ſoberbas imagens ſe naõ vem na Eſcriptura Sancta? Babilonia ſe repreſenta alli de baixo da figura de huma Rainha ſoberba, ou de huma cortezã artificioſa: Jeruſalem he huma captiva, gemendo aos pés do ſeu vencedor. A Igreja ſe pinta de baixo das feiçoens de huma Princeza moça, ornada com os ſeus mais ricos veſtidos, e occupada toda nos meios de agradar ao ſeu Eſpoſo. A Sabedoria faz eſcutar a ſua voz do alto das montanhas, ella era antes da creação, ella meſma traçou o ſeu plano, e ſe allegrou á viſta do Creador no vaſto circuito do Univerſo. Eſtas grandes imagens pódem ſem duvida animar a mageſtade da Epopéa, e recompenſar-nos vantajoſamente dos deliricos da Fabula, mas de qualquer ſórte he neceſſaria huma grande Arte na introducçaõ das Intelligencias Ce-

leſtes; he preciſo, quanto for poſſivel, deſcrever a ſua metamorphoſe, moſtrallas de baixo de feiçoens conhecidas; e finalmente encantar a imaginaçaõ com pinturas tocantes, e ſenſiveis: de mais he preciſo, que o concurſo deſtes Entes ſobrenaturaes ſeja neceſſariamente feito no complemento da acçaõ. He preciſo ſobre tudo preferir aquelles, que os Pintores nos tem feito familiares; em fim aviſinhar, o mais que he poſſivel, á veroſimilhança. He perſonalizando, he fazendo operar todo eſte mundo ideal, que Boileau, e M. de Voltaire ſouberaõ derramar na ſua Poeſia hum calor, que anima, e hum maravilhoſo, que encanta o Leitor. Na Henriade vê-ſe a Politica, o Fanatiſmo, a Diſcordia, e o Amor armarem-ſe, e combaterem juntos contra o Heróe Francez. S. Luiz apparece a Henrique IV., e o tranſporta em eſpirito aos Céos, e aos Infernos; abre-lhe o Palacio dos Deſtinos, e lhe moſtra a ſua poſteridade, e os grandes homens, que a França deve produzir; a Verdade deſce do alto dos Céos ás tendas dos Reis. O ſacrificio dos conjurados aos eſpiritos infernaes ainda he hum deſtes quadros, cuja compoſiçaõ altiva, e terrivel ſurprende a imaginaçaõ. Se o

Poe-

Poeta deſcreve os vicios habitadores dos lugares infernaes, no-los repreſenta de baixo de cores tocantes, e ſenſiveis; bem como ſe hum grande Pintor, Miguel Angelo, Rubens, ou le-Brun os tiveſſe deſenhado. *

„ Alli jaz a ſombria Inveja com a viſ-
„ ta tímida, e veſga, derramando o ve-
„ neno da ſua bocca ſobre laureis; a
„ luz lhe fere os olhos, que ſcintilaõ no
„ meio da ſombra; triſte amante dos mor-
„ tos, aborrece os vivos: vê Henrique,
„ volta o roſto, e ſuſpira. Junto a ella
„ eſtá o Orgulho, que ſe deleita, e ſe
„ eſpanta: a Fraqueza com a cor palli-
„ da, e com a viſta abatida; tyranno,
„ que cede ao crime, e deſtróe as vir-
„ tudes: a ſanguinolenta Ambiçaõ, in-
„ quieta, e errante, cercada de thronos,
„ de tumulos, e de eſcravos: a terna
„ Hypocriſia com a viſta cheia de doçura (o
„ Céo eſtá nos ſeus olhos, e o inferno
„ no ſeu coraçaõ) o falſo Zelo pro-
„ pagando as ſuas barbaras maximas; e
„ o Intereſſe finalmente, pai de todos
„ os vicios. „

Fique aſſentado, como couſa conſtante, que

* *Ut pictura poeſis erit* . . . . Hor. Art. Poet.

que hum genio grande póde ainda animar os seus paineis; e que em hum objecto Christaõ, hum bom Poeta tem direito de introduzir machinas poeticas, Entes sobrenaturaes, e hum mundo de Intelligencias; de lhe dar hum corpo, e feiçoens sensiveis; em fim de os fazer obrar, de lhes dar vistas, e de representallos combatendo, e ajudando, ou oppondo-se aos interesses de hum Heróe.

Daqui se vê, que a Versificaçaõ para exprimir cousas taõ grandes deve ser revestida de toda a sua magnificencia. A harmonia, e a cadencia dos versos naõ póde ser muito sensivel neste genero. He preciso huma voz sonóra, e sustentada para cantar dignamente as emprezas de hum Heróe; porém estas figuras elegantes, e que tem toda a flor do espirito, devem ser espalhadas com muita sobriedade neste Poema, aonde muitos ornatos pareceriaõ cousa impropria da sua magestade.

Tal he a paixaõ, sobre que se deve julgar o Poema Epico, o heroismo. Estudai as virtudes, os vicios, e as mesmas fraquezas, de que hum coraçaõ grande he susceptivel, e conhecereis os costumes, que devem formar o caracter do Heróe.

Ele-

Elevai as voſſas idéas ; vêde , que Poteſtades , que Intelligencias ſuperiores pódem obrar ſem offenſa da veroſimilhança , e o que ſe póde chamar *coſtume* , iſto he, os coſtumes , e o genio do paiz , onde a ſcena ſe repreſenta ; entaõ podereis decidir ſe ſe tem feito huma boa eſcolha das machinas poeticas. Teve o Poeta a Arte de excitar em voz os diverſos ſentimentos , que elle exprimio ? Saõ grandes , e patheticas as ſuas expreſſoens , e as ſuas imagens ? A acçaõ he intereſſante ? Teve o cuidado de vos deixar ſempre perceber meſmo nos epizodios o fio , que tende ao nó principal ? Em fim chegais vós a exclamar : Eis-aqui hum Heróe , as ſuas virtudes merecem ſer coroadas ? Dizei entaõ, que o Poeta fez hum Chefe de obra, huma obra divina , digna de paſſar com o ſeu nome á immortalidade.

CA-

CAPITULO V.

Do Poema Didatico.

ALgumas vezes ſe tem ornado com os encantos da Poeſia objectos, que exigem hum encadeamento methodico de factos, de preceitos, e de raciocinios. Aſſim a Hiſtoria, a Religiaõ, a Agricultura, a Arte dos verſos, a Aſtronomia, a Fiſica &c. haõ ſido enſinadas, e tractadas em Poemas chamados por eſte motivo, *Didaticos*. Eſtes Poemas ſaõ de ordinario divididos em muitos cantos, ſegundo a extenſaõ da materia. Eſte genero he tanto mais difficil na execuçaõ, quanto elle pede mais facilidade, e eſcolha nas expreſſões poeticas, junto a hũa expoſiçaõ fiel, e preciſa da origem da Hiſtoria, e dos principios da Arte, ou da Sciencia, que ſe quer dar a conheçer. O talento do Poeta conſiſte principalmente em occultar de baixo das flores de huma verſificaçaõ brilhante os eſpinhos da erudiçaõ, e a dureza dos preceitos.

No Poema Didatico naõ ſe admitte a inter-

vençaõ das Divindades, e eſta pompa das machinas poeticas, que pertencem á Epopéa. O Poeta Epico tem por objecto principal o intereſſar; e o Poeta Didatico pelo contrario deve ſobre tudo inſtruir: o primeiro quer arrebatar a alma, e ſurprender a imaginaçaõ com a magnificencia do ſeu objecto, e com o eſtrondo reſpeitavel da Poeſia; o outro naõ tende, ſenaõ a illuminar a razaõ inimiga deſte eſplendor ambicioſo, e deſte luxo de ornamentos. He preciſo para agradar ao eſpirito do leitor, que ſe pertende inſtruir, huma eloquencia de couſas, de bellezas ſimples, e naturaes, que ornaõ o preceito, ſem o occultarem; de imagens, e comparaçoens, que o façaõ mais tocante; de expreſſoens energicas, que dem a entender toda a ſua extenſaõ; e huma poeſia harmonica, que intime a ſua importancia. Com tudo tambem ſe póde a exemplo de Virgilio, manejar epizodios neſte Poema, os quaes ſeviráõ de repouſo á attençaõ do Leitor, a quem huma grande ſerie de preceitos fatigaria, e viráõ a ſer huma livre carreira, onde o Poeta ſahindo do conſtrangimento da ſua materia largaria o yóo ao ſeu genio.

CAPITULO VI.

Da Tragedia.

O Amor, e o odio ſaõ as paixoens fortes empregadas comummente na Tragedia, para excitar na alma do Eſpectador o terror, e a compaixaõ. Hum amor infeliz toca, intereſſa, e interneſſe; naõ há coraçaõ, que naõ tome facil parte nos ſeus infortunios. Eſte he taõ vivo, e taõ natural, que ſempre acha a noſſa alma docil ás ſuas impreſſoens: Daqui naſce eſta compaixaõ, que faz muitas vezes correr o noſſo pranto; daqui eſte terror, que leva a perturbaçaõ a todos os noſſos ſentidos, quando eſte amor irritado pelas infelicidades, e pelas perſeguiçoens de hum rival; ou que vindo a ſer mais violento pela recuſa, e pela indifferença, eſtá prompto a romper a cadéa dos ſeus males, e a deſcarregar os maiores golpes.

A ternura de huma mãi para com ſeus filhos; a voz da natureza, que ſe faz eſcutar em dois coraçoens ligados pelo ſangue;

gue; a paixaõ de huma alma Romana pela ſua patria, e meſmo a amizade heroica, aſſim como a de Oreſtes, e Pylades; todos eſtes ſentimentos pertencem ao amor; e os ſeus principaes caracteres ſaõ o pathetico, e a impetuoſidade. Aſſim cada hum deſtes ſentimentos póde ſer a cauſa de hum vivo intereſſe, o centro de grandes movimentos, e a alma da Tragedia. Nunca o amor diz M. de Voltaire, fez derramar tantas lagrimas, como a natureza; o coraçaõ fica de ordinario tocado levemente das queixas de hum amante, mas internece-ſe profundamente de huma mãi quaſi proxima a perder ſeu filho. He preciſo, diz ainda M. de Voltaire, q̃ o amor domine como diſpotico, ou que naõ appareça; pois naõ foi feito para ſegundo lugar.

Tudo cauſa illuſaõ no Poema Dramatimo: naõ he o Poeta, que conta, como na Poeſia Epica; ſaõ os Heróes, as Princezas, os Reis poſtos em acçaõ. Cinna, Rodoguna, Pompeo, Phedra parecem reviver ainda na ſcena, e dar-nos teſtemunhos das ſuas infelicidades. Sem duvida ſe tem procurado repreſentar o triſte deſtino deſtes Semideozes da terra, porque a ſua grandeza tem alguma couſa de perſua-

ſiva

ſiva para o reſto dos humanos, e porque publico accoſtumado a olhallos, como devendo gozar pelo ſeu eſtado, e pelo ſeu naſcimento de huma felicidáde pura, e ſem reſerva; os ſeus infortunios fazem nelle mais impreſſaõ. Alem diſſo, as paixoẽs ſaõ mais fortes, e mais vivas neſtes Senhores do mundo; eſtaõ armadas, para me explicar aſſim, e os golpes, q̃ deſcarregaõ, tendem a mais objectos; ellas ſaõ mais grandes, e mais horroroſas que nos homens de huma ordem inferior.

Mas que ſatisfaçaõ ſe póde tirar de hum Eſpectaculo, cujo fim he de abalar a noſſa alma, de perturbar os noſſos ſentidos, e de excitar em nós tudo, o que a piedade tem de terno, e o odio de terrivel? He ſem duvida; porque he agradavel o eſtar iſento dos males, de que ſomos teſtemunhas; * ou porque he agradavel dizer-ſe, que eſtes triſtes ſucceſſos, que acabaõ de nos fazer tanta impreſſaõ, como ſe foſſem reaes, naõ ſaõ ſenaõ huma ſuppoſiçaõ de huma Ar-

* *Suave mari magno turbantibus æquora ventis*
E terra magnum alterius ſpectare laborem;
Non quia vexari quemquam eſt jucunda voluptas,
Sed quibus ipſe malis careas quia cernere ſuave eſt.
Lucret. L. 2.

Arte engenhoſa. * A verdade com effeito diſſipando a illuſaõ nos poem neſte delicioſo eſtado, que hum homem experimenta, quando novas felizes o alliviaõ do moleſto pezo do ſeu receio, e da ſua dor.

He neceſſario, para que o Eſpectador ſe intereſſe na acçaõ, que eſteja inſtruido dos ſucceſſos paſſados, e prevenido á cerca daquelles, que devem ſeguir-ſe. Iſto he o que o Poeta executa no principio do ſeu Poema. A expoſiçaõ he ordinariamente poſta em huma narraçaõ; algumas vezes tambem eſta faz parte da acçaõ; e aſſim he, que a Arte he mais disfarçada, e a illuſaõ maior: as ſuas qualidades principaes ſaõ a brevidade, e a clareza. Deve-ſe tambem, quanto he poſſivel, fazer conhecer pela expoſiçaõ o tempo da acçaõ, e o caracter das principaes

* Naõ há ſerpente, nem monſtro odioſo, q̃ deixe de deleitar aos olhos, imitado pela Arte; e o agradavel artificio de hum pincel delicadõ, do objecto mais horrivel ſabe fazer hum objecto amavel: por iſſo a lacrimoſa Tragedia para agradar-nos, faz fallar as dores de Oedipo cuberto de ſangue; exprime os temores do parricida Oreſtes; e nos arranca lagrimas para nos divertir.

Deſpreaux. Art. Poet.

paes perſonagens, que devem alli figurar. * A expoſiçaõ deve moſtrar a acçaõ já adiantada, e quaſi a terminar-ſe, quando os incidentes naſcidos dos fundo do ſugeito ſuſpendem o ſeu fim, e moſtraõ ſituaçoens delicadas, e tocantes, em que o coraçaõ ſe intereſſa; entaõ he, que o Poeta faz trabalhar as machinas das grandes paixoens, e que emprega todos os recurſos do ſeu genio para excitar a piedade, e o terror. Os ſucceſſos devem ſer ligados de ſórte, que o Eſpectador perceba alli huma razaõ, que o ſatisfaça; a intriga deve ſer ſimples; a admittirem-ſe duas, ſeria enfraquecer huma pela outra. Em fim hum ultimo incidente naõ previſto, mas preparado, termina a acçaõ. He huma regra, que todas as partes do Poema Dramatico tendaõ a eſte ultimo incidente, mas ſem o darem a conhecer.

Com

---

* Que preparada a acçaõ deſde os ſeus primeiros verſos facilite a entrada ſem repugnancia do objecto. Eu me rio de hum Auctor, que vagaroſo em ſe exprimir, naõ ſabe informar-me logo, do que elle quer; e que deſenvolvendo mal hum enredo enfadonho, me cauſa, de hum divertimento huma fadiga... ..... Nunca o ſugeito he bem explicado, ſe o lugar da ſcena naõ for fixo, e alli denotado.

Deſpreaux Art. Poet.

Com effeito; o intereſſe ſó pela incerteza ſe ſuſtenta; pela incerteza he, que a alma eſtá ſuſpenſa entre o temor, e a eſperança; e he da ſua miſtura, que o intereſſe ſe nutre. O exito deve ſer natural, e tocante, deve ſatisfazer a toda a curioſidade do Eſpectador, fazendo a acçaõ completa. Huma vez, que o objecto he bem conſtituido, quando a acçaõ ſe termina, naõ ha neceſſidade de explicaçaõ; todos os obſtaculos devem eſtar no nó da intriga; e todas as ſoluçoens no cataſtrophe. A Tragedia póde acabar pelo infortunio, ou pela proſperidade das principaes perſonagens, que haõ intereſſado. Deſtes dois fins o primeiro he auctorizado; mas o ſegundo he ſem duvida mais perfeito, ou ao menos ſatisfaz mais. O cataſtrophe muitas vezes he narrado, e muitas tambem ſe paſſa na ſcena á viſta do Eſpectador. Deve evitar-ſe, ſegundo os noſſos coſtumes, o enſanguentar a ſcena; com tudo já ſe tem repreſentado hum amante furioſo, que apunhalava a ſua dama; e Principes infelizes, que cedendo á ſua deſeſperaçaõ ſe cravavaõ o punhal no peito, mas ſempre he melhor apartar da viſta do Eſpectador

qua-

quadros deſta eſpecie. * Eſtima-ſe ainda no Poema Dramatico, que a Virtude ſeja coroada, ou que ao menos ſeja louvada, e appetecivel, a pezar dos ultrajes da fortuna, e que o vicio ſeja punido, ou digno de horror, ainda meſmo quando elle parece triumfar. Por iſto he, que ſe deve ter hum grande cuidado, em que a principal perſonagem do Poema Dramatico ſeja tal, que poſſa intereſſarnos vivamente na ſua ſórte. Huma Tragedia naõ cauſaria compaixaõ, nem terror, ſe hum perverſo foſſe o ſeu Heróe; as ſuas infelicidades pareceriaõ hum juſto caſtigo dos ſeus crimes; e as ſuas felicidades naõ cauſariaõ em nós, ſenaõ indignaçaõ.

Os Gregos admittiaõ nas ſuas peças muitas partes, ou diviſoens; as principaes eraõ quatro, porém conhecidas no theatro, como interrupçoens reaes. Os Romanos foraõ os primeiros, que introduziraõ no Poema Dramatico a diviſaõ por acto.

Em

---

* . . . . *Multaque tolles*
Ex oculis, quæ mox narret facundia præſens,
Nec pueros coram populo Medeæ trucidet . . . .
Hor. Art. Poet.

Em fim deve-se obſervar tres unidades no Poema Dramatico; a unidade da acçaõ, do tempo, e do lugar. * Todas eſtas regras ſaõ ſimples, e fundadas na razaõ, e no goſto; por iſſo ſaõ immutaveis, e preſcrevem á Arte huma marcha, de que eſta naõ poderá deſviar-ſe ſem ſe perder. He preciſo inſtruir, intereſſar, concluir, e eis-aqui os principios da expoſiçaõ, da intriga, e do cataſtrophe. Naõ ſe póde intereſſar, ſenaõ moſtrando couſas veroſimeis, e naõ dividindo a attençaõ; iſto he o que deu lugar á unidade da acçaõ; porque hum intereſſe dividido ſe enfraquece; á unidade do tempo; porque a repreſentaçaõ da acçaõ para chegar a ſer tocante, deve ſer proporcionada ao tempo que o Eſpectador emprega em a ver. Sendo o tempo limitado, o lugar o deve ſer tambem: com effeito hum Eſpectador naõ poderia illudir-ſe á cerca de huma mudança, que o tranſportaſſe á lugares muito diſtantes hum do outro. A unidade do tempo ſe tem eſtendido até vinte e quatro ho-

G ras;

* Hum ſó facto completo em hum lugar, e em hum dia, tenha o theatro cheio até o fim. *Deſpreaux. Art. Poet.*

ras; e a do lugar ao circuito de hum Palacio todo. Está na Arte do Poeta, segundo a observaçaõ de Pedro Corneille, o designar sómente em huma Cidade, ou em hum Palacio o lugar da scena, deixar á imaginaçaõ do Espectador o fixallo mais particularmente. Isto he porque há occasioens, em que a unidade do lugar escrupulosamente guardada, he defeituosa; e como eu direi mais a baixo, a mudança das scenas, sem offender a verosimilhança, muitas vezes concorreria para ella mais, do que esta unidade do lugar, de que se tem feito huma regra muito absoluta.

Divide-se a Tragedia em cinco actos, entre os quaes o Auctor deixa hum intervallo auctorizado pelo uso, e muitas vezes fundado sobre a verosimilhança. Com effeito; algumas vezes se annunciaõ combates, que vaõ dar-se; conspiraçoens, que se devem formar; e outras cousas, para as quaes he necessario tempo: ao menos esta interrupçaõ momentanea ajuda, e dá lugar a que se conte nos actos seguintes, o que he natural ter passado durante o intervallo.

Entre os Gregos, e Romanos o lugar da scena era quasi sempre hum lugar publico,

blico, como o atrio de hum Templo, ou de hum Palacio. Era por esta causa verosimil, que passando-se a acçaõ entre as primeiras pessoas do Estado, convocasse muitas testemunhas: ora, estas testemunhas formavaõ o côro; e vinhaõ a ser parte interessada, ainda que de huma maneira mais remota, que a das outras personagens da acçaõ. Estes córos contribuiaõ tambem á variedade, e á pompa do espectaculo; além disto, os seus entretenimentos, e as suas reflexoens á cerca dos successos, que se tinhaõ passado, enchiaõ muito bem o vaõ da acçaõ, e eraõ muito uteis para sustentar a attençaõ do Espectador sem a fatigar, e para ligar os actos, e naõ deixar perder de vista o sugeito representado. Pelo contrario entre nós o espirito se esfria com a interrupçaõ da acçaõ; a alma sahe da sua perturbaçaõ, e sente mais trabalho para de novo se entregar ao que a illudia. Ah! e naõ he cousa ridicula, como se tem já observado, que as Tragedias Francezas sejaõ suspendidas, e se interrompaõ com Sonatas de Musica instrumental, e que o Espectador, que se suppoem occupado pelos maiores interesses, ou movido pelas mais vivas paixoens cahia em hum so-

cego impreviſto, e faça deſte modo diverſaõ com o pathetico da ſcena, para ſe divertir com hum minuete, ou com huma dança?

A Verſificaçaõ deve ſer doce, e numeroſa ſem ſer muito cadente: os verſos harmonioſos, e cadentes ſe apartaõ da natureza do Dialogo, e naõ parecem emanar da ſua origem, como convem neſte genero de Poeſia. Pede-ſe, que as perſonagens principaes tenhaõ coſtumes, e caracteres ſuſtentados conformemente á opiniaõ, que a Fabula, ou a Hiſtoria nos tem dado, ou ſeguindo a conveniencia, ſe faõ figuras de invençaõ. Deve a Arte fazer eſcolha de caracteres, que contraſtem entre ſi; e he huma regra eſſencial, que elles ſejaõ ſubordinados ao Heróe da peça, e que lhe dem luſtre pela ſua oppoſiçaõ.

O numero dos verſos na Tragedia moderna he de mil e quinhentos até mil e ſeiscentos, e cada acto contém pouco mais, ou menos trezentos verſos. Naõ he neceſſario multiplicar muito as ſcenas, a fim de guardar proporçaõ na reſpectiva longitude dos actos: os Antigos naõ admittiaõ nunca, mais de ſette ſcenas em hum acto; porém nós á cerca deſte numero naõ temos regra alguma fixa;

a conveniencia he, quem o deve determinar. Os Gregos faziaõ tambem huma regra eſſencial de naõ empregarem na ſcena mais de tres interlocutores juntos, o que Horacio exprimio neſte verſo:

. . . . . *Ne quarta perſona laboret.*

Com tudo os Poetas Francezes ſe tem apartado muitas vezes deſte conſtrangimento, e com razaõ; porém em geral, mais de tres interlocutores fazem confuſaõ, e prejudicaõ o jogo da acçaõ.

A reſpeito da diviſaõ em cinco actos, naõ ſerá eſta regra huma das que ſaõ arbitrarias, e fundadas antes no uſo, que na razaõ? Póde ſer conveniente, fallando em geral, que a Tragedia ſeja em cinco actos: mas he certo tambem, que muitos Poemas Dramaticos ſe terminariaõ vantajoſamente no terceiro, ou no quarto acto, e que ſó o tyrannico imperio do uſo, he que póde obrigar o Poeta a tecer actos inuteis, e admittir incidentes eſtranhos para chegar ao termo preſcripto. Bem ſe vê, por exemplo, que a magnifica Tragedia de Horacio ſe termina no quarto acto, e que foi a lei eſtabelecida, que conſtrangeo ao grande Corneille a

ajuntar

ajuntar-lhe hum acto quinto, e por conſequencia a enfraquecer o ſeu Poema. A Tragedia de Eſther, e a Morte de Ceſar por naõ ſerem, ſenaõ em tres actos, ſeraõ menos Poemas completos? Podemos dizer ainda, que há hum grande número de ſugeitos patheticos, a acçaõ dos quaes deve ſer curta, ſimples, e viva. A extenſaõ de huma Tragedia ordinaria, pede neceſſariamente perſonagens epizodicas, incidentes variados, e huma intriga ſuſtentada, e preparada. Como he entaõ poſſivel, que o Eſpectador naõ perceba muitas vezes a conſtrucçaõ da Arte? Naõ ſerá o intereſſe mais concentrado em huma compoſiçaõ, onde ſe naõ admittiſſem, ſenaõ as peſſoas eſſenciaes, e o tempo da acçaõ, que ás paixoens convem para conſervar o ſeu fogo, e a ſua energia.

Tem-ſe obſervado, que os aſſumptos tirados da Fabula, da Hiſtoria, e ainda ſómente da imaginaçaõ, tem tido muito melhor exito, do que os tirados da Hiſtoria moderna. Deſte ultimo genero poucas Tragedias ſe conhecem, como as de Goſtavo, de Bajaſet, do Conde de Eſſex, que ſe tenhaõ ſuſtentado no theatro; e ainda eſtas peças pertencem á Hiſtoria

eſtra-

eſtranha : e eu naõ ſei, ſe ſeria ainda mais difficil pôr na ſcena Tragica nomes, que foſſem da noſſa Hiſtoria; porque ſendo-nos conhecidos os coſtumes dos Heróes da noſſa Naçaõ ſoffreriamos com incommodo as exaggeraçoens, que a Arte eſtava obrigada a dar-lhe para nos fazer dignos da repreſentaçaõ. A Comedia pelo contrario, ſendo o retrato das noſſas acçoens, e a imitaçaõ dos noſſos diſcurſos, os ſugeitos, que eſcolhe o Poeta Comico, devem ſer tomados d'entre os ſucceſſos ordinarios, e as ſuas perſonagens devem aſſimilhar-ſe á Naçaõ, o mais que for poſſivel.

CAPITULO VII.

Da Comedia.

O Que acabamos de dizer tractando da Tragedia, das tres unidades, do lugar, da acçaõ, e do tempo, he do meſmo modo mui eſcrupuloſamente obſervado em os differentes generos de Comedias. He neceſſario demorarmo-nos nos meſmos principios, pelo que conçerne á expoſi-

expoſiçaõ, e á gradaçaõ do intereſſe. As perſonagens devem igualmente ter coſtume, , e carecteres faceis de perceber : em fim o exito deve ſer preparado, natural, e tocante : mas he regra, que eſte ultimo incidente ſeja na Comedia á ſatisfaçaõ, e ſegundo o deſejo do Eſpectador : o exito da Comedia exige rigoroſamente a mais exacta veroſimilhança; mas naõ há neceſſidade de ſer impreviſto, como na Tragedia; e muitas vezes naõ agrada, ſenaõ quanto elle he mais indicado. Na Comedia he muitas vezes a perſonagem ſó, a quem ſe deve enganar, e he o ſeu engano, que excita o riſo.

A Comedia em geral he a imitaçaõ dos coſtumes, poſta em acçaõ : o ſeu fim he agradar, e inſtruir; e por iſſo he que hum Auctor Filoſofo, e bom Cidadaõ deveria apartar da ſcena tudo, o que tende a perpetuar a libertinagem, e a perverter os coſtumes em lugar de os corrigir. Que há, por exemplo, de mais contrario á ſábia politica, e ao bem geral, do que eſtas declamaçoens indecentes contra os eſtados uteis, e neceſſarios á ſociedade; do que eſtas ſatyras perpetuas do matrimonio; do que eſtas pinturas groteſcas dos maridos expoſtos á zombaria pública; em hu-

ma

ma palavra, do que a Apologia contínua dos corruptores galantes, que tem sempre os zombadores da sua parte, quando poem todos os meios para seduzir a innocencia, e a virtude? Naõ he a estas censuras theatraes, que se deve attribuir em parte o grande numero dos nossos priguiçosos delicados, e dos nossos célibatarios sensuaes, que parecem multiplicar-se de dia em dia? Ao menos o projecto de huma vida ociosa, e livre de qualquer estado, he o que nasce naturalmente da representaçaõ da maior parte das peças Comicas. Em fim, quantos pertendidos Filosofos inimigos do matrimonio, ou maridos envergonhados de o serem, naõ tem produzido a scena? Nada interessaria mais, do que hum tractado, em que se provasse com exemplos, que o theatro offerece em turma estes abusos da Comedia, abusos tanto mais faceis de evitar, quanto naõ saõ da essencia do bom Comico, e que além disso, he presentemente hum assumpto usado: porém isto naõ he do plano desta obra; da Arte, e das differentes classes do Comico he, que aqui se tracta.

SEC-

SECÇAÕ I.

Do Comico de caracter.

POdem-se diſtinguir muitas eſpecies de Comedias; e duas entre outras: huma de caracter, e outra de intriga. O Poeta propoem-ſe no primeiro genero, combater hum ridiculo capital: he hum Avaro, hum Invejozo, hum Mizantropo, hum Jogador, hum Maniáco de verſos, que reunem em ſi tudo, o que o vicio tem de ridiculo, e de extravagante. Eſtes retratos Dramaticos, podem-ſe comparar áquellas figuras pitureſcas, cujas feiçoens carregadas, e comtudo traçadas naturalmente, nos offerecem hũ quadro animado, e tocante, que nos obriga a rir dos noſſos proprios defeitos. Os Poetas Cómicos ſe occupaõ menos com o verdadeiro, do que com o veroſimil; porque tem o privilegio de dar ás principaes perſonagens hum caracter, que muitas vezes naõ exiſte, mas tal, qual elle podia exiſtir. Com effeito; a ſcena eſtá em hum ponto de optica, em que as feiçoens devem ſer augmentadas para ſe perceberem:

hum

hum caracter ordinario pareceria insipido, e naõ teria nada de tocante. He prudencia o naõ apresentar, senaõ as cousas, que mereçaõ attençaõ pela sua singularidade: muitas vezes he preciso surprender para agradar: assim como o Escultor, que consuita, e toma as bellezas espalhadas por differentes modélos para fazer huma figura perfeita; o Poeta tira dos diversos caracteres originaes as feiçoens, que podem fazer as suas personagens perfeitamente ridiculas. Nada he mais theatral, nada fornece mais materia á zombaria, que he a fonte do riso, e a alma da Comedia. * Tal he a Comedia do Mizantropo, q̃ he menos a pintura de hum Mizantropo ordinario, que o da mesma Mizantropia; tal he ainda a pintura da Avareza em o Avaro, e da paixaõ do jogo no Jogador. Porém estes sujeitos saõ limita-

* Qualquer, que vê bem o homem, e com hum espirito profundo tem fondado o fundo de tantos coraçoens occultos; que sabe bem, o que he hum Prodigo, hum Avaro, hum homem de bem, hum Fatuo, e hum Extravagante; póde expôllos em huma scena feliz, e fazellos viver, obrar, e fallar aos nossos olhos; mostrai na scena sempre imagens naturaes, e fazei, que cada hum seja pintado com as cores mais vivas. *Despreaux. Art. Poet.*

tados; porque ſó há certa quantidade de ridiculos, que formem caracteres, e que ſejaõ proprios á Comedia. Alem diſſo há numero de ridiculos, que ſendo de hum matiz muito fraco, ou que tendo muito poucos toques difficeis a tomar naõ podem formar o objecto principal de huma Comedia, mas ſómente os ſujeitos da ſegunda ordem. Neſte caſo principalmente he, que os antigos Auctores riveraõ grande vantagem ſobre os modernos, aos quaes ſó tem deixado ſugeitos ingratos, e eſtereis. He preciſo nas peças de caracter ferir com vigor o papel principal: e tudo o que o rodéa, que ſirva de contraſte, e de algum modo de ſombra para fazer ſobre-ſahir o ſeu ridiculo. Eſtima-ſe o vêllo continuamente em oppoſiçoens, q̃ mortifiquem o ſeu vicio dominante, e que lhe dem mais força por eſte motivo, e mais eſplendor. O nó da intriga deve neceſſariamente depender do ſeu caracter. Em fim deve eſte ſer o centro, a que ſe refiraõ as galantarias, os golpes da ſatyra, e os incidentes da peça.

Entre os caracteres há alguns, que tem a ſua origem na loucura do tempo: taes ſaõ o ridiculo das mulheres ſábias, das precioſas, dos Petit-Maitres, e dos

vapo-

vapores. O ſal deſte Comico cahe ſómente ſobre hum tempo, e ſobre hum paiz; e a galantaria naõ tem já o meſmo effeito, quando os originaes, ou os modélos naõ exiſtem: eſta a cauſa, porque he melhor emprehender caracteres geraes, e os q̃ tendem ás paixoens grandes, como a ambiçaõ, o intereſſe, o amor, a avareza, e a inveja; eſtes caracteres ſaõ de todos os tempos, e de todos os paizes. Com tudo o Comico aſſim limitado pelos lugares, e pelos tempos ao circulo do ridiculo, a quem ataca, he algumas vezes utiliſſimo, por impedir, que eſte ſe perpetue, e ſe eſpalhe, ſuffocando-o no ſeu principio, e deſtruindo os ſeus proprios modélos; de ſorte que ſe elle chega a tempo de naõ ſe aſſimilhar com ninguem, he como ſe obſervou, porque ninguem ouza já aſſimilhar-ſe-lhe.

A grande Arte conſiſte naõ ſómente em fazer dominar o principal caracter; mas ainda em o deſenvolver em todas as ſuas relaçoens, e de indagar todas as ſuas feiçoens até nos minimos movimentos da alma. * Há caracteres, que ſaõ compoſtos,

* A natureza fecunda em diverſos retratos he aſſignalada em cada alma com differentes co-

tos, e que formaõ como o ajuntamento, ou a reuniaõ de muitos caracteres acceſſorios. Aſſim o Ambicioſo he ao meſmo tempo ſuſpeitoſo, inquieto, e inconſtante. O Jogador he vaõ na fortuna, prodigo no ganho, e furioſo na perda. O Invejoſo he colerico, deſconfiado, e vingativo. O Avaro he deſconfiado, medroſo, e uſurario. O ſoberbo he mentiroſo, deſprezador, e fauſtuoſo. Todos eſtes caracteres ſubordinados ſaõ unidos de ſorte ao caracter principal, que ſe naõ poderaõ ſeparar delle ſem deixar imperfeita a pintura, que ſe quer deſenhar. Alem deſtas feiçoens, que ſe aſſociaõ ao caracter dominante, ſe lhe podem ainda aſſociar, e fazer operar outros caracteres ſubalternos, que ſerviraõ de dar mais evidencia ao caracter principal. Taes ſaõ os caracteres da Preſumida do Maldizente, e dos Petit-Maitres no Mizantropio.

O Poeta na falta de caracter dominante póde ajuntar muitos caracteres, ou ſejaõ principaes, ou acceſſorios, e fazellos concorrer hum com outro, ſem que nenhum

---

cores; hum geſto a deſcobre, hum nada a faz moſtrar; porém nem todo o eſpirito tem olhos para a conhecer.

Deſpreaux. Art. Poet.

nhum tenda a primeiro. Deſte genero he a Eſcola dos Maridos, a Eſcola das Mulheres, e a Condeſſa de Eſcarbagnas.

Hum ſó golpe de viſta Filoſofica he quem comprehende, e aprecia naõ ſómente os extremos, mas ainda eſte apropoſito das couſas: he eſta a grande arte de Moliere, o qual ſabe pelo contraſte dos caracteres oppoſtos fazer ſahir o vicio, ou o ridiculo das ſuas perſonagens; mas tem o cuidado ao meſmo tempo de introduzir hum ſabio, que aſſigne o verdadeiro igualmente apartado da aſpereza de huma virtude ſalvagem, e dos exceſſos do vicio; no que tem ſido imitado pelos bons Comicos: tal he o bello papel do Artiſta na Comedia do Homem máo de M. Greſſet.

SECÇAÕ II.

Peças de Intriga.

AS Peças de intriga formaõ o ſegundo genero de Comedia. Exige-ſe dellas huma acçaõ intereſſante, e incidentes, que preparem ſituaçoens ſingulares, e agradaveis. Nas peças de caracter tudo

do ſe reporta a huma perſonagem principal; nas peças de intriga ſaõ os amantes, q̃ ſe esforçaõ por meio de differentes eſtratagemas a deſcubrir os obſtaculos, que ſe oppoem á ſua paixaõ. O intereſſe ſe reune em ſeu favor; o Eſpectador deſeja vêllo eſtender laços; e ſe regoſija com elles, quando alcançaraõ enganar a vigilancia, dos que os eſpreitavaõ; e quanto mais huma acçaõ fornecer incidentes, mais ella ſerá Comica. A Arte do Auctor eſtá em introduzir perſonagens ao meſmo tempo deſconfiadas, e credulas; e eſta he a razaõ, porque os bons Comicos tem feito muito uſo deſtes papeis de velhos: he preciſo, neceſſariamente, que hajaõ eſtupidos no theatro para fazerem rir: e eſtas perſonagens muitas vezes eſtupidas de ſua natureza, e pela ſua deſconfiança; e eſtupidas outras por cauſa da ſua credulidade, ſaõ muito proprias a encher o objecto da Comedia. Com effeito; ſe ſe examinar bem a verdadeira origem do riſo theatral, ver-ſe-há, que elle naſce do prazer do intereſſe, e da malignidade; aſſim na XIV ſcena do ſegundo acto da Eſcola dos Maridos, fingindo abraçar o ſeu Tutor, a quem deteſta, ſerve-ſe deſta occaſiaõ para dar a beijar a maõ a Valerio

lerio ſeu amante, e lhe jura huma fidelidade inviolavel com as expreſſoens amoroſas, que parece dirigir ao ſeu emulo, e que eſte com effeito recebe, como taes: o amante que intereſſa niſto, chegou ao que fazia deſejar para ſi; e de mais enganou hum vigia importuno: entaõ o prazer ſe ſurrí, e apparece a malignidade. Eis-aqui cheio todo o objecto da Comedia. Algumas vezes a ſituaçaõ das perſonagens naõ produz mais, do que hum ſentimento de intereſſe, ou hum ſentimento de malignidade; mas ſobre tudo he eſſencial, q̃ eſtes ſentimentos ſahaõ do fundo da acçaõ, e que ſejaõ preparados, e naõ previſtos. O riſo para ſer vivo deve ſer hum impeto da alma, e naſcer da ſurpreza. Nada conduz mais á boa chocarriſle, do que os disfarces, com que hum criado procura enganar hum velho ſeu amo, ou favorecer os deſignios do filho deſte: ſimilhantes disfarces tem a vantagem de offerecer huma exaggeraçaõ inteiramente graciosa do ridiculo, e dos defeitos de hũ rival, q̃ ſe quer deſviar: o Eſpectador recebe tanto maior prazer neſta critica em acçaõ, quanto ella parece neceſſaria, e he annunciada, e diſpoſta: taes ſaõ na Comedia do Legatario univer-

fal as metamorphoſes de Criſpim em fidalgo camponez, em viuva, e em doente. Os Poetas tem repreſentado igualmente com felicidade dois velhacos, que procuraõ enganar hum ao outro, e vem depois a conhecer-ſe; mas naõ póde haver neſte genero de Comico huma ſcena mais original, e mais tocante, do que aquella, em que Cleantes, e Strabaõ no Democrito de Regnard, depois de ſe namorarem, depois de ſe terem reciprocamente enganado tanto, que elles ignoraõ o ſeu eſtado, deſcobre em fim, que ſaõ Eſpoſos, e ſe reconhecem taes pelos ſentimentos de odio, que ſe renovaõ em ſua alma.

As boas palavras, e as outras bellezas do eſtylo, e das relaçoens miudas pódem bem excitar o riſo; porém naõ faraõ nunca tanta impreſſaõ, nem haõ de agradar taõ conſtantemente, como o Comico da ſituaçaõ. Hum Epigramma fere, e admira; mas huma vez previſto naõ faz mais o ſeu effeito: pelo contrario o prazer, que naſce do intereſſe, e do Comico dos incidentes, obra ſempre no eſpirito, e no coraçaõ dos Eſpectadores. Por iſto ſe vê, que o Comico das palavras tem ſómente hum ſucceſſo paſſageiro,

ro; e que o Comico da intriga ſe vê ſempre com applauſo.

A perfeiçaõ do eſtylo da Comedia conſiſte em ſer natural, e a belleza do Dialogo, em ſer conciſo, natural, e nada eſtudado. O riſo naõ naſce de huma couſa elegantemente dicta; a menor affectaçaõ deſtróe a illuſaõ: naõ he preciſo, que o Poeta appareça, quando eſte ſó deve moſtrar as ſuas perſonagens: toda a belleza fóra do ſeu lugar deixa de ſer belleza. Em fim, como diſſe taõ judicioſamente M. Greſſet.

O eſpirito, que ſe pertende ter, deſtróe o que ſe poſſue.

Moliere he hum completo modélo tanto no eſtylo, como nas outras partes da Comedia: as ſuas idéas ſaõ reveſtidas ſempre de expreſſoens naturaes; os ſeus tranſportes naſcem da acçaõ; o ſeu Comico tem huma candidez admiravel; o ſeu eſtylo ſempre claro, e preciſo, he intelligivel aos Eſpectadores menos illuminados: elle tem finalmente eſta ſórte de eſpirito, que agrada do meſmo modo aos conhecedores, e aos ignorantes; e para ſe naõ apartar deſte ſimples natural, he;

que elle ſem dúvida conſultava a ſua criada, e que mudava tudo, o que ella naõ entendia.

SECÇAÕ III.

Das Farças.

HA' outro genero de Comedia, que ſe póde comparar aos groteſcos, e as bambochadas da pintura, que tira o ſeu agrado da groſſeria, e do extremo ridiculo das perſonagens. As Farças naõ repreſentaõ quaſi nada, que naõ ſejaõ ſcenas baixas; e o riſo ſe excita por huma expoſiçaõ de acçoens exaggeradas, e de momiſſes extravagantes. Eſtes paneis de coſtumes groſſeiros divertem pela ſua ſingularidade, e pela ſua meſma baixeza. Deſejaõ-ſe vêr os ſentimentos naturaes das paixoens, e os vicios de hum caracter bruto, e ſalvagem. Além diſto, o riſo ordinariamente fundado ſobre a deſcuberta dos erros, e das fraquezas de outro, deve brilhar neſte genero de Eſpectaculo, aonde eſtes erros, e eſtas fraquezas ſaõ frequentes, e ſempre exceſſivas; aonde os velhos de huma credulidade

de eſtupida cahem nas ciladas mais evidentes; aonde hum criado, hum ruſtico tem o fio da intriga, e acerta nos ſeus projectos por meios groſſeiros, e que parecem offender o veroſimil. Eſtas peças ainda produzem huma ſatisfaçaõ bem real, por naõ repreſentarem ao Eſpectador huma pintuta, na qual elle ſeja obrigado a reconhecer o ſeu ridiculo, ou os ſeus vicios: o ſeu amor proprio reſpira aqui livremente, e os parvos poſtos em jogo nas farças ſaõ taes, que elle naõ póde temer aſſimilhar-ſe-lhes. Eſta a razaõ, porque nada o incommóda, nem o impede de ſe entregar todo, e ſem alguma reflexaõ penoſa ſobre ſi meſmo, ao prazer maligno, que lhe cauſa o erro, e a fraqueza de perſonagens taõ groſſeiras. Além do Comico tirado das ſituaçoens, há outro, de que ſe faz grande uſo neſta qualidade de peças: eſte Comico naſce dos equivocos, do engano das palavras, ou do choque dos penſamentos, que naõ devem achar-ſe juntos: o erro, a admiraçaõ, ou a imagem livre das couſas, que deveriaõ eſtar occultas, ſaõ aqui ainda principios do riſo. As ſatyras; hum ſangue frio intempeſtivo; hum geſto, que contraſta com huma acçaõ, ou huma expreſ-

ſaõ;

saõ ; hum reconhecimento impreviſto, que tira a maſcara a hum velhaco ; em fim tudo, o que excita a malignidade por qualquer ridiculo, ou a admiraçaõ por alguma ſingularidade, vem a ſer huma origem do Comico. O defeito das farças he, ó de offerecerem unicamente huma intriga, cujos incidentes groſſeiros enfraquecem o intereſſe, e deſtróem muitas vezes a veroſimilhança ; e tambem de moſtrarem quadros de coſtumes triviaes, e pinturas extravagantes, e diſformes, que excitaõ apênas hum riſo convulſivo, e de alguma ſórte involuntario ; a reflexaõ do qual faz envergonhar ; e em fim de naõ poderem cauſar eſte ſorriſo de eſpirito ; prazer delicado, que as peſſoas de bem deſejaõ principalmente nas Comedias. Com effeito ; como hum ſentimento taõ delicioſo, que naſce da expreſſaõ fina da natureza, e da Arte engenhoſa de matizar o ridiculo dos noſſos vicios, e das noſſas paixoens, poderia achar-ſe em hum genero, aonde os toques, e o colorido ſaõ igualmente exceſſivos, e meſmos extravagantes ? Em fim naõ limitemos os noſſos prazeres, e poſſa ainda algum genio feliz dar-nos deſtas pinturas Comicas em o genero das velhacarias de Scapim,

do

do Doente imaginario, e do Medico a ſeu pezar. Talvez tornará a pôr no theatro o goſto da viva alegria, que ſe perde entre nós. O noſſo Comico corrompido pelo eſpirito do ſeculo por muitas razoens, he muito compoſto, e muito eſtudado para excitar eſta alegria filha da liberdade, e do ſentimento. O ſevéro Deſpreaux, que diz nas ſuas ſatyras:

No ſacco ridiculo, em que Scapim
Se mette, já naõ conhece mais o Auctor do Miſanthropo.

Naõ tem contribuido pouco a introduzir o ſério na Comedia. Com tudo naõ ſe póde deixar de confeſſar, que a meſma farça das velhacarias de Scapim he admiravel nas ſuas circumſtancias, e hum Chéfe de obra na ſua eſpecie. Na verdade o genero deſtas farças naõ he taõ perfeito, como o Comico de caracter: mas iſto naõ he baſtante para ſe rejeitar. O amador illuminado naõ admitte no ſeu gabinete as pinturas dos Flamengos, ainda que eſtes Artiſtas naõ tenhaõ hum eſtylo taõ nobre, como os Pintores Italianos?

CA-

CAPITULO VIII.

Das Peças de ſentimento.

RENovou-ſe nos noſſos dias hum genero totalmente oppoſto áquelle, de que acabamos de fallar. O Andrienio de Terencio parece ter ſido o modélo deſta ſórte de peças, das quaes ſe tem intentado fixar o naſcimento no noſſo ſeculo para haver lugar de ſe criticar em os Auctores. Póde-ſe dar a eſtes Dramas o nome de *Peças de ſentimento*, em que o Poeta ſe propoem menos o fazer rir, do que o intereſſar; menos combater o noſſo ridiculo, do que os noſſos vicios; e moſtrar mais de preſſa modélos de virtude, do que caracteres Comicos. Eſtas peças ſaõ em huma palavra novélas poſtas em acçaõ, e ſujeitas ás regras do theatro. Tem-ſe intentado, ſem razaõ, julgar deſtas peças pelos principios da Comedia; ſendo hum genero particular, o qual deve em conſequencia ter regras particulares. Tracta-ſe primeiramente de ſaber, ſe elle tem agradado: ora, iſto he o que ſe naõ pó-

póde pôr em dúvida; logo deve ser admittido; pois que tem a seu favor a primeira qualidade das Artes, q̃ he a de agradar. O Espectador toma parte em huma acçaõ theatral, ou porque ella o interessa, e diverte ao mesmo tempo, como no Comico de caracter, e de intriga; ou porque em fim só o interesla, como nas peças de sentimento. Este ultimo genero, assim como o das farças he sem dúvida inferior aos sugeitos do Comico grande; porque naõ tem para se sustentar mais, do que huma das suas qualidades tomada separadamente. Com tudo, como esta sórte de peças se occupa só em hum objecto, aperfeiçoa-se mais; e isto he, o que sustenta a attençaõ do Espectador. Nos Dramas, de que aqui se tracta, o interesse deve ser vigoroso; os incidentes bem manejados, e tocantes; as situaçoens ternas; e os costumes, e caracteres das personagens sustentados, e desenhados com escolha, segundo a natureza. Deve tambem propôr-se huma virtude, que fórme o nó da acçaõ, e o principio do interesse: he necessario representalla perseguida, infeliz, sempre em acçaõ, sempre firme, e em fim triumfante, e coroada. Alguns Auctores intentáraõ excitar o ri-

riſo, depois de terem feito derramar lagrimas; porém as perſonagens jocoſerias ao lado do pathetico parecem frias, e de hum Comico máo; e a alma ſe entrega por hum modo conſtrangido a movimentos taõ contrarios: o riſo he improprio ao lado das lagrimas: além diſſo detem a impreſſaõ do intereſſe, e eſtes diverſos ſentimentos ſe enfraquecem, e ſe deſtróem meſmo hum ao outro, quando naõ ſaõ poſtos em hum juſto equilibrio, como nas Comedias de caracter, e de intriga.

As peças de ſentimentos parece terem alguma analogia com a Tragedia pela piedade, que excitaõ, e pelo pranto, que fazem verter; e iſto he o que as tem feito chamar algumas vezes Tragedias Cidadãs. Com tudo falla aqui abſolutamente o principal effeito da Tragedia, que he o terror: aſſim devem olhar-ſe, como peças de huma ordem ſeparada. Naõ ſe admittem neſte genero Reis, nem Heróes; nem do meſmo modo ſe introduzem homens da liga do povo; porque ſaõ neceſſarias perſonagens de huma condiçaõ media para enſinar ao commum dos Cidadaõs com liçoens animadas, e extrahidas d'entre elles, o que devem fazer, ou evitar nas circumſtancias delicadas, em

que

que a honra he combatida pelo intereſſe, a virtude pelas paixoens, e o dever pelo temor. Eſte genero praticado pelos Filoſofos póde ſer util, e fazer bons Cidadaõs, disfarçando a auſteridade da moral de baixo dos toques do prazer, e inſpirando a virtude pelo orgaõ do ſentimento.

CAPITULO IX.

Da Tragi-Comedia.

SEria hum genero barbaro, e geralmente reprovado pelo eſpirito, e pelo ſentimento, aquelle, em que ſe intentaſſe ligar o ſom grave, e pathetico de Melpomene, com a alegria, e humor folgaſſaõ de Talía. O noſſo ſeculo eſtá muito illuminado á cerca dos ſeus prazeres, para que poſſaõ liſongear-ſe de o ſurprender, e de o intereſſar com huma miſtura, taõ monſtruoſa. He preciſo mais Arte, e contraſtes menos groſſeiros para illudir os Eſpectadores: além diſſo a alma penetrada dos ſentimentos de terror, e de piedade, que huma acçaõ Tragica deve inſ-

pirar,

pirar, ſe occupa de couſas muito grandes para tomar parte em huma ſituaçaõ Comica: a ſua dôr neſtes momentos de intereſſe lhe he muito cara para a abandonar: deſeja internecer-ſe no infortunio dos Heróes infelizes; quer occupar-ſe toda ſem ſer diſtrahida: a chocarriſſe entaõ lhe parece hum contratempo importuno; e o riſo arrancado ao Eſpectador entretido, e penetrado de huma acçaõ heroica, virá a ſer mais de preſſa huma eſpecie de ſupplicio, do que hum ſentimento de prazer. Eu naõ fallo aqui deſte genero de Drama, ſenaõ para o rejeitar. Deve-ſe obſervar ſómente, que os Poetas deraõ algumas vezes o nome de Tragi-Comedia, a huma Tragedia, cujo exito era feliz, porque nella havia juntamente a piedade, e o terror, que ſaõ as paixoens da Tragedia; e a peça ſe terminava á ſatisfaçaõ do Eſpectador, como he uſo, e regra nas Comedias; e neſte ſentido he, que o grande Corneille chamou ao Cid huma Tragi-Comedia.

CAPITULO. I.

Peças Epizodicas.

AInda há hum genero de pequenas peças Dramaticas, em que todas as ſcenas ſaõ Epizodicas, e livres dos nós da intriga, e dos laços do intereſſe. Nada limita aqui a duraçaõ da acçaõ, nem ſe procura excitar por degráos a attençaõ, ou o ſentimento do Eſpectador. Póde o Auctor á ſua vontade augmentar, ou diminuir o numero das ſuas perſonagens, que naõ ſaõ, ſenaõ de algum modo, aviſinhadas, e francamente unidas, e muitas vezes todas ſeparadas; o que fez algumas vezes chamar a eſtes Dramas extravagantes *Peças de gaveta.*

Neſte genero he, que muitos Auctores tem feito o enſaio dos ſeus talentos para o theatro: com effeito; huma imaginaçaõ tenra, e ardente, ſe entrega com mais facilidade a pinturas vivas, e variadas, a carecteres ſoltos, e em fim a toques atrevidos, e paſſageiros, do que á compoſiçaõ deſte unido da acçaõ, a eſta

grada-

gradaçaõ de sentimentos, a estas representaçoens sustentadas dos costumes, cuja execuçaõ, como já observamos, he taõ difficil, e parece exigir o concurso de todas as faculdades da alma.

A imaginaçaõ livre das regras, e do methodo, que a penaliza nas outras especies de Comedias, naõ conhece neste genero outra lei mais, do que o seu capricho: e por isso nada há de mais variado, do que a fórma, e o tom destas pequenas peças: hum Auctor principal he, como o centro, á roda do qual as outras personagens se vem pôr. Isto he tudo, o que basta, e se pertende exigir pela unidade da acçaõ: com tudo he a proposito, para o effeito do Espectaculo, observar nestes papeis Epizodicos huma progressaõ para a especie de interesse, de que este genero he susceptivel, seja no desenho, seja no colorido, ou seja em huma palavra na singularidade das pinturas, que se fazem passar successivamente aos olhos dos Espectadores. Os contrastes entre os differentes papeis; a escolha das personagens grotescas; o seu ridiculo tocante, e bem caracterizado saõ o principal merecimento desta especie de Comedias. Porém he de alguma sórte pôr

em

em jogo o enojo, e expollo em pleno theatro, o lançar-se o Poeta na ſubtil metaphiſica do ſentimento, na anályſe peſquizada do coraçaõ, e nos matizes finos, e delicados das paixoens: he neceſſario toques faceis de conceber, e repreſentaçoens bem ſenſiveis; ſendo o theatro, como hum lugar da Optica, aonde tudo deve ſer de algum modo exaggerado; aonde a natureza deve ſer ao menos repreſentada em hum gráo mais apparente; naquelle gráo, em que coſtuma offerecer-ſe aos noſſos olhos.

Deſtas peças humas ſaõ do ordinario tom da Comedia; quero dizer, que para a critica do ridiculo dos coſtumes ſe tem poſto em jogo as perſonagens, que figuraõ na ſociedade. Tal he a Comedia dos Importunos: eſtes papeis tomados, para aſſim dizer, do meio de nós, fazem mais effeito, e impreſſaõ nos Eſpectadores, do que as Divindades Poeticas, ou do que os entes moraes, que de baixo do véo da allegoria emprehendem pintar os noſſos prazeres, e os noſſos males; as noſſas virtudes, e os noſſos vicios: em fim eſtes generos allegoricos, metaphiſicos myſticos cauſaõ variedade, e podem ter huma fórte de ſucceſſo, ou ſeja pe-

lo

lo goſto, e pelo brilhante do eſtylo; ou ſeja porque ſempre ſaõ accompanhados de eſpectaculos, e de bailes engenhoſamente deſenhados, e executados. Mas he preciſo convir, que a ſeriedade, que trazem como neceſſariamente ao ſeu lado, deve deſgoſtar os Auctores, que deſejaõ vêr as ſuas peças outra vez pedidas.

A verdadeira Comedia, aquella que he a pintura animada dos coſtumes, e do ridiculo da ſociedade, he ao meſmo tempo o genero mais extenſo, e talvez o mais difficil. O Poeta Tragico chega mais de preſſa, que o Poeta Comico, ao ponto de perfeiçaõ, a que he capaz de ſe elevar. Baſta para ſahir bem na Tragedia juntar ao genio Poetico hum conhecimento geral do coraçaõ humano tal, qual o gabinete, ou os primeiros eſtudos o pódem dar. Mas o Poeta Comico ſó ſe aperfeiçóa no eſtudo do mundo: elle deve fazer ſentir todas as differenças, que a idade, o ſexo, a educaçaõ, e a profiſſaõ poem entre as peſſoas: he preciſo, que ſaiba diſtinguir as feiçoens de cada caracter, de cada ridiculo, e de cada vicio. A ſua Arte conſiſte em tomar o tom da natureza, o dos coſtumes do ſeu ſeculo, e o da ſociedade em geral. Finalmnete

elle

elle falta ao ſeu fim, ſenaõ conhece a fundo o genero humano, e ſe ignora a linguagem de todas as paixoens, de todas as idades, e de todas as condiçoens. Alem diſto os Eſpectadores ſaõ juizes mais illuminados da Comedia, do q̃ da Tragedia, q̃ de ordinario pinta menos os homens taes, quaes elles ſaõ, que quaes devem ſer: na Comedia pelo contrario, tem ſempre diante de ſi o modélo dos quadros, que á ſcena nos apreſenta. Ariſtoteles dá muitos preceitos para fazer chorar; porém naõ os dá para fazer rir. Iſto he, porque o talento de achar o ridiculo de cada couſa, e de nelle deſcobrir o lado agradavel, he obra do puro natural, he hum tacto que he neceſſario poſſuir, e he como o goſto, que ſenaõ póde aprender. A Hiſtoria dos grandes Meſtres ſerve de apoio a eſtas obſervaçoens. Moliere tinha quarenta annos, quando fez as primeiras das ſuas Comedias, que começáraõ tambem a ſua reputaçaõ. Regnard, do meſmo modo, naõ compoz, ſenaõ em huma idade avançada: ao meſmo tempo que o grande Corneille, Racine, Voltaire, e muitos outros genios grandes ſe deſenvolveraõ muito moços na Tragedia, como Chéfes de obra.

CAPITULO. II.

Poemas Liricos.

A Poeſia, cujos encantos ſe unem taõ agradavelmente á Muſica, deve ter por eſta aſſociaçaõ, regras particulares, e eſſenciaes, tiradas do fundo dos ſentimentos exprimidos pelo Poema, e do genio da linguagem, em que eſte he feito: álem diſſo há nelle ſuas conveniencias, que ſe devem obſervar para fazerem ſahir mais vantajoſamente o jogo da Muſica, para formar contraſtes, e dar-lhe mais força, e mais eſplendor. Com effeito; a Poeſia compoſta para ſe unir com a Muſica, toma logo huma natureza differente da Poeſia ordinaria. He preciſo, que ella tenha para eſta uniaõ huma cadencia, huma quantidade, huma ordem, huma eſcolha, em huma palavra, hum mechaniſmo particular: a verſificaçaõ tem huma harmonia, tons, e movimentos, que he neceſſario apropriar ao canto, aos acordes, á expreſſaõ, e aos tempos da Muſica. Quanta maior analogia houver entre eſtas duas

Ar-

Artes pela feliz combinaçaõ da ſua marcha, e das ſuas operaçoens, tanto maior alma, e calor ellas adquiriráõ. Ajuntai a eſta perfeita ſimilhança entre o Poema, e o canto Muſical, a exacta expreſſaõ dos ſentimentos: entaõ a Poeſia, e a Muſica faraõ hum todo perfeito: os ſentidos, e a alma ſe moveraõ pelo concurſo encantador deſtas duas Artes.

Nós tocamos aqui brevemente, o que pertence á Muſica, porque adiante havemos de tractar della circumſtancialmente: o noſſo objecto preſente he de fallar dos differentes generos de Poeſia Lirica, e de os conſiderar ſobre tudo na ſua uniaõ com a Muſica; ponto de viſta intereſſante, e eſſencial, que julgo ter-ſe deſprezado muito.

SECÇAÕ I.

Tragedias Liricas.

AS Tragedias dos Francezes, deſtinadas a ſerem poſtas em Muſica, differem eſſencialmente das q̃ devem ſer declamadas. Neſtas procura-ſe illudir mais os ſentidos, do que o eſpirito, e ſe pro-

cura mais de preſſa produzir hum Eſpectaculo encantador, do que huma acçaõ, em que ſe obſerve exactamente a veroſimilhança. Eſte o motivo porque o Poeta Lirico rompe as leis auſteras do genero Dramatico: e ſe elle tem algum reſpeito á unidade do intereſſe, ou da acçaõ, vióla ſem eſcrupulo as unidades do tempo, e do lugar, ſacrificando-as aos cantos da variedade, e do maravilhoſo. Os Heróes dos Poemas Liricos ſaõ maiores, do que a natureza, commercíaõ com os Deozes, e participaõ do ſeu poder: franqueaõ as barreiras do Olympo, e penetraõ os abyſmos dos infernos. A' ſua voz a natureza ſe reanima; os elementos obedecem; e o Univerſo inteiro lhe he ſubmiſſo. O Poeta tende a deliniar-nos ſugeitos vaſtos, e ſublimes, e o Muſico a dar-lhe alma, e expreſſaõ: hum, e outro ſe unem para arrebatar o Eſpectador maravilhado, e fóra de ſi meſmo, aos Palacios encantados de Arminda, ao Olympo no meio das Divindades juntas, ou entre as ſombras bemaventuradas do Elyſeo.

Ou o Poeta tire o ſeu objecto da Fabula, óu o tire da Hiſtoria; ſempre derrama nelle o maravilhoſo; e hum ſenti-

men-

mento de intereſſe, e de admiraçaõ, realizando os entes moraes, e fazendo-os operar. A Vingança, o Odio, o Amor naõ ſaõ unicamente paixoens da alma exprimidas pelo Poeta Lirico: todos eſtes ſentimentos recebem quaſi ſempre nas ſuas maõs hum corpo, e apparecem na ſcena para animar os ſeus Heróes. Com effeito; eſtima-ſe vêr as Divindades fazerem-ſe ſimilhantes a nós, abraçarem os intereſſes de hum amante, declararem-ſe meſmo contra elle, opporem-ſe aos ſeus deſignios, combaterem-o, e por fim cederem ao ſeu valor, á ſua conſtancia, e á ſua virtude. Tal he a fórma, que as Tragedias Liricas tem recebido dos Poetas Francezes, genero de que elles ſaõ, como os inventores, e os melhores modélos: naõ ſe pódem fazer contraſtar melhor os intereſſes mais oppoſtos, e imaginar hum eſpectaculo mais pompoſo, e mais variado: mas todo eſte jogo de machina, e eſta brilhante imaginaçaõ do Poeta enfraquece, e lhe falta o effeito, ſe o Muſico lhe naõ ſouber dar a juſta expreſſaõ; devem concorrer hum, e outro para fazerem huma meſma pintura, e dar pelos meios proprios á ſua Arte as meſmas idéas, e os meſmos ſentimentos.

O primeiro traça o plano, e lhe dá a ordem, e o ſegundo deve dar-lhe o colorido, e moſtrar os objectos de baixo das feiçoens, que lhe ſaõ proprias. Porém, ſeja-me permittido dizêllo, a Muſica he ainda por muitas circumſtancias ſuſceptivel de forças, e de augmento. Nós os Francezes tocamos quaſi o naſcimento deſta bella Arte, para a qual naõ temos o ſoccorro, que temos para a Poeſia; nem tem havido tempo para ſe aperfeiçoar: mas as indagaçoens ſábias, e as obras de mui grandes Artiſtas nos annunciaõ os ſeus progreſſos certos. Entaõ o Muſico dará deſenho, e huma uniaõ ao ſeu recitativo, ao ſeu canto, e aos ſeus movimentos: conhecerá, que a ſua Arte he ſujeita ás meſmas regras, que o Poema, ſobre o qual elle trabalha; e que ſe o Poeta inſtrue o Eſpectador pela expoſiçaõ, ſuſpende a ſua attençaõ, ſem a fatigar pela unidade da acçaõ, toca-o, e remove as ſuas paixoens pela progreſſaõ do intereſſe; elle naõ deve eximir-ſe deſtas regras, naõ dando mais do que huma expreſſaõ vaga ás palavras, ſem indagar o ſeu verdadeiro ſenſo, que he hum, e ſem ſe propôr hum plano, e huma marcha certa. He verdade, que o Poeta naõ

conhe-

conhecendo ſempre, o que he vantajoſo á Muſica, naõ diſpoem os ſeus verſos, como conviria: occupado todo em encher o ſeu objecto, uſa dos meios, que ſe lhe offerecem, e lhe parecem mais favoraveis, ſem o inquietar o trabalho do Muſico: compoem em fim hum Poema, cujos ſentimentos ſaõ delicados, e exprimidos por meio de verſos faceis, e harmonioſos; porém de ordinario mal partidos, e diſpoſtos com pouca vantagem para a Muſica.

As porçoens do recitativo, que ſó deviaõ ſervir de liaçoens para as A'rias, ſaõ muito longas, e taes, que a ſcena he quaſi toda recitada; de mais, eſtes verſos recitados pedem mais de preſſa hum tom de declamaçaõ, do que hum canto ſuſtentado, e trabalhado; por conſequencia elles naõ devem empregar-ſe para produzir hum ſentimento, ou jogo das paixoens, mas para ſervirem unicamente de relaçaõ. Em fim os golpes principaes devem ſeparar-ſe do fundo da obra, e ſobreſahirem no Poema pelos verſos curtos, vivos, e bem partidos; e na Muſica pelos cantos animados, energicos, e trabalhados; de ſórte que tudo o que tende a exprimir a paixaõ, ou o ſentimen-

mento, transporte, e interésse o ouvinte.

A observaçaõ da unidade, e a gradaçaõ no plano Musical nunca poderáõ ser bem sentidos, sem chegarem, quanto for possivel, á harmonia, e ao canto do recitativo, para darem mais viveza, e mais esplendor ás A'rias. Com effeito; ás A'rias he, que pertence o caracterizar, e em as separando do fundo do recitativo, he, que as faraõ observar, e que o Musico as poderá trabalhar com elevaçaõ, e com huma expressaõ seguida, e caracteristica. Esta nova fórma produzirá sobre tudo hum effeito picante nos grandes Poemas Liricos, aonde o Musico poderá dar mais claridade, e toques aos seus caracteres, do que em hum entremez limitado pela extensaõ, e pela natureza da acçaõ. Mas conforme a estas idéas, e ao genio da Lingua, o Poeta Lirico tem algumas observaçoens essenciaes para fazer ácerca da disposiçaõ do seu Poema. Entaõ he necessario, como já observei, que elle abbrevie o seu recitativo, limitando-o ao que he de pura narraçaõ; e que multiplique as A'rias, destinando-as ao que he expressaõ, e sentimento: ora, como os toques da expressaõ, e sentimento saõ os toques de

ca-

caracter, haverá unidade, ſe eſtes forem ſeguidos, e manejados com Arte: haverá tambem alli hum intereſſe progreſſivo, ſe o Poeta ſe elevar por gradaçaõ: ſeguir-ſe-há em fim, que o Muſico, émulo do Poeta, e feito o ſeu interprete, porá na ſua Muſica a meſma unidade, a meſma progreſſaõ, e o meſmo intereſſe. Todas as medidas do verſo ſe pódem empregar no recitativo, principalmente os verſos grandes, e os de dez, e de oito ſyllabas: porém o trabalho eſſencial eſtá na compoſiçaõ das A'rias. He preciſo nellas, haver huma eſcolha de palavras ſonóras, de expreſſoens energicas, e de termos, cuja proſodia naõ ſeja violenta, mas facil.

Huma obſervaçaõ naõ menos eſſencial he, a de haver cuidado em dar hum pequeno repouſo ao fim do ſegundo verſo; hum maior na queda do quarto, e de dar hum ſentido perfeito ao ſexto, porque eſta he a longitude ordinaria das frazes Muſicaes. He neceſſario ainda evitar, o termirar-ſe eſte repouſo com huma rima feminina; porque o *e* mudo, que a compoem, naõ vindo a ſer pronunciado, hé vicioſo no canto, o ouvilla articular, o que acontece muito de ordinario na noſ-

noſſa Muſica, por cauſa do Poeta naõ ter feito eſta obſervaçaõ. Daqui naſcem eſtas terminaçoens frequentes em *eu*, terminaçoens contrarias á proſodia Franceſa, e por conſequencia barbaras: aſſim convem, para o bom effeito, dar ao fim de cada repouſo huma rima maſculina, uſar meſmo de licença, e empregar muitas rimas maſculinas depois, antes do que cahir no inconveniente, de que acabamos de fallar. Deve-ſe pois eſtabelecer, como regra geral, o evitar toda a rima feminina em os ſuſtenidos, e tiratas de muitas notas ſobre a meſma ſyllaba nos trinados, e em fim nas cadencias, ou terminaçoens de frazes Muſicaes.

Eſtas reflexoens tendem a aviſinhar a Arte á natureza, e adar-lhe mais imperio na noſſa alma. Talvez que algum Genio creador, abraçando de huma ſó viſta todo o plano Muſical, eſpalhe ainda nelle eſte calor, e eſte caracter, que nós deſejamos. Elle dominará os noſſos ſentimentos, e as noſſas paixoens; e o ſeu canto ſublime, paſſando todo á noſſa alma, produzirá nella eſtes effeitos ſympathicos, eſtes tranſportes, e eſtes extaſes, que os Muſicos da Grecia, ſe dermos credito á Hiſtoria, tinhaõ o talento de excitar

á

á ſua vontade: mas eu naõ poſſo acabar de o repetir, a Muſica naõ chegará a eſte ponto de perfeiçaõ, ſenaõ obſervando hum deſenho, em que a expreſſaõ ſeja unida ao intereſſe, e a unidade junta á diuerſidade das circumſtancias. He por eſtas leis, e com eſtas condiçoens, que a Eloquencia, e a Poeſia ſaõ os ſoberanos dos coraçoens, e dos eſpiritos.

O fauſto, e o eſplendor pompoſo das noſſas Operas, produz aos olhos do Eſpectador huma illuſaõ agradavel, e maravilhoſa; mas eſte montaõ de machinas, cujos preparos, e deſpeza ſaõ taõ conſideraveis, naõ cauſaõ hum prazer taõ conſtante, e taõ vivo, como o que naſce do intereſſe do ſentimento. Nunca o brilho, a variedade, e a riqueza das decoraçoens faraõ o bom ſucceſſo de hum Eſpectaculo, mas ſim o Poema, e a Muſica. He neceſſario principalmente dar attençaõ ao progreſſo deſtas Artes, e procurar produzillas de baixo da fórma, que lhes he mais vantajoſa. Os Dramas do theatro Francez ſaõ ſem duvida, o que o Genio póde crear de mais proprio para excitar as paixoens. Eſtes Poemas ſaõ de hum goſto táõ perfeito, que ſe ſuſtentaõ ſem toda eſta pompa das noſſas Operas:

e

e porque motivo se naõ há de enriquecer o theatro Lirico com esta especie de Poemas taõ susceptiveis de interesse, e de expressaõ? He verdade, que o Poeta obrigado a dar á sua peça menos extensaõ, e a observar huma destribuiçaõ propria á Musica, se verá logo em hum trabalho, que póde prejudicar o jogo da acçaõ: mas por outra parte o Musico, ajuntando alguma cousa á expressaõ do Poema, interpretando-o de algum modo, e suprindo com o seu talento os toques, que o Poeta fosse obrigado a desprezar, ou abandonar, formará hum Espectaculo, em que o maravilhoso há de dar lugar ao verosimil, o singular ao interesse, e o jogo das machinas á expressaõ do sentimento. O theatro Lirico naõ será mais o Espectaculo principal dos sentidos, antes virá a ser, como a scena Franceza, o do espirito, e do coraçaõ. Poder-se-haõ tractar nelle objectos naõ só tirados da Fabula, mas ainda da Historia, se se observarem as regras essenciaes ao Poema Dramatico, e se se procurar interessar tanto pelo sugeito posto em acçaõ, como pelo accessorio do Espectaculo. Entaõ he com effeito muito possivel ao Poeta, e ao Musico pôr na scena

na

na Lirica Tragedias, e tractallas com a meſma ſeveridade daquellas, que ſe tem repreſentado no theatro Francez. O Poeta deve praticar as meſmas regras á cerca da conducta, e do fundo do Poema; nem há outra mudança, ſenaõ na fórma, quero dizer, que elle deve diſtinguir todos os toques da expreſſaõ, e do ſentimento, daquillo, que he de pura recitaçaõ; obſervando além diſſo, quanto lhe for poſſivel, o que já diſſemos ácerca do mechaniſmo da verſificaçaõ: mas como eſte genero de Poema Lirico-Dramatico ſerá novo para o Muſico, he preciſo neceſſariamente, que elle mude a ſua marcha: naõ deve dar hum movimento aſſignallado, hum canto vivo, e impetuoſo, em huma palavra, hum caracter, ſenaõ aos golpes principaes do Poema, e procurar ſómente hum tom de declamaçaõ analogo ao ſugeito, e proprio ao accento, e ao genio da Lingua, pelo que toca á recitaçaõ. Deve unir-ſe em fim á natureza, dar ſimplicidade ao ſeu recitativo, e energia a tudo, o que for paixaõ, e ſentimento. Aſſim na linguagem ordinaria, e na boa declamaçaõ theatral, a voz tem pouca inflexaõ, quando ſe tracta de couſas indifferentes; porém eleva-

ſe,

ſe, e tem huma articulaçaõ fórte, e tons animados, quando he o orgaõ da paixaõ. A Arte enxertada na natureza a adorna, e a fortifica para nos agradar; mas naõ tendo eſte effeito ſe desfigura o ſeu modélo, e ſe naõ deixa perceber a ſua imagem.

Suppondo a verdade deſtas reflexoens, nós poderiamos ter no theatro Opera de Tragedias regulares, veroſimeis, e intereſſantes. Póde-ſe meſmo aqui admittir córos, como os antigos praticáraõ, e ſegundo os modélos, que o illuſtre Racine nos deixou nas ſuas Tragedias de Eſther, e de Athalia. Eſtes córos, como todos ſabem, ſaõ de perſonagens epizodicas, mas ligadas á acçaõ pelo intereſſe, que tomaõ nella. Pódem-ſe do meſmo modo admittir córos de dança, dando ao baile o caracter proprio á ſituaçaõ preſente da acçaõ: em fim eſtes córos de vozes, e de dançarinos pódem incorporar-ſe com o Eſpectaculo, mas he da eſſencia, que naõ ſejaõ muito frequentes, nem muito longos; porque interrompem a acçaõ, e fazem perder ao Eſpectador o fio do intereſſe; e em fim porque o diſtrahem muito; e porque offerecendo-lhe variedade de pinturas, eſtas o impedem de ſeguir

guir o objecto principal, e de ſe encher dos ſentimentos, que ſe lhe querem inſpirar. Se ſe intentaſſe aviſinhar mais á natureza deſte Eſpectaculo, no qual o público deſeja a variedade das decoraçoens, ſe poderia mudar a propoſito o lugar da ſcena, como os Inglezes praticaõ nas ſuas peças mais regulares. Eſta mudança de ſcena talvez foſſe mais conſórme á veroſimilhança, do que eſta unidade de lugar taõ rigoroſamente obſervada entre nós, que ſe reunem muitas vezes no meſmo lugar as ſituaçoens mais oppoſtas, até ſe chegarem a repreſentar conjurados, fazendo as ſuas conferencias ſecretas, e ajuntando os ſeus amigos no Senádo, e nos meſmos Palacios, que elles queriaõ deſtruir.

SECÇAÕ II.

Comedias Liricas.

O Poema Tragico naõ he a unica riqueza, que o theatro Lirico póde adquirir, o qual ainda tem direito de apropriar a ſi o genero Comico, quero dizer, as peças de caracter, as pe-

ças de intriga, e as peças de sentimento. O Comico de caracter sobre tudo, póde ser para o theatro de hum recurso infinito, o qual fornecerá ao Poeta, e ao Musico hum meio seguro de sahir da monotonia eterna de expressoens adocicadas, e dos sentimentos requebrados, que caracterizaõ ordinariamente as nossas Operas Liricas. Que objectos mais fecundos, que toques mais notaveis, que pinturas em fim mais interessantes pódem exercer o talento do Musico, do que os caracteres de hum Jogador, de hum Misanthropo, de hum Avaro, de hum Invejoso, e de hum Ralhador? Hum homem de genio tirará deste genero novo, riquezas novas para a sua Arte: nem a Musica será nos nossos theatros o orgaõ eterno do amor, a qual nos representará tambem as outras paixoens, que tyranizaõ os coraçoens. He huma vasta carreira aberta á imaginaçaõ; mas he preciso para brilhar nisto, nóvos estudos, e nóvos esforços. A natureza infinita no seu proceder, distinguio cada paixaõ pelas feiçoens, que lhe saõ proprias: estes tons, e estas expressoens he, que he necessario possuir. A Poesia, e a Musica tem, como a Pintura, os soccorros do

dese-

deſenho, e do colorido para pintar: e ſe os fragmentos da ſymphonia, e do canto nada apreſentaõ ao eſpirito, que naõ ſeja vago, nada decidido, nenhum caracter continuado; he preciſo olhar eſtas producçoens, como boſquejos informes, e truncados; indignos da noſſa admiraçaõ, e da noſſa attençaõ. O exacto nas proporçoens naõ baſta; iſto naõ he mais, do que huma operaçaõ mechanica, e a obra do compaſſo. O Artiſta, como outro Prometheo, deve roubar o fogo da natureza, e communicar ás ſuas obras hum calor activo, e vivificante: mas he eſſencial, que o objecto, que elle tracta ſeja bem eſcolhido, e que ſirva para o effeito. Hum Muſico he imprudente ſe prodigaliza o ſeu genio com objectos ſeccos, e eſtereis: o canto deve ſempre exprimir; nem póde ſer empregado, ſenaõ em palavras, que façaõ imagem, ou que dem hum ſentimento, ou huma paixaõ.

A Muſica augmenta muito a duraçaõ da acçaõ; eſte o motivo, porque o Poema deve ſer muito curto, e pouco carregado de figuras. Tres Perſonagens, das quaes huma he muda, enchem a ſcena na Serva Senhora; e quatro, ou cinco ao

mais, baſtaõ em qualquer objecto, que ſeja. Naõ he neceſſario no Poema Dramatico-Lirico ſe naõ os Actores eſſenciaes; os epizodicos carregariaõ a acçaõ, enfraquecêlla-hiaõ, e offenderiaõ a expreſſaõ Muſical.

SECÇAÕ III.

Poema Paſtoral.

OS noſſos Poetas Liricos ſe tem exercitado muito na Paſtoral, e neſte genero temos fragmentos agradaveis. Eſtes objectos campeſtres cauſaõ deleite pelos quadros naturaes, que nos apreſentaõ, e ſaõ muito ſuſceptiveis de huma Muſica gracioſa pelas imagens riſonhas, de que ſaõ ornados. O amor paſtoril tem huma candura, huma amenidade, e hum encanto, que arrebata: eſte amor recorda a idade de ouro, em que o goſto fazia a eſcolha dos amantes, e o ſentimento os ſeus laços, e as ſuas delicias. Entre os noſſos paſtores he, que o amor he verdadeiramente hum menino: ſimples, como a natureza, que o produz, agrada ſem ſer pezado, e ſem disfarce; fere ſem

cruel-

crueldade, e prende ſem violencia. Similhantes pinturas pedem huma Muſica natural, A'rias ſimples, hum canto unido, huma ſymphonia doce, e terna: mas como eſte genero he ſempre o meſmo, a expreſſaõ Muſical recahe tambem em huma repetiçaõ monotona. Por mais genio que tenha o Muſico, naõ póde variar ſenſivelmente as ſuas expreſſoens, ſenaõ ſobre toques differentes, e que contendaõ entre ſi. Da oppoſiçaõ dos generos, e dos caracteres he, que ſe deve tirar a differença da expreſſaõ Muſical. Ora, póde-ſe dizer, que o genero paſtoril eſtá eſgotado entre nós: era elle, o que convinha mais aos conhecimentos, e ao genio da Naçaõ Franceza pela Muſica; e he tambem aquelle, no qual ſe tem melhor, e mais vezes acertado. Poder-ſe-hiaõ admittir no theatro Paſtoraes, cujo Poema, e Muſica foſſem deſtribuidos, como obſervamos mais acima, quero dizer, que as A'rias na Poeſia, e no canto foſſem ſeparadas do recitativo. Eſte genero merece ſer conſervado, o qual fará ſempre huma agradavel diverſidade com os outros Poemas Liricos.

SECÇAÕ IV.

Opera Ballet.

AInda se tem posto no theatro Operas Ballets compostas de muitos, e mui pequenos Poemas unidos entre si, sómente por hum titulo geral. Este Espectaculo, de que M. de Lamotte foi o inventor, * tem parecido tanto mais agradavel, quanto elle he variado, e os objectos pódem contrastar juntos, e dar huma livre carreira aos talentos do Musico. As danças se despoſaõ nelle naturalmente, e felizmente dividem estes pequenos Dramas, aos quaes servem de entremezes. Entre estes Poemas Liricos alguns se tiraõ da Fabula, e da Historia, e outros saõ allegoricos. He este hum genero taõ extenso, como o genio, e como elle inex-

* A Europa Galante he a primeira Opera Ballet na fórma, adoptada hoje no theatro Lirico Francez. A Italia nada tem, que se assimilhe a este genero, mas he verosimil, que as outras Naçoens possaõ algum dia adoptar a fórma picante das Operas Ballets Francezas.

inexgotavel. Nós temos Operas Ballets excellentes, quanto aos Poemas; mas, eu naõ poſſo deixar de o repetir, os verſos ſaõ mal partidos, e deſtribuidos pouco favoravelmente para a Muſica. Além diſſo parece, que até aqui ſe tem eſtado na opiniaõ, de que a Muſica ſó podia exprimir bem a linguagem de amor. Eſta a razaõ, porque os Poetas Liricos ſe tem ſempre fechado em hum eſtreito circulo de ſentimentos, e de expreſſoens, de que naõ ouzaõ ſahir. Talvez que o Muſico tímido, e que naõ tem ainda na ſua Arte aſſaz recurſos, para fornecer as differentes expreſſoens das paixoens, ſe tenha ſómente exercido no eſtylo languido. Com effeito; analyzem-ſe os Poemas, e a Muſica, e ſe achará de hum lado quaſi os meſmos ſentimentos, as meſmas figuras, e as meſmas expreſſoens; do outro os meſmos cantos, as meſmas A'rias, e as meſmas frazes Muſicaes. Alli naõ há nada, que varíe, e que faça novidade, ſenaõ a Fabula do Poema, o Eſpectaculo, e as decoraçoens; e ainda iſto he raro. Eu atteſto aqui, naõ aos partidiſtas preoccupados de tudo, o que ſe lhes apreſenta, nem aos Cenſores de má fé; mas ſim aos Eſpectadores intelligentes,

e

e que reflectem sobre os seus prazeres. Assim, era inutil pedir-se hum tractado sobre o caracter, e sobre a fórma do Poema Lirico: naõ se faria, ou ao menos seria este muito simples, ou muito singular Poema Lirico. Qualquer póde de algum modo servir de modélo. Com effeito; huma Opera he, para me explicar assim, o molde de todas as outras. Estudai nella as expressoens, tornai-as a manejar, sem as empregar novas, pondeas em novo objecto, e tereis hum Poema Lirico ordinario. Com tudo este trabalho naõ exclue o espirito, e o genio mesmo, antes exige tanto mais, quanto a empreza he mais difficil, e os meios para a encher mais limitados. Eu quero sómente dizer, que se tem entrado sempre no mesmo circulo de sentimentos, e de expressoens, porque naõ querendo o Musico trabalhar sobre outra paixaõ, que naõ seja a do amor, tem fechado por este modo até aqui o genero Lirico em estreitos limites. Mas he tempo de os franquear, e de largar o vóo ao genio. A Musica Franceza começa a elevar-se, e a enriquecer-se, dêmos-lhe paixoens grandes pra tractar, caracteres, de que se apodére, e imagens fortes para exprimir.

As

As Operas Ballets ſaõ muito ſuſceptiveis de Poemas agradaveis, e de Muſica picante pela liberdade, que eſte genero dá, ou pela invençaõ, ou pela diſpoſiçaõ dos objectos. Poder-ſe-hia eſtender ainda a esfera das Operas Ballets, adoptando no theatro Lirico peças epizodicas dos outros theatros. Eſtes Dramas, cuja variedade he a alma, e o agrado, ſeriaõ muito favoraveis á Muſica pelo contraſte, e pela diverſidade dos caracteres. As danças, o Eſpectaculo, e tudo o que a ſcena nos póde offerecer de divertido, entra ſem violencia, e naturalmente neſte genero: mas conhece-ſe, que he neceſſario fazer huma eſcolha dos papeis, e que o corte do Poema ſeja analogo á Muſica.

Entre as perſonagens allegoricas há humas moraes, e outras metaphiſicas, as quaes ſaõ de alguma ſórte intelligencias, cujo eſtylo precioſo, e abſtracto ſó tem communicaçaõ com o eſpirito: eſtas devem banir-ſe do theatro Lirico, aonde ſaõ neceſſarios ſómente golpes tocantes, caracteres determinados, e hum eſtylo de ſentimento, e de paixaõ. Os papeis jocoſos pódem ſubminiſtrar algumas feiçoens burleſcas, algumas expreſſoens de

coſtu-

coſtumes ſingulares, e finalmente imitaçoens felizes de huma natureza groſſeira; porém ſó rariſſimas vezes ſe devem empregar eſtas perſonagens de hum ridiculo exceſſivo, cujos momos, ou ruſticidade pódem excitar o riſo, e cauſar hum prazer paſſageiro; porém nunca intereſſar. O burleſco he huma embriaguez da imaginaçaõ, que ſe deve admittir taõ ſómente para hum deſcanço do Eſpectador. Os homens ſó ſe prendem vivamente aos quadros, que moſtraõ as ſuas feiçoens, os ſeus affectos, e as ſuas paixoens. As pinturas exceſſivas, e carregadas lhes ſaõ eſtranhas, e nellas apênas, tomaõ huma fraca parte. A dos noſſos coſtumes he, que nos toca; e quanto mais a copia for viva, e ſimilhante, tanto mais nos ſatisfará.

SECÇAÕ V.

Dos Motetes.

AInda ſe diſtinguem no genero Liriço os Motetes. No ſeu uſo ſó ſe devem empregar Pſalmos, Canticos, e paſſagens da Eſcriptura Sancta, porque eſtes ſaõ deſtinados aos lugares ſagrados, ou

ou para o concerto Eſpiritual nas Feſtas ſolemnes : mas nem todos os Pſalmos ſaõ igualmente ſuſceptiveis da muſica; e aquelles, que o ſaõ, ſe tem eſcolhido já, e ſe tem applicado felizmente. He preciſo entender a materia da noſſa Muſica Sancta. Além diſto a variedade agrada ao genio do Compoſitor, e deſperta a attençaõ do público. Tem-ſe feito Hymnos, e Odes Latinas ſobre objectos de piedade, que os Muſicos poderiaõ empregar com tanto melhor ſucceſſo, quanto nelles achariaõ mais facilidade, do que nos Pſalmos, ou ſeja por analogia á eſcolha ſempre ſonóra das expreſſoens, ou por cauſa da cadencia, e da deſtribuiçaõ dos verſos. Nós temos tambem excellentes traducçoens, ou imitaçoens em verſo de muitos Pſalmos, cujas imagens, e harmonia parecem bem capazes de eſquentar o genio do Muſico. Poder-ſe-hia tambem dos Oratorios Italianos compor Cantatas piedoſas, nas quaes ſe fariaõ entrar A'rias, recitaçoens, e córos, como nos Motêtes Francezes. Finalmente, para que haõ de entrar ſómente no concerto Eſpiritual as palavras Latinas, ou Italianas? A noſſa lingua devia ſer muito bem empregada niſto algumas vezes, o que faria variedade,

de, e meſmo agradaria tanto mais, quanto os ouvintes poderiaõ ſeguir ſem trabalho o objecto do Poema, e julgar mais ſãmente da regularidade da expreſſaõ, que o Muſico dá ás palavras. Com effeito; cantando-ſe em huma Lingua incognita, he naõ deixar entender nenhum penſamento, mas taõ ſómente os ſons, e nada mais. A Muſica entaõ ainda que executada por vozes, naõ he para o ouvinte mais, do que huma ſonata, ou hum concerto, naõ podendo julgar, nem da expreſſaõ das paixoens, nem dos ſentimentos, nem finalmente conhecendo a relaçaõ, que há entre o Poema, e o Canto.

CAPITULO XIII.

Das Cantatas, e dos outros muitos pequenos Poemas.

A Cantata he, como todos ſabem, hum Poema interrompido de recitativos, e de pequenas A'rias, e executado por huma, ou muitas vozes, com accompanhamento, e ſymphonia. Como eſte genero he ſuſceptivel de variedade, ſe poderia

ria tambem introduzir nelle córos, e huma eſpecie de acçaõ. Rouſſeau tractou da maneira mais grande nas ſuas Cantatas os ſugeitos da Fabula, de que elle tira maximas de amor. Muitos dos noſſos Poetas o imitáraõ com ſucceſſo; mas ſobre os meſmos ſentimentos he, que o genio ſe tem exercido neſte genero. Com tudo poder-ſe-hiaõ tambem traçar, e pôr em jogo as outras paixoens, e os caracteres, em huma palavra, fornecer á Muſica diverſas pinturas do coraçaõ, e do eſpirito.

A Poeſia da Cantata deve ſer doce, e harmonioſa, e a partiçaõ dos verſos propria á Muſica.

He preciſo, que o ſentido moral da allegoria tractada pelo Poeta, pareça de huma applicaçaõ clara, e facil.

Entre os Francezes as Cantatas ordinarias ſaõ compoſtas de huma recitaçaõ, que expoem o ſugeito, de huma A'ria, de huma ſegunda narraçaõ, e de huma ultima A'ria, que contém o penſamento moral, ou o preceito do amor.

A Cantatila, mais eſtreita nos ſeus limites, do que a Cantata, deve offerecer hum quadro, cuja ordenaçaõ naõ ſeja complicada. Há nella ſentimentos, que pedem ſer pouco deſenvolvidos, e toques ſimples.

ples. A Cantatila he formada de huma A'ria terna no principio ; depois de huma recitaçaõ muito curta ; e ſe termina com huma A'ria viva , e alegre.

As Cantigas , A'rias , Coplas , e a que vulgarmente chamaõ modas , ou cantigas de muitas Coplas , ſaõ igualmente proprias a conterem hum toque de ſatiras , hum ſentimento delicado, huma pintura natural , hum elogio , e huma critica. Neſte genero he, que os Francezes tem acertado mehlor , e no qual nos encontramos com a ſua alegria , e com os ſeus tranſportes ; e como o diſſeraõ já , a Cantiga he a ſua Egide contra o enojo , e os pezares ; e he a ſua arma offenſiva contra o ridiculo , e contra os golpes da fortuna.

CAPITULO XIV.

Parodias burleſcas.

NAõ ſe deve entender pelo nome de *Parodias* as peças imitadas de outras ſimilhantes, bem como daõ algumas vezes á Comedia Italiana , e á Opera Comica. O nome de Parodia convém propria-

priamente ao genero burlesco, que disfarça, e torna em jocosserio o genero nobre, e patherico. Nas Paródias se exige a alegria, hum tom gracejador, os toques mais penetrantes, e huma critica em acçaõ. Este genero he á Poesia, o que a exaggeraçaõ do ridiculo he ao desenho. Quem póde deixar de rir á vista da tentaçaõ de Sancto Antonio de Teniers? Quem, com a leitura do Virgilio transtornado em ridiculo, ou com a representaçaõ de Agnez de Chaillot? Os Heróes do Poema Epico, e da Tragedia saõ disfarçados nas peças burlescas de baixo de huma mascara ridicula; e de baixo de hum vestido de mascarado, que desconcerta a fleuma Philosophica. A Arte de disfarçár assim os toques de sentimento, e de genio, he sem dúvida difficil, e dada a poucas pessoas: mas na verdade he hum talento, que se naõ deve invejar. Este genero, baixo, e trivial naõ tem por si mais, do que o primeiro golpe de vista; o segundo descobre logo nelle toda a grossaria, e insipidez; eu julgo este genero de obras perigoso para os costumes, e para o gosto: elles habituaõ o espirito a ver a Paródia pôr a mascara ao Heroismo, degradar as melhores maximas da Moral;

ral, e da Politica, e dar aos sentimentos grandes hum ár de ridiculo; obriga os homens a rir, do que há de mais respeitavel, e de mais nobre; e a desprezarem bem de pressa, o que devia fazer a regra da nossa conducta. O gosto póde tambem assustar-se da Arte das Paródias, que consiste em naõ fazer escolha na natureza, se naõ do que há nella de mais grosseiro, e de mais informe. Este amor pelo grotesco deprava o bom gosto, e accostuma os sentidos a hum gosto extravagante, e grosseiro, dá ao espirito hum tom de embriaguez, e de zombaria, que lhe faz rejeitar tudo, o que naõ excitou a alegria com pinturas de momisses: em fim este genero lança o frio, o insipido, e o desgosto nos Chéfes de obra do genio. Desde logo se esquecem os grandes modélos, despreza-se o estudo da natureza, exaggeraõ-se os seus defeitos; e a imaginaçaõ recebe do capricho, e da moda as leis extravagantes, que lhe fazem gerar obras indignas da nossa attençaõ, e ainda mais dos nossos elogios, e da nossa admiraçaõ.

CA-

CAPITULO XV.

Entremezes imitados dos da Italia.

O Prazer, que recentemente tem causado entre nós as pequenas A'rias Italianas, de que só tinhamos até aqui huma fraca idéa, fez nascer em muitos dos nossos theatros huma nova especie de Drama muito picante, e que tem sido bem acceito. O trabalho principal destes Entremezes imitados dos da Italia consiste em accompanhar a Musica com palavras, que exprimaõ o seu genio; e isto pede hum espirito facil, fecundo, e sobretudo muito pacifico. He necessario além disso, que o Poeta seja ao mesmo tempo bom Musico para sentir o gosto do Canto, para imitar a partiçaõ das frazes Musicaes, e comprehender o movimento, e o sentido da A'ria. He huma Arte sem dúvida muito difficil, e hum estudo muito ingrato, procurar assim expressoens proprias, que se dividaõ, se reunaõ, e se dem sem violencia ao jogo livre, e variado da Musica, de sórte que se naõ perce-

perceba alteraçaõ alguma seja no canto, ou seja na Poesia. Tem-se substituido a simples declamaçaõ ao recitativo Italiano, para distinguir, e preparar as pequenas A'rias. Com effeito; sendo o recitativo hum accento proprio a huma Lingua Estrangeira, naõ podia convir á Prosodia Franceza, como já se notou. A vantagem deste Drama está em fazer a escolha do que a Musica tem de mais agradavel, e de mais pitoresco, para alli ajustar hum Poema, de que elle fez nascer a idéa. Porém as difficuldades miudas saõ taõ numerosas, que resfriariaõ a imaginaçaõ, pondo-a em tortura; com tudo o bom successo de muitos destes Entremezes deve animar aquelles, que sentem em si o valor, e o talento proprio para este espinhoso trabalho. Além disso, o público he interessado, em que este genero subsista; tanto mais, que elle póde augmentar-se ainda, e aperfeiçoar-se. Além disto este he o meio de pôr em hum estado favoravel, e de traduzir as melhores obras de Musica Estrangeira. Quantas Arietas de Pergolesi, de Leo, de Vinci, de Rinaldi, de Hasse, &c. naõ temos ainda para conhecer? O amador illuminado deve ser taõ curioso de ter os bons fragmen-

gmentos, e ſe eu ouſo dizello, os quadros picantes, que os Muſicos Eſtrangeiros tem produzido na ſua Arte, quanto he o deſejo, que elle moſtra pelas obras dos Pintores célebres de todo o paiz. Nos Muſicos, e nos Pintores de Italia ſe deſcobre o meſmo genio; elles tem feito os meſmos eſtudos da natureza, e podemos dizer mais, que muitos entre elles tem tido os meſmos talentos para imitar. Os Entremezes Italianos pódem ſer muito variados; e proprios a todos os caracteres da Poeſia, e da Muſica. Hum homem de goſto, e de eſpirito adoptará, e naturalizará de alguma ſórte no noſſo theatro as bellas producçoens da Muſica eſtrangeira, ſeja no Paſtoral, ſeja no Comico, ou no Tragico. Sobre tudo he muito eſſencial, fazer neſtes Entremezes eſcolha das Cantigas; que contraſtaõ entre ſi; que hum canto energico, e rápido ſucceda a huma modulaçaõ terna; e pathetica; que os toques apaixonados venhaõ depois de huma Muſica gracioſa; q̃ o dialogo naõ ſirva ſómente para conduzir as Cantigas, mas que as Cantigas, e dialogo pareçaõ naſcer do fundo da acçaõ. Reſervai o canto para a expreſſaõ das paixoens, dos caracteres, dos ſentimentos, e em fim das couſas

de effeito: deve-ſe, quanto for poſſivel, pôr nos monologos as A'rias, que ſaõ para huma ſó voz; mas quando há na ſcena muitas perſonagens ſerá bom fazer dialogar as Cantigas; eſte o meio de ligar mais a acçaõ, de dar-lhe mais calor, e intereſſe; e em fim de aviſinhar-ſe mais á natureza do Drama. Naõ he couſa ridicula, que os Auctores venhaõ ao theatro para alli cantarem hum depois do outro, e cada hum a ſeu tempo do meſmo modo, que em hum concerto? Eſte defeito do jogo, faz parecer o canto como tirado do ſeu lugar, e o faz deſde logo frio, e inſipido.

A recitaçaõ, que enche o intervallo das Arietas, póde igualmente ſer em proſa, ou em verſo: exige-ſe, que ſeja curto, e nervoſo, menos que elle naõ inclúa golpes de critica, retratos tocantes, pinturas de coſtumes, e de carecteres: em fim conhece-ſe, que os Entremezes Italianos ſaõ ſuſceptiveis de todos os caracteres, e de todos os generos do Poema Dramatico. Eu naõ repetirei aqui, o que obſervei já, fallando do Poema Lirico.

CAPITULO XVI.

Da Opera Comica.

A Opera Comica he particularmente consagrada á alegria. He Momo quem preside a este theatro com a sua Marotte, e que parodéa de alguma sorte o Apollo da grande Opera. Os pequenos Entremezes, que se representaõ na Opera Comica devem ser compostos pela Poesia, de Coplas alegres, e malignas; e pela Musica de A'rias variadas, curtas, e faceis: muitas vezes se empregaõ até principios, ou fins de A'rias, quando o canto convem á expressaõ das cousas, que se querem exprimir; o que faz huma especie de recitativo quasi sempre duro, e desagradavel pela associaçaõ extravagante de differentes A'rias desmembradas, e de modulaçoens as mais oppostas entre si, e as mais dissonantes. Este canto grosseiro he de ordinario sem accompanhamento: o que naõ póde ser de outro modo; mas se as A'rias saõ seguidas, e sustentadas, devem ter hum accompanhamento completo. He

deſtruir todo o effeito do canto o reduzillo em huma palavra, ao que naõ he, ſenaõ boſquejo, ou panno para a pintura, quando ſe lhe tira a harmonia: além diſto, quando as vozes naõ ſaõ contidas, ou guiadas por inſtrumentos, he difficil, que ellas ſe acordem; muitas vezes ellas ſahem do tom; e o canto, e medida ſe naõ obſervaõ entaõ exactamente.

Deſeja-ſe principalmente nas Operas Comicas hum ſugeito faceto, ſcenas vivas, e divertidas, e toques folgazoens, e meſmo groſſeiros. A razaõ naõ deve apparecer neſte theatro, ſenaõ debaixo da maſcara da amavel loucura: alli ſe toleraõ meſmo algumas vezes pinturas galantes, impetos livres, e ſatiras carregadas. O publico ſó procura neſtas peças o divertimento, ſem examinar, ſe o plano he regular, ſe a intriga he intereſſante, ſe a acçaõ he bem manejada, e ſe os caracteres ſaõ ſuſtentados. Excitai o riſo no Eſpectador, e tereis logo os ſeus votos. A eſtas repreſentaçoens burleſcas juntem-ſe as pantomimas. Sobre tudo he importante naõ deſprezar as decoraçoens, que illudaõ os olhos do Eſpectador, e q̃ o tranſportem em o lugar proprio á ſcena: tudo neſte genero deve ter

hum

hum caracter de alegria, e de liberdade. Em fim a Opera Comica he ao Drama Lirico, o que as farças saõ á Comedia: retratos momos, pinturas animadas, costumes grosseiros, hum estilo, hum canto ao mesmo tempo natural, e jocosserio: taes saõ as feiçoens, que caracterizaõ este Espectaculo. Tambem se tem ainda transportado ao theatro da Opera Comica pequenas Pastoraes, Entremezes Italianos, e Comedias Liricas. Poder-se-hiaõ tambem experimentar as pequenas peças de caracter, como observamos, tractando do Poema Lirico. Hum Escriptor tem proposto áquelles, que se sentem com talento para o theatro o procurar objectos nas condiçoens. Esta idéa póde abrir huma nova carreirra ao genio, e produzir huma nova origem de Dramas, aonde todos os Espectaculos devem beber. A Opera Comica adoptará principalmente pela sua parte, as condiçoens, que formaõ a ultima classe do povo. Alli he, que se póde traçar pinturas simples, mas expressivas, e scenas naõ menos singulares q̃ divertidas. Assim entre os Pintores célebres há alguns, que tem feito estudo em representarem tavernas, choupanas, e os costumes dos rusticos, dos trabalhadores,

res, e das outras peſſoas da plebe.

CAPITULO XVII.

Da linguagem dos eſtados, e dos caracteres.

EEm todas as Naçoens há claſſes, e diverſas condiçoens que ſe tem feito huma linguagem, ou mais de preſſa huma groſſeria particular, cuja imitaçaõ agrada no theatro, e contribue a moſtrar com mais verdade os coſtumes das perſonagens, q̃ o Poeta introduz na ſcena. Entre as peſſoas da primeira grandeza, e entre as peſſoas de hum eſtado mediocre, que copéaõ as primeiras até nos ſeus defeitos, ſe diſtingue o eſtilo precioſo, neologico, e affectado dos Petit-Maitres, e das Damas. Eſtes empregaõ a Hyperbole pelas menores couſas: ſaõ furioſos exceſſivos, e aniquillados por nada: parece pela ſua conducta, e pelo ſeu modo de exprimir que aſpiraõ a ſer olhados como entes de huma natureza ſingular. Os homens, e as mulheres da plebe, ſobre quem cahe o pezo dos trabalhos penoſos da ſociedade,

tem

tem coſtumes duros, e groſſeiros, que ſe pintaõ na ſua linguagem: entre eſta eſpecie de gente forma-ſe hum idioma, que a caracteriza, que ſe perpetua, e pelo qual ſe póde conhecer o genero das ſuas occupaçoens: he eſſencial, que na repreſentaçaõ dos ſeus coſtumes ſe empregue tambem a linguagem, que lhe he propria, linguagem energica, que faz muitas vezes ſentir melhor a ſua maneira de exiſtir, do que os toques eſtudados, e indagados. Aſſim o groſſeiro idioma ruſtico, dos velhaços, o do mar, dos peſcadores &c. he conveniente, e até vem a ſer neceſſario, quando ſe introduzem na ſcena peſſoas, ás quaes eſte idioma he proprio. Cada paixaõ, cada caracter, cada eſtado, e cada idade tem igualmente ſuas expreſſoens familiares. Eſtes ſaõ os matizes, que ſe devem dar á pintura, que queremos fazer.

CAPITULO XVIII.

Da Ode

O Caracter da Ode naõ tem regras certas: eſte Poema varía tanto, como o genio; com tudo podemos diſtinguir nelle muitas eſpecies, ás quaes parece ſe reportaõ todas as outras.

SECÇAÕ I.

Da Ode Pindarica.

A Ode Pindarica he o primeiro genero, e o Chefe de obra do enthuſiaſmo Poetico. Ella he hum canto, huma inſpiraçaõ continua: o genio deve alli ſuſtentar-ſe, e tomar ſempre novas forças para chegar por meio de hum vóo, mais que humano, até o ſublime. O Poeta ſimilhante ao Miniſtro de Apollo, levantado na ſua formidavel trípode, cheio do Deos, que o inſpira, naõ he mais ſenhor de ſi meſmo: cede ao nobre furor,

que

que o agita * : elle ſurprende os eſpiritos, tranſporta violentamente os coraçoens com o fogo do ſeu eſtilo; pela deſordem feliz dos ſeus penſamentos; pelo atrevimento das ſuas expreſſoens; e pelas vivacidade das ſuas imagens. O ſeu exordio he huma apoſtrophe **, huma comparaçaõ ***, huma exclamaçaõ ****. He huma ſerie das idéas, de que o Poeta eſtá ferido *****: a ſua alma naõ póde conter os movimentos, de que eſtá agitada. Aſſim o relampago fende a nuvem, que lhe ſerve de barreira, e annuncia o fogo do raio. A Ode Pindarica há de preſſer hum

---

* *Eſt Deus in nobis, agitante caleſcimus illo; Impetus hic ſacræ ſemina mentis habet.*

** Fortuna, cuja maõ coróa os mais inauditos crimes, ſempre nos ha de cegar o falſo eſplendor, que te rodéa!

*** Deſte modo a eſpada fiel do Anjo Exterminador ſepultou nas ſombras eternas hum povo profano.

**** Será iſto huma ſubita illuſaõ, que engana os meus olhos ſurprendidos? Será hum ſonho cuja ſombra vã inquieta os meus timidos eſpiritos?

***** Naõ baſta, que eſte povo pérfido, eſtupido profanador da Sancta Cidade tenha levado os ſeus eſtandartes a todo o Oriente &c.

Rouſſeau.

hum golpe de genio ; nada de tranſiçoens apparentes, nada, que ſeja languido, e ſinta trabalho: evitai mais, que tudo, os raciocinios, e eſtes rodeios didaticos, que daõ a conhecer huma alma tranquilla : o fogo do enthuſiaſmo naõ deve nunca extinguir-ſe, nem enfraquecer-ſe; deve eſquentar, animar, vivificar todas as partes da Ode.

O ſeu eſtilo impetuoſo marcha muitas vezes ao acaſo ; e nella huma bella deſordem he hum effeito da Arte.

Deſpreaux.

Daqui ſe deduz que huma obra deſta natureza de neceſſiddadè há de ſer curta. Os movimentos grandes naõ ſaõ de longa duraçaõ ; muita extenſaõ enerva o genio do Poeta, e fatiga a attençaõ do leitor; e entaõ ſe falta ao effeito da Ode. Que immenſas obras ás quaes ſe póde pôr eſte defeito tanto mais conſideravel em Poeſia, quanto he o enojo, e o deſgoſto, que elle de neceſſidade traz comſigo. Saber ſacrificar idéas, ſaber parar apropoſito, e em huma palavra, naõ eſgotar huma materia, hę ſem duvida huma Arte muito difficil.

O ſucceſſo da Ode Pindarica depende muito da eſcolha dos objectos. Eſte Poema de-

deve ſer reſervado para as paixoens fortes, e para exprimir a admiraçaõ, e o extaſi de hua alma penetrada de algum grande ſucceſſo. Os golpes ordinarios naõ podem cauſar mais, do que huma fraca impreſſaõ, e por iſſo ſaõ incapazes de levantar o genio ate o enthuſiaſmo. Quantos Poemas, fóra diſto eſtimaveis, que tem o titulo de Odes, e que ſó tem a fórma, faltando-lhes o caracter; mas he porque o Poeta naõ advertio na natureza da Ode, e trabalhou ſobre objectos pouco ſuſceptiveis do delirio Pindarico.

SECÇAÕ II.

Da Ode Heroica.

HA' hum genero, que differe muito daquelle, de que Pindaro nos tem dado o modélo, o qual he a Ode Heroica: nós a chamamos aſſim, porque he compoſta de verſos grandes; e porque o Poeta cheio da nobreza, e da pompa das couſas que quer annunciar, toma hum tom grave, e mageſtozo, querendo menos levar a perturbaçaõ á alma dos ſeus leitores, do que penetrallos da importan-

tancia, e da ſublimidade das ſuas viſtas; tal he eſta Ode de Rouſſeau, tirada do Pſalmo xlviii. ſobre a cegueira dos homens do ſeculo.

Deſperte a terra aos accentos da minha voz. Reis, parai attentos; póvos applicai o ouvido; immudeça o Univerſo, e ouça-me fallar: os meus cantos vaõ dar ſoccorro aos ſons da minha lira. O Eſpirito Sancto me penetra, me inflamma, e me inſpira as grandes verdades, que eu vou revelar, &c.

Ou tal he ainda eſta Ode á Paz, do meſmo Auctor:

Oh Paz! Amavel Paz! Benefica, Immortal filha da harmonia, e mãi dos prazeres; que fazes tu nos Céos, em quanto os deploraveis ſubditos de Cybeles te dirigem os ſeus ſuſpiros? &c.

SECÇAÕ III.

Da Ode Anacreontica.

A Ode Anacreontica parece particularmente conſagrada ao deleite, a exprimir a ternura, e a dar o matiz a hum ſentimento. O coraçaõ, mais do que

o genio, deve-se fazer sentir neste genero, de que Anacreonte he o Pai, e o modélo. Deve-se empregar nelle imagens risonhas, hum colorido lisonjeiro, e huma pintura tocante *: seria enganarem-se neste genero, o procurar aqui a vehemencia das idéas, junto á energia das expressoens, e á pompa da versificaçaõ. Dever-se-hia desenhar huma flor, ou fazer huma imagem simples, e natural com o pincel vigoroso de Miguel Angelo? O pincel delicado de Correge he, que deve representar a ternura dos Amantes, os encan-

* Que há de mais agradavel neste genero, do que esta Ode imitada de Anacreonte por M. de Lamotte.

Que naõ seja eu a nova flor, que Climene escolhe de madrugada para no seu peito passar o unico dia, que ella vive? Que naõ seja o doce Zephiro, que acaricie, e refresque o seu rosto, e que suspire pelo seus encantos á vista da queixoza Flora! Que naõ seja o terno passarinho, cuja voz Climene tanto ama, q̃ ella mesma quando o escuta se esquece do perigo de estar tarde no bosque! Que naõ seja esta agoa clara, a qual recebe em seu seio a minha Pastora para a preservar do calor do dia; e que ella julga o mar de amor! Deozes! se eu fosse esta fonte, que bem de presta as minhas ondas inflamadas..... Perdoa, Climene, eu queria ser tudo, o que tu amas.

encantos da belleza, os jógos infantinos dos amores, e a alegria do Deos das Vindimas.

As Odes Anacreonticas saõ ordinariamente compostas de quartetos; cujos versos saõ curtos. Alguns Poetas tambem tem feito uso de estancias longas, e de versos grandes; porém entaõ a Poesia toma necessariamente huma dignidade, huma harmonia, e periodos numerosos, que naõ convem ás graças simples, e naturaes da Ode Anacreontica.

SECÇAÕ IV.

Da Ode Lirica.

DA-se ainda o nome de Ode a huns pequenos Poemas, compostos para se porem em Musica, e a que convem principalmente chamar Odes Liricas. Este genero he de expressoens sonóras, imagens brilhantes, e huma Poesia facil. A Ode Anacreontica parece ter limites, que saõ os do sentimento: pelo contrario a Ode Lirica parece ser susceptivel de todos os estilos, e de todos os caracteres. Creio com tudo, que se deve preferir nella ob-

jectos

jectos, onde entraõ quadros, que a Muſica poſſa pintar, e ſentimentos que ſaiba exprimir. * As eſtancias curtas, e os verſos pequenos he, o que melhor convem a eſte genero. Até aqui ſe tem feito ſervir o canto da primeira ſtrophe para as que ſe ſeguem; com tudo o Muſico poderia variállo ſegundo as diverſas imagens, que o Poeta lhe dá para exprimir.

SEC-

---

* Sahi dos voſſos retiros, ó Deozes dos boſques, vinde ajuſtar os voſſos inſtrumentos com as noſſas flautas: Cantai o objecto, que amo, ajudai os meus deſejos, fazei o meſmo Céo invejoſo dos meus prazeres: Iris voltou de novo a eſte lugar ſolitario; Deoza, de Cithera celebra eſte grande dia, torna a chamar a eſtas margens os volateis Amores, as Graças fugitivas, e os Rizos deſterrados: Toma gentil Flora as tuas primeiras cores, cinge outra vez a frente com as mais brilhantes boninas: junta-te a Pomona para ornar os noſſos campos; empreſta ao Outono os bellos dias da Primavera. Vinde ternos paſſarinhos de baixo deſta freſca ſombra accompanhar com o voſſo canto o murmurio das aguas. Cantai o objecto que amo, ajudai os meus deſejos, fazei o meſmo Céo invejoſo dos meus prazeres.

Pode-ſe citar por modelo da Ode lirica eſta de Rouſſeau.

SECÇAÕ V.

Das Eſtancias.

O Caracter da Poeſia, e naõ a fórma do Poema he, que conſtitue principalmente o genero da Ode. Quando o Poeta naõ tem feito paſſar aos ſeus verſos o enthuſiaſmo do genio, ou o calor do ſentimento, naõ póde pôr-ſe ao lado de Pindaro, ou de Anacreonte, mas deve dar á ſua obra o titulo menos ambicioſo de *Eſtancias*: e niſto faz elle conhecer entaõ, que da Ode ſó quiz tomar a verſificaçaõ. As Eſtancias ſaõ huma eſpecie de Poema Didatico, em que o Poeta falla mais ao eſpirito, do que as paixoens. Eſte Poema encerra ordinariamente ſentenças, reflexoens, ou pinturas ſimples, e naturaes dos coſtumes, e da conducta dos homens. Entre as Eſtancias há algumas regulares, iſto he, que ſaõ perfeitamente ſimilhantes entre ſi pela verſificaçaõ. Há outras do meſmo modo irregulares, que variaõ, ſegundo a vontade do Poeta, ou ſeja pelo número, ou ſeja pela medida dos verſos.

CA-

CAPITULO XIX.

Da Satira.

A Indignaçaõ ſe armou muitas vezes com os golpes da Poeſia para combater os vicios dos homens ; e a malignidade empregou tambem a Arte dos verſos contra o noſſo ridiculo. * Eſta a razaõ, porque ſe pódem diſtinguir duas eſpecies de ſatiras : na primeira he Hercules , que combate com a ſua clava os monſtros da terra , e na ſegunda he Momo , que tende a corrigir os noſſos coſtumes com zombarias finas , e picantes. A eſcolha deſtes dois generos naõ he indifferente em toda a ſórte de aſſumptos.

M Abra-

* Sómente a Satira, fertil em liçoens, e em novidades, ſabe ſazonar o agradavel , e o util, e deſengañar os homens dos erros do ſeu tempo , com hum verſo , que ella purifica aos raios do bom ſenſo. Ella ſó deſprezando o orgulho, e a injuſtiça, até de baixo do docel vai fazer enfiar o vicio ; e muitas vezes ſem temer nada corre a vingar a razaõ dos attentados de hum eſtupido, com o ſoccorro de huma ſó palavra.

Deſpreaux.

Abraze o genio o Poeta em o fogo do raio, troveje, e brilhe, quando perſegue o crime, ou defende a virtude perſeguida: porém intenta elle ſómente corrigir a loucura das acçoens humanas, entaõ huma pintura maligna, e exaggerada terá melhor effeito, do que o exceſſo de huma Poeſia cheia de fel, e de amargura. Muitas vezes o ſimples retrato do ridiculo he a melhor critica.

A ſatira deixa de ſer util, jámais he legitima, e vem a ſer criminoſa, quando para ſatisfazer hum odio particular, por huma barbaridade propria dos ſeculos da ignorancia, ſe eſpalha em invectivas, e moſtra mais averſaõ contra a peſſoa, do que contra o vicio em geral: tal he com tudo o abuſo odioſo da Arte, e do genio, de que os melhores Poetas Satiricos naõ ſaõ iſentos ſempre. Pela utilidade do genero humano he, que eſtes Atletas famoſos ſe apreſſaõ na carreira, mas a inveja, o odio, ou qualquer outra paixaõ lhes faz eſquecer o ſeu deſignio, e bem de preſſa abandonaõ a cauſa commum para ſe entragarem ao ſeu reſſentimento peſſoal. Hum Poeta, que ſatisfaz deſte modo as ſuas pequenas inimizades, debalde cuida intereſſar o publico na ſua cauſa, antes pe-

lo

lo contrario o indiſpoem contra ſi; elle meſmo ſe cobre de vergonha algumas vezes aos olhos deſte juiz recto.

„ A ferrugem da inveja (diz M.de Vol-
„ taire) o artificio das intrigas, o veneno
„ da calumnia, o aſſaſſinato da ſatira, ſe ou-
„ ſo explicar-me aſſim, deshonraõ entre
„ os homens huma profiſſaõ, que por ſi
„ meſma tem alguma couſa de divina. „

A Comedia, que he de algum modo a ſatira em acçaõ, era informe, groſſeira, e eſtava ainda na ſua infancia, quando ſe lhe permittia nomear, e atacar os particulares; mas aperfeiçoando-ſe a Arte, o primeiro defeito, que ſe corrigio, foi eſta licença deſenfreada: porém o que ſe preſcreve na Comedia, porque ſenaõ há de preſcrever no Poema Satirico? Ou porque naõ há de ſer a Satira, como a Comedia, o eſpelho geral da vida, e a eſcolla do Mundo? Eſtudando o talento, com que o Poeta Dramatico faz intereſſar os homens com toques, que ſaõ proprios a todos, e por meio de huma pintura viva, e fiel dos ſeus coſtumes, dos ſeus vicios, e do ſeu ridiculo, he, que o Poeta Satirico virá a ſer com juſto titulo o Cenſor do genero humano, e o Meſtre da virtude.

A forma do Poema Saturico naõ he de-

terminada, e póde variar pela diſpoſiçaõ, e pela medida dos verſos á vontade do Poeta, e ſegundo o tom, que convem, ou ſeja ao vicio, ou ao ridiculo, que ſe ataca.

CAPITULO. XX.

Da Allegoria.

A Allegoria he hum Poema, que encerra hum elogio, ou huma ſatira debaixo do véo empreſtado da Fabula, ou da Hiſtoria. Eſte modo de louvar, e criticar he tanto mais engenhoſo, quanto he o prazer, que deixa ao Leitor em ver de perto as feiçoens da ſimilhança, e da comparaçaõ. Alem diſſo a ſatira, e o louvor tem neceſſariamente alguma couſa de duros, ou de faſtidioſos, quando ſaõ directos; e deſte modo parecem exaggerados; e a vantagem propria da Allegoria he, o disfarçar eſtes defeitos. De mais o Poeta póde neſte genero dar huma livre carreira á ſua imaginaçaõ, póde ſem conſtrangimento animar as ſuas feiçoens, com as mais vivas cores, ſendo o Meſtre da ficçaõ: mas deve principalmente ter o cuidado,

dado, de que a applicaçaõ do elogio, ou da ſatira, ſeja tocante, e facil de comprehender; o que depende muito da eſcolha do ſugeito, e da diſpoſiçaõ dos toques principaes, e miudos. O Célebre Rouſſeau, paſſa com razaõ pelo inventor, e modélo deſte genero de Poeſia.

CAPITULO. XXI.

Do Apólogo.

TEm-ſe definido o Apólogo, huma inſtrucçaõ disfarçada de baixo da alegoria da acçaõ. O ſucceſſo conſtante, e univerſal da Fabula vem, de que a allegoria maneja, e liſongea o amor proprio. O Apólogo dá huma linguagem aos animaes, e algumas vezes tambem ás couſas inanimadas para repreſentar com mais vivacidade as paixoens, e o ridiculo dos homens. * Saõ liçoens criticas dos noſſos coſtu-

* As Fabulas naõ faõ, o que ellas parecem; o mais ſimples animal faz as vezes de noſſo meſtre. Huma moral núa traz comſigo o enojo; mas o Conto faz paſſar comſigo o preceito.
Lafontaine.

coſtumes, tiradas de todos os objectos, que nos rodeaõ. Os entes mais inſenſiveis da natureza parecem ſahir do ſeu ſilencio, e levantar á voz para nos enſinar as virtudes, ou deſprezadas, ou eſquecidas; he deſte modo, que a ficçaõ dá ornamentos á verdade, e que contribue a fazer amalla, e procuralla.

» O mundo he velho, dizem, eu o » creio; com tudo he preciſo divertir » ainda, como hum menino. » He da eſſencia do Apólogo incluir hum ſentido moral; deve conhecer-ſe ſem cuſto a relaçaõ, que há entre a acçaõ da Fabula, e a inſtrucçaõ, de que ella he huma liçaõ viva. A belleza da allegoria conſiſte principalmente em ſer ſimples, e de algum modo tranſparente. Quando a moralidade, que reſulta do Apólogo he ſenſivel, melhor he deixar fazer a applicaçaõ ao Leitor, do que exprimilla. Mas he neceſſario expór o ſentido moral, ou ſeja no principio, ou no fim, quando elle naõ he neceſſariamente determinado pela recitaçaõ. O Apólogo admitte quatro ſymbolos differentes, que ſervem de véo aos ſeus quadros. Algumas vezes nos pinta o Apólogo, de baixo das côres dos noſſos ſimilhantes; como na Fabula do Jardinei-

dineiro, e seu Amo; na do Remendaõ, e do Rendeiro: ou de baixo do nome de entes allegoricos, e sobrenaturaes, como na Fabula de Apollo, e Boreas, e na da Discordia: ou de baixo da figura dos animaes, que he o methodo mais extenso, e o mais conveniente; a razaõ he, porque elle parece ter a vantagem desta simplicidade propria á Fabula: e em fim debaixo do symbolo de entes materiaes: tal he a Fabula do Carvalho, e da Cana; e a do Pote de ferro, e Pote de barro. Exige-se tambem na acçaõ huma especie de verosimilhança, ainda que pareça ao principio apartar-se delle.

Sobre tudo pede-se, que o Apólogo seja verosimil, como symbolo, e que tenha huma relaçaõ justa, e sensivel com huma cousa verdadeira, e possivel. Assim, na Fabula do Lobo, e do Cordeiro se faz dizer a estes animaes, o que diriaõ aquelles, de quem saõ imagens.

Este pequeno Poema varia: algumas vezes participa do genero Dramatico, e outros do genero Epico. Ora he o Poeta que conta; ora as mesmas personagens do Apólogo saõ postas em scena. He huma regra essencial o conservar no dialogo, ou na recitaçaõ, o caracter co-

conhecido, dos animaes, que ſe empregaõ. As qualidades principaes do Apólogo ſaõ em geral a candidez, e a delicadeza das imagens, junta á clareza, e a elegante preciſaõ do eſtilo. Há aſſumptos, que pedem ornato, e outros, em que baſta a ſimples recitaçaõ: em fim há Fabulas, em que o ſublime do penſamento, a pompa da Poeſia, e a magnificencia da expreſſaõ ſe empregaõ felizmente, como na Fabula do Aldeaõ do Danubio. Em fim nenhum Poema he mais ſuſceptivel de variedade, do que o Apólogo, pela liberdade, que o Poeta tem de manejar todos os objectos da natureza: eſte o motivo, porque ſe póde dizer, que eſte Poema tende a todos os eſtilos, e a todos os generos; ainda que de ordinario ſe deva preferir o eſtilo ſimples, e natural, que he o eſtilo da narraçaõ.

Pareceria mais conveniente fazer obrar ſómente, e fallar os entes, que tem movimento, e ſenſaçoens, que lhe ſaõ proprias, como todos os animaes; e ainda os entes moraes, que tem recebido da Pintura, e da Poeſia huma fórma, e hum caracter determinado. Mas ácerca dos entes inſenſiveis, naõ ſeria melhor fazer menção delles, do que fazellos obrar; e em-

empregar a ſeu reſpeito antes a narraçaõ, do que a acçaõ Dramatica? Com effeito; ainda que a ficçaõ ſeja a alma do Apólogo, com tudo ſe deve nella obſervar algumas couſas convenientes. Dar alguma linguagem aos animaes; fazellos raciocinar; ſupor-lhes paixoens; iſto naõ he violentar muito o ſyſtema da natureza, que os dotou de hum inſtincto activo, e ſuſceptivel de ſenſaçoens; porém fazer fallar, fazer obrar no Apólogo entes, que naõ tem nenhum movimento proprio, e que ſaõ pela ſua fórma, e pela ſua conſtituiçaõ abſolutamente apartados de tudo, o que tem vida, e ſentimento; iſto naõ he ſervir-ſe, mas ſim abuſar do privilegio da ficçaõ; ao menos eſtas fabulas perdem entaõ alguma couſa dos ſeus agrados, porque ſe exige muito do Leitor para eſte ſe entregar á illuſaõ: e he de obſervar, que Fedro, á excepçaõ da Fabula da Lima, e da Serpente, poz ſómente em acçaõ os animaes, ainda que elle parece ſer de ſentimento contrario no ſeu Prólogo. * Do meſmo modo entre per-

* *Calumniari ſi quis autem voluerit,*
Quod arbores loquantur, non tantum feræ,
Fictis jocari nos meminerit fabulis.

perto de 238. Fabulas, que nos deixou Lafontaine, há apênas cinco, ou seis, em q̃ elle faça obrar entes puramente materiaes; fóra disso, neste pequeno número de Fabulas a applicaçaõ da moralidade se acha taõ feliz, taõ consequente, que foi isto sem dúvida, o que determinou o nosso insigne Fabulista a tomar esta sórte de liberdade. Observa-se tambem, que elle intentou reparar o defeito, e a ingratidaõ da escolha dos objectos desta espécie, reunindo nelles toda a Arte, toda a franqueza, e candidez de estilo, fazendo-o taõ vivo, e taõ pitoresco, que illude o espirito do Leitor. Tal he a Fabula do Carvalho, e da Cana, que Lafontaine olhava como aquella, que mais lhe tinha custado, e como o seu Chéfe de obra: tal he tambem a Fabula do Pote de ferro, e Pote de barro, em que o Poeta até procurou caracterizar estes entes materiaes, que elle poz em jogo, dando-lhes costumes, e andadura sensivel.

A minha gente se vai a tres pés manquejando como pódem, e lançados hum contra o outro, ao menor movimento o pote de barro he o que padece. Lafontaine.

CA-

CAPITULO XXII.

Da Arte dos Contos.

A Natureza he, quem dá o talento de contar bem, talento raro, que a Arte, e o eſpirito ſupre muito imperfeitamente. Hum Conto deve mais de preſſa ſer ingenuo, que engenhoſo. O eſtilo ſimples, e natural, ſe prefere nelle a huma dicçaõ carregada de ornamentos: he preciſo, que o facto principal ſe exprima com fogo. Entre as circumſtancias, q̃ o accompanhaõ, há algumas, que naõ devem ſer omittidas, as quaes ſaõ a reſpeito do facto principal, o que as perſonagens da ſegunda ordem, ſaõ a reſpeito do primeiro Galan de huma peça de Theatro; ellas ſervem de dar mais relevo, e por conſequencia mais intereſſe a acçaõ, que he o objecto do Conto. As reflexoens devem naſcer do fundo, e da natureza do objecto, ſem affectaçaõ, e ſem apreſtos: devem ſer taes, que pareçaõ ſer apreſentadas ſem ter cuſtado trabalho, nem indagaçoens ao que conta: conhece-ſe, que

ſe-

ſeria perigoſo o prodigalizallas, e q̃ ſenaõ forem eſpalhadas com economia, e a propoſito prejudicaõ a narraçaõ, demoraõ a ſua carreira, e lhe tiraõ todo o effeito. Algumas vezes ſe empregaõ tambem mui feliſmente deſcripçoens curtas, mas animadas, e produzidas pela natureza com eſta ſimplicidade, e eſta franqueza, que a caracterizaõ.

Se ſomos inimigos de tudo, o que neſte genero cheira a Arte, he por ſer da eſſencia do Conto o ter hum ár de verdade, e de boa fé, que naõ inſpire deſconfiança alguma, mas que traga comſigo a perſuaſaõ. A brevidade, e a longitude ſaõ couſas igualmente contrarias a eſte Poema; o qual, quando naõ tem huma certa extenſaõ, tende mais de preſſa ao Epigráma, que ao Conto; nem póde encerrar entaõ mais, do q̃ hum toque, q̃ fere, e que ſurprende o eſpirito, quando o Conto deve offerecer as circumſtancias notaveis de hum facto, e por iſto attrahir a attençaõ do Leitor, excitar a ſua curioſidade, e em huma palavra intereſſallo. De outro lado, quando hum Conto he diffuſo, falta-lhe igualmente o ſeu effeito. O eſtilo deve ſer vivo, conciſo, cheio de couſas, e naõ arraſtar pezadamente hum montaõ de epithe-

tos,

tos, de expreſſoens, de deſcripçoens, e de reflexoens taõ inuteis, como importunas. O que faz a delicia dos Contos, e das Fabulas do celebre Lafontaine; o que nos prende ás ſuas narraçoens, he a ſua credulidade, a ſua ingenuidade, e a ſua candura taõ bem pintadas nas ſuas reflexoens, e a maneira, com que elle anima hum facto. Eſtá com os ſeus Leitores, como com os ſeus amigos; tudo, o que elle lhes diz, parece ſahir do coraçaõ, e de alguma ſorte eſcapar-lhe: em fim he menos o Conto, do que a *bonhomia* do que conta, que faz rir; e eis-aqui o talento por excellencia.

A Verſificaçaõ adequada a eſte Poema deve ſer doce ſem ſer harmonioſa; deſeja-ſe achar nella eſtá liberdade, e meſmo eſta neglicencia amavel, que faz o caracter de hum talento facil.

Seria ſem dúvida para deſejar, que huma penna deſtra, e delicada tractaſſe huma ſérie de Contos divertidos, e alegres, ſem ſerem licencioſos. Pódem-ſe achar objectos intereſſantes, q̃ naõ offerecem eſta alegria libertina, e eſtes deſcaramentos, que entretem a libertinagem do eſpirito, e dos coſtumes. Que infelicidade eſtar o livro dos Contos de Lafontaine prohibido por

cau-

cauſa da muito grande liberdade dos objectos para os mancebos, e peſſoas de hum, e outro ſexo, que com razaõ fazem eſcrupulo de ſe exporem aos toques perigoſos deſta leitura. Tambem ſe deve reprehender os Contos, por quaſi ſempre rolarem á cerca do amor, que he a paixaõ, a que todos ſaõ conſagrados; com tudo os coſtumes, o ridiculo, as acçoens, e os caracteres dos homens moſtraõ huma multidaõ de golpes ſingulares, e pitoreſcos, com os quaes a imaginaçaõ ſe póde divertir. Falta-nos em fim huma ſerie de Contos, que contenhaõ quadros decentes, e que ſejaõ ao meſmo tempo picantes, e variados: além diſto, ſó tractando generos differentes, dos que tem ſido até agora aperfeiçoados, he, que ſe póde eſperar hum bom exito. Quantos objectos ſaõ limitados per ſi meſmos, e quando huma vez tem ſido bem manejados, tudo, o que vem depois á ſua imitaçaõ, he neceſſariamente deſprezado do publico, que prefere com razaõ os originaes, ás fracas copias. As Fabulas, e os Contos de galantaria naõ ſaõ por ventura do numero deſtas obras?

CA-

CAPITULO XXIII.

Da Metamorphoſe.

NO's temos de muitos Poetas Latinos, principalmente de Ovidio, Metamorphoſes; genero de Poeſia muito agradavel. Eſtas Metamorphoſes antigas encerraõ, a maior parte, pontos de Mithologia, ou mais de preſſa as Fabulas maravilhoſas, e os pertendidos milagres da Religiaõ Pagã, o que entaõ lhe dava credito, e intereſſe. A leitura deſtas chimeras Poeticas podia reſpirar ainda hum reſpeito religioſo, que naõ conſervaõ com aquelles, cujo eſpirito naõ eſtá do meſmo modo diſpoſto. Admiraõ-ſe neſtes Poemas deſcripçoens brilhantes de grandes ſucceſſos, quadros naturaliſſimos, e algumas vezes huma critica animada do vicio.

Podem-ſe conſiderar neſte genero de Poeſia quatro partes principaes a ſaber, expoſiçaõ, narraçaõ, accidente, e concluſaõ. He neceſſario ſer claro, e conciſo na expoſiçaõ do objecto; o eſtilo da narra-

çaõ

çaõ depende da natureza da couſa, que tracta; e entaõ he, que a Poeſia deſenvolve ordinariamente a ſua pompa, e as ſuas riquezas. A Metamorphoſe, que dá o nome ao Poema, informa o accidente; eſte deve ſer preparado com Arte, e moſtrado com força de ſórte, que venha a ſer juntamente vivo, tocante, e que pareça juſto, e de algum modo neceſſario: em fim a concluſaõ do Poema, he a inſtrucçaõ, que o Leitor deve tirar do objecto, a qual he exprimida, ou ſubentendida, ſegundo ella he mais, ou menos tocante.

He para admirar, que a Metamorphoſe naõ tenha ſido tractada mais frequentemente na Lingua Franceza, taõ rica, fóra diſſo, em todas as outras eſpecies de Poeſia. Eſte Poema de baixo de huma maõ habil póde vir a ſer hum genero muito agradavel, e muito intereſſante. Póde ſer principalmente deſtinado, como a Allegoria a incluir huma ſatira, hum elogio, hum ſupplicio, ou huma recompenſa. Huma ſérie de Metamorphoſes ſeria taõ picante pela ſua novidade, como pela variedade, pelos contraſtes, e pelos encantos, de que eſte genero he ſuſceptivel; a impreſſaõ ſerá tanto mais ſegura, quanta

ta mais arte, e talento ſe puzer em moſtrar as relaçoens, que há entre o aſſumpto, e o objecto da Metamorphoſe. Deve-ſe ſobre tudo procurar deſcrever, e meſmo circumſtanciar os diverſos effeitos, e aspaſſagens ſingulares da tranſmutaçaõ, que fórma o toque eſſencial deſte Poema. Na eſcolha daquillo, que faz o objecto da Metamorphoſe he, que ſe inclue principalmente o ſal do elogio, ou da ſatira. Bem ſe vê, que eſte genero he tambem hum daquelles, em que ſe póde fazer entrar todos os caracteres da Poeſia; mas deve-ſe alli preferir de ordinario a zombaria viva, e elegante; juntamente com a pintura dos coſtumes, e a critica do ridiculo do tempo.

CAPITULO XXIV.

Do Epigrãma, do Madrigal, e do Epitaphio.

OS antigos entendiaõ por Epigrãma; hum penſamento intereſſante, dado felizmente em poucos verſos. Entre nós póde-ſe definir o Epigrãma, hum peque-

no Poema, que naõ tem objecto determinado, e que termina com algum penſamento vivo, engenhoſo, e energico.

A Arte do genero Epigrãmatico conſiſte em preparar, ou mais de preſſa em aguçar em hum pequeno numero de verſos huma pancada, que ſe faça ſentir no fim do Poema. A malignidade, a critica, a ironia he, que de ordinario ſe armaõ do Epigrãma: o effeito ſerá tanto mais vivo, e tanto mais tocante, quanto a queda for menos prevenida. O golpe deve partir, ferir, e ſurprender; e ſerá ineptidaõ o perceber-ſe. Os verſos, que compoem o Epigrãma devem ſer vivos, e tocantes: aqui naõ ſe ſoffre nada de negligencia. He preciſo, que todas as partes ſirvaõ de alguma ſórte de mola para moſtrar o toque, que termina eſte pequeno Poema. Podem-ſe diſtinguir differentes eſpecies de Epigrãmas; huns encerraõ hum penſamento maligno, * outros huma

* Certo Marquez famoſo pelo grande ruido, que elle meſmo ſe tinha feito de homem affortunado, queixa-ſe por toda a parte, q̃ os ladroens entraraõ de noite em ſua caſa ao eſcurecer; elles pedrarias, joias, dinheiro, tudo me levaraõ; porém o que ſinto mais, aqui entre nós,

ma expreſſaõ de coſtumes ſimples, e natural, ** e há outros em fim, que tiraõ o ſeu ſal do jogo, ou por outro modo do choque das palavras. * Bem ſe conhece, que eſta ultima eſpecie he a menos perfeita.

O Madrigal he deſtinado a encerrar hum ſentimento vivo, terno, e delicado: a ſua Poeſia deve ſer natural, e ſimples: quanto o Epigráma procura ferir o eſpirito, tanto o Madrigal tende a tocar o coraçaõ.

nós he huma colleçaõ de amorolos, e dóces eſcriptos de cem bellezas, de quem fiz captivo o meu coraçaõ. Senhor Marquez, eu diſto igualmente me peza; porque os velhacos conhecerãõ a letra.

** Hum charlatãõ dizia em huma feira publica, que moſtraria o diabo á todo o mundo: por mais gente, que alli eſtava, tudo ficou taõ ſurprendido, que ninguem houve, que naõ correſſe a ver o eſpirito immundo: elle entaõ abrindo-lhe huma bolça aſſaz larga, e comprida; gente de bem, lhe diz, abri os olhos, vede, tem ella alguma couſa? Naõ, diſſeraõ alguns dos que viaõ de perto. Pois reparai bem, continua elle; he o diabo abrir-ſe a bolça, e naõ achar nada dentro.

* Paulo, devendo a muitos crédores, vende a ſua caza de Sain Clou, e diz depois por toda a parte, que eſtá louco; eu o creio; porque elle a tem comido.

O Madrigal, mais ſimples, e mais nobre no ſeu eſtilo reſpira doçura, ternura, e amor.

Deſpreaux. Art. Poet.

He da eſſencia deſte Poema naõ ſer muito extenſo: doze verſos apênas baſtaõ para preparar a ſua queda, que naõ deve ſer nem ſubita, nem picante, como no Epigrãma. O objecto do Madrigal he o de deixar sómente depois de lido, huma impreſſaõ doce, e liſongeira. *

Há differentes eſpecies de Epitaphios; huns ſaõ deſtinados a incluirem hum elogio; e eſte he o ſeu verdadeiro fim; outros a conterem hum golpe ſatirico, que he o abuſo do Poema.

Os Epitaphios devem limitar-ſe a hum pequeno numero de verſos vivos, e energi-

---

* Alcido apoſtou com a ſua Paſtora a trez beijos, em como o ſeu caõ acharia hum coelho eſcondido de baixo dos fetos, primeiro q̃ o delle. Perdeu a Paſtora, e poz todos os meios para naõ pagar: porém de balde ſe obſtina qualquer mulher contra hum terno amante. Se dos beijos apoſtados por Alcido foi o primeiro hum puro furto, os outros dois foraõ huma dadiva.

Mad. Deſboulieres.

gicos. O elogio deve ſer verdadeiro, e perde o ſeu effeito ſe for exaggerado. Em quanto aos Epitaphios ſatiricos ** ſaõ hum genero de Epigráma, e as ſuas leis ſaõ as meſmas. Ainda ſe póde diſtinguir huma terceira eſpecie de Epitaphios a mais perfeita de todas; quero dizer, aquella, que he a expreſſaõ dos coſtumes, do caracter, em huma palavra, a pintura da alma da peſſoa, que ſe pertende fazer conhecer. * Muitas vezes o Epitaphio he unicamente moral, e naõ tem nada de peſſoal.

C A-

** Hum marido pôz eſte Epitaphio Epigrammatico na ſepultura de ſua mulher.

Aqui jaz minha mulher. O'h como ella eſtá bem para o ſeu deſcanço, e para o meu.

* Muitos Poetas célebres ſe pintáraõ nos Epitaphios, que fizeraõ a ſi meſmos. He bem conhecido o de Regnier.

Eu vivi ſem nenhum penſamento, &c. E o de Lafontaine: *Joaõ ſe foi, como veio, &c.*

Eis-aqui o Epitaphio, que Triſtaõ o Eremita compôz para ſi.

Aturdido com o eſtrondo do eſplendor mundano, me liſonjeei ſempre com huma eſperança vã: humilhando-me, e liſonjeando os grandes fui ſempre pobre, e o quiz parecer: vivi em trabalhos, eſperando a felicidade; e morri ſobre hum cofre eſperando meu amo.

CAPITULO XXV.

Da Egloga.

A Egloga tem ſido definida, *a imitaçaõ, ou a pintura dos coſtumes campeſtres.* He hum Poema, no qual deſejamos tornar a achar a ſimplicidade dos Paſtores, a innocencia dos ſeus coſtumes, a hiſtoria das occupaçoens, as imagens doces, e inſinuantes de huma vida feliz, e pacifica, em fim o quadro de huma natureza fertil, que eſpalha com profuſaõ as ſuas riquezas de baixo das maõs do Lavrador. He preciſo, que o eſtilo da Egloga pareça ſem arte, que ſeja affectuoſo, ſimples, e corrente. Deve-ſe evitar neſte Poema a languidez, que naſce das queixas amoroſas, e a inſipidez ordinaria das converſaçoens galantes. Eſte genero falta á Poeſia Franceza. Os que o emprehenderaõ, cahiraõ em deſcripçoens baixas, e triviaes; ou prodigalizaraõ o ſeu eſpirito pouco a propoſito, dando aos ſeus Paſtores huma linguagem, que lhes he eſtranha. Repreſentar os noſſos Paſtores continuamente

mente occupados dos seus amores, analysando os sentimentos da sua alma, dando-se alternativamente festas de huma galantaria fina, e muito estudada; isto naõ he seguramente conservar os costumes campestres, mas passar os limites da verosimilhança. Por outro lado, copiar a natureza tal, qual ella se mostra commummente em os nossos aldeoens, fazer-se pezado, ácerca dos trabalhos mais grosseiros, he offerecer paineis desagradaveis, e mesmo despresiveis. Porém faça hum Poeta, juntamente homem de gosto, e de espirito, hum estudo meditado dos divertimentos, e das occupaçoens do campo, escolha, o que a nossa lingua póde dar sem baixeza, entre os trabalhos, e a cultura das terras, as arvores, as flores, &c. descreva-nos as vindimas, e as colheitas; e faça-nos conhecer os cuidados, que pedem differentes especies de rebanhos, de animais, de passaros: &c. Que a isto taõ instructivo, como interessante ajunte expressoens, costumes, e pinturas fieis das almas francas, simples, e puras, que o Sabio descobre nos nossos campos; que anime ainda estas imagens campestres com incidentes, que contrastem com a tranquillidade das campinas. A chegada de hum exerci-

exercito, a entrada de hum vencedor, alguns grandes phenomenos da natureza podem occaſionar deſcripçoens vivas, e intereſſantes. Alegrar-nos-hia-mos tambem com a pintura dos laços, que a fraude, o intereſſe, e a inveja eſtendem aos eſpiritos innocentes, e credulos. Poder-ſe-hia tirar materia do medo, que as gentes pouco inſtruidas tem dos Magicos, dos feiticeiros, dos fantaſmas, das exhalaçoens, dos eſpiritos &c. Em fim o amor na Egloga há de parecer-ſe com a timidez, innocencia, e candura de hum menino: talvez, que entaõ tenhamos Poemas neſte genero, que ſe faráõ ler com goſto, e que poderáõ comparar-ſe ao que os Antigos nos deixáraõ de mais perfeito. He facil de conhecer, quanto eſte trabalho he delicado; podemos meſmo dizer, que he o genero mais difficil de tractar na Poeſia Franceza. Huma Lingua viva dá a hum infinidade de expreſſoens, e meſmo de couſas de hum uſo grande, huma trivialidade, a que naõ pódem accommodar-ſe os verſos; e he ſobre tudo fallando dos trabalhos particulares do campo, que ſe encontra muitas vezes eſta multidaõ de termos muito familiares, e de alguma ſórte uſados, que o Poeta de-

ve

ve evitar: o qual teria muito merecimento, ſabendo vencer todas eſtas difficuldades de execuçaõ, poſſuindo, e imitando a natureza, ornando-a, e pintando-a com os tons de côres, que lhe ſaõ mais vantajoſos. Em huma palavra, compondo Eglogas, que foſſem paineis campeſtres de hum colorido picante, e de hum ornato agradavel.

A ſcena da Egloga (ſegundo a obſervaçaõ de hum homem de goſto) deve, como o ſitio de hum paiz, convir ao objecto. Aſſim, naõ ſe deve repreſentar as danças, e a alegria em hum lugar triſte, e ſalvagem; nem os ſuſpiros, e a dôr em hum lugar delicioſo.

A linguagem figurada convem á Paſtoral, e he o que a natureza tem enſinado; mas huma allegoria muito continuada pareceria hum esforço da Arte: naõ ſe devem empregar comparaçoens, ſenaõ nos momentos de repouſo, quando ellas ſe offerecerem por ſi meſmas. Os Paſtores ſabem tirar das flores, do orvalho, dos Zephiros, e dos paſſaros huma multidaõ de imagens, que deſenvolvem os ſeus penſamentos, e o que elles ſentem. A grande variedade deſtas imagens familiares, mas eſcolhidas, gracioſas, e picantes he, que faz o principal

cipal merecimento dos Paſtores de Virgilio.

Os Poetas antigos deraõ algumas vezes o nome de Egloga a eſtes Poemas, em que os Paſtores tractaõ objectos profundos, e ſublimes; porém elles eraõ authoriſados pela ſua Hiſtoria, e pela ſua Mythologia, que reconheciaõ Heróes, e Deozes Paſtores, habitantes dos campos. A noſſa Poeſia, fazendo fallar os noſſos Paſtores, naõ poderia tomar com bom ſucceſſo as meſmas liberdades.

Há duas eſpecies de Eglogas, em huma he o Poeta, que narra, na outra as perſonagens meſmas do Poema ſaõ poſtas em acçaõ: eſta ultima eſpecie de Egloga he mais perfeita, que a primeira, porque he neceſſariamente mais animada, e faz mais illuſaõ ao eſpirito. Quando he o Poeta, que falla na Egloga, póde dar mais elegancia, e luſtre ao ſeu eſtilo, do q̃ quando introduz hum Paſtor; mas dos coſtumes, e dos objectos campreſtres he, que a Poeſia Paſtoral deve ſempre tomar os ſeu ornatos.

Ainda ſe poderia formar hum genero acima do genero ordinario, adoptando nelle por interlocutores eſtes Sábios, livres de toda a inquietaçaõ, e da tyrannia das neceſſidades; e que ſe tem aviſinhado á natu-

natureza por goſto, e por inclinaçaõ, para a eſtudar em todas as ſuas partes taõ numeroſas, como encantadoras; e para a gozar em ſilencio: finalmente eſtes felizes deſconhecidos, eſtes Phyloſophos practicos ſem pertençaõ, e que longe do tumulto das Cidades, ou da intriga das Côrtes, ſouberaõ preferir a vaõs deſejos, a intereſſes chimericos, a cuidados facticios, huma vida doce, prazeres puros, tranquillos, e variados. Os Paſtores, e os Lavradores, que Virgilio, e outros Poetas da antiguidade introduziraõ nas ſuas Eglogas, eraõ (como alguns obſervaraõ) izentos dos cuidados, que conſomem os noſſos. O amor naõ he o objecto deſte Poema, como diz Rouſſeau em huma das ſuas Cartas; deve-ſe nelle encontrar ſó por accidente; deſte modo uſou Virgilio, e he o que naõ tem feito os Modernos. Em fim todo o Poema para nos intereſſar deve pintar huma natureza, que nos ſeja conhecida: como ſe póde julgar da fidelidade, e dos encantos da Pintura, ſe nos tranſportaõ ao paiz das chimeras, á idade de ouro, ou ſe deſenhaõ coſtumes eſtranhos, e que naõ exiſtem? Todo o Poeta he hum Pintor, que deve traçar os ſeus retratos á viſta dos modélos, que tem diante dos olhos,

olhos; ſe elle ſó trabalha pelos dos antigos Meſtres, faz copias ſerviz; e ſe elle debuxa de idéa, naõ póde produzir, ſenaõ toques vagos, e indeterminados; em huma palavra, poder-ſe-há goſtar nas noſſas Eglogas de hum enredo continuo, e galante entre Paſtores, huns que naõ exiſtem, e outros, que naõ poderiaõ exiſtir, ſem ſerem as perſonagens mais ridiculas, e mais inſipidas? Aſſim no genero, q̃ aqui ſe propoem para dar variedade ao lugar de Tircis, de Titiro, e de Themire; conviria repreſentar Dorimundo, Clitandro, e Angelica, entretendo-ſe no ſeu jardim, ou á borda dos regatos, nas ſuas occupaçoens campeſtres, nas ſuas experiencias para aperfeiçoar a Agricultura, nas ſuas deſcubertas, e no ſeu goſto por certas eſpecies de entretimentos. Poder-ſe-hiaõ tambem enriquecer eſtes Poemas, de ſentimentos, e de beneficencia, cõmuns á alma bem naſcida, e ſobre tudo a homens ſem ambiçaõ, e ſem concorrencia, que procuraõ communicar, e eſpalhar a felicidade, de que goſaõ. Dever-ſe-hia em fim animar eſta Poeſia campeſtre com a repreſentaçaõ de feſtas ſem fauſto, mas vivas, e alegres, q̃ hum caſamento, a chegada de hum bemfeitor publico, ou outro ſucceſſo tem occaſionado. Ser-

Serve-ſe ordinariamente a Egloga de verſos Alexandrinos, cujas rimas ſe ſeguem regularmente. Pode-ſe nella empregar do meſmo modo verſos de differentes medidas, e entrelaçar as conſoantes: requer-ſe, que a quéda naõ ſeja muito uniforme.

CAPITULO XXVI.

Da Elegia.

A Elegia he conſagrada aos ſuſpiros, e á dôr: eſte Poema deve ſer o quadro ſempre fiel da paixaõ, e do ſentimento. Se a Arte, e o eſpirito apparecem nelle, o effeito naõ he mais o meſmo. He preciſo intereſſar o coraçaõ por eſte tom da natureza, que ſó ella póde indicar ao Poeta, que a conſulta, e que a eſtuda. Huma alma agitada paſſa rápida, e ſucceſſivamente mil ſituaçoens oppoſtas. Ella he a preza de huma infinidade de paixoens diverſas; o paſſado, o preſente, e o futuro ſe offerecem alternadamente: a meſma alegria, que ella ſentio n'outro tempo, a lembrança da ſua felicidade eclipſada, ſe miſturaõ com as imagens da

ſua

ſua triſteza preſente, e formaõ hum contraſte violento, que a precipita cada vez mais na ſua dor. Se ella vóa ao futuro he para encontrar alli objectos nóvos, q̃ ſe preparaõ para o ſeu tormento. A Elegia, que naõ pareçe á primeira viſta mais, do que huma queixa, póde ſer variada com pinturas de differentes generos, * e o objecto principal póde ſer ſuſtentado, e ornado com feiçoens acceſſorias, que contribuaõ a dar-lhe mais força, e mais eſplendor. Aſſim o terno, o amatorio, e o gracioſo naõ ſaõ generos incompativeis á Elegia; com tudo he preciſo conſervar a unidade da paixaõ, que ſe tracta, e o ajuntamento dos tons, que ſervem a caracteriſalla; mas naõ há paixaõ, nem ſentimento, que naõ poſſa modificar-ſe, e que naõ offereça toques particulares, dos quaes ſe póde fazer huma eſcolha picante, e variada ** Na Elegia terna he, que de-

* A queixoſa Elegia com longos veſtidos de luto, e com os cabellos ſoltos, ſabe gemer ſobre hum tumulo; ella pinta a alegria, e a triſteza dos amantes; liſongea, ameaça, irrita, e applaca a huma dama; mas para exprimir bem eſtes felizes caprichos he pouco ſer Poeta, he neceſſario ſer amante.

** Citarei como hum excellente modelo no ſeu

deve principalmente ſer o ſentimento ſuſtentado, e animado com pinturas continuas: o que naõ he aſſim na Elegia amatoria, em que o objecto occupa a alma toda.

A

ſeu genero, eſta Elegia, que Lafontaine compoz á delgraça de M. Fouquet. O ſentimento a dictou, e ſe achaõ nella imagens tocantes, e perfeitamente deſempenhadas.

Enchei o ár de gritos nas voſſas grutas profundas, chorai Ninfas de Vaux, augmentai as voſſas aguas, que intumecido o Anquezeil deſtrua os theſourós, com que os olhos de Flora tem ornado as ſuas margens: podeis dar livre carreira ás voſſas dores penetrantes, que ninguem há de criminar o voſſo pranto innocente; todos eſperaõ de vós eſte generoſo dever: Oronte he infeliz; os deſtinos eſtaõ ſatisfeitos: vós o viſtes há pouco nas margens das voſſas fontes, que ſem temer os favores incertos da ventura, cheio de eſplendor, cheio de gloria, adorado dos mortaes, recebia honras ſó devidas aos altares. Oh' quanto decahio deſta felicidade ſuprema! Como o achareis differente de ſi meſmo! Para elle ſaõ ſegundas noites os mais bellos dias: os devorantes cuidados, os pezares, e enojos, hoſpedes infelizes da ſua triſte habitaçaõ, o ſepultaõ a todo o inſtante em abyſmos de males: eis aqui o precipicio, em que o lançaraõ os encantadores attractivos da proſperidade: eſta queixa he commum nos Palacios dos Reis:

alli

A Poeſia da Elegia deve-ſe conformar com o tom da paixaõ : ſerá doce, corrente, e triſte para exprimir os gemidos de hum coraçaõ abatido ; ſerá forte , e pathetica , quando moſtrar as agitaçoens da alma ultrajada ; o eſtilo tomará hum movimento rápido, ſe ſe exprimir o odio , e os ſeus furores ; em fim a Poeſia ſerá pitoreſca nas deſcripçoens , terna nos ſentimentos , e energica na paixaõ.

C A-

---

alli ſe conhecem bem os jogos da fortuna , os ſeus enganoſos favores , e os ſeus deleites inconſtantes ; porém conhecem-ſe muito tarde : quando navegamos neſte mar com véla enfunadas ; quando julgamos favoraveis os ventos, e as eſtrellas , como he difficultoſo regular os noſſos Deoſes. O mais ſabio adormece confiado nos Zephiros. Hum valido jámais limita a ſua carreira , nem olha o que deixára atraz : e todo eſte amor vaõ das grandezas, e do eſtrondo , naõ o poderaõ deixar , ſenaõ depois que o vem deſtruido. Naõ baſtavaõ , ſem a perda de Oronte , tantos exemplos famoſos , que a Hiſtoria nos refere ? Ah! ſe eſte falſo eſplendor naõ fizeſſe os ſeus prazeres ; ſe a habitaçaõ de Vaux limitaſſe os ſeus deſejos ; como correriaõ do cemente os ſeus dias ! Em vós naõ há eſta brilhante equipagem , eſta multidaõ de gente , que vai cada dia ſaudar o ſol da Corte. Mas o favor do Céo vos dá em recompenſa o repouſo , o deſcanſo , a ſombra , e o ſilencio ; hum ſomno tran-

quil-

CAPITULO XXVII.

Do Idilio.

O Idilio * deve offerecer imagens campestres, huma Poesia doce, e facil, o estilo do coraçaõ, e à expressaõ do sen-

O ti-

quillo, entretimentos innocentes; e nunca na Corte se achaõ estes bens. Mas deixemos taes pensamentos; Oronte nos chama; vós, cuja morada elle fez taõ agradavel; vós, ó Ninfas, que lhe deveis os vossos mais bellos encantos; se Luiz conduzir os passos ao longe das vossas margens, procurai adoçalo, moderai a sua cólera: elle ama os vassallos, he justo, e he sabio; fazei-o ambicioso do titulo de Clemente: por isto he que os Reis saõ similhantes aos Deozes: que contemple a vida do magnanimo Henrique; o qual desde que podia vingar se, perdia o desejo da vingança. Inspirai a Luiz esta mesma doçura, pois que a mais bella victoria hé a de vencer o seu coraçaõ. Oronte, he agora hum objecto de clemencia; e se elle acreditou os conselhos de hum cego poder; está já bem castigado com a sua rigoroza sórte, e o ser infeliz he ser innocente.

* Assim como huma Pastora no mais bello dia de festa naõ enche a sua cabeça de flo-

res

timento. O Idilio he igualmente proprio a incluir huma assumpto galante, a exprimir queixas amorosas, e a fazer mostrar os transportes da alegria. He muitas vezes destinado para o canto, e muito bem empregado para hum divertimento. O Poeta neste caso se liga principalmente ás expressoens, e ás descripçoens, que a Arte do Musico póde mostrar, e ornar.

CAPITULO XXVIII.

Do Epithalamio, da Epistola &c.

O Poema composto por occasião, de hum matrimonio se chama commummente Epithalamio, huma vez, que elle

---

bos rubins, e sem misturar o ouro cõ o esplendor dos diamantes colhe os seus mais bellos ornatos em hum prado visinho: assim hum Idilio elegante, amavel no seu porte, mas humilde no seu estilo, deve apparecer sem pompa, a sua fraze simplez, e candida nada tem de faustuosa, nem e le quer a soberba de hum verso orgulhoso. He necessario, que a doçura lisonjée, deleite, e excite, sem que espante nunca o ouvido com palavras grandes.

Despreaux. Art. Poet.

elle tem huma certa extenſaõ. Eſte genero naõ tem outras regras mais, que as do goſto. Seguindo-as he, que o Poeta evitará o dirigir aos Eſpoſos louvores directos. A Allegoria, ou facto de ſimilhança, tirado da Fabula, ou da Hiſtoria, póde vir a ſer hum meio engenho o de disfarçar o elogio, ou ao menos de corrigir o vapor do incenſo, que ſe pertende queimar em honra dos novos Eſpoſos. Bem ſe vê quanto a eſcolha da Allegoria he eſſencial para que a applicaçaõ ſeja juntamente juſta, engenhoſa, e conveniente ás peſſoas, que ſaõ o ſeu objecto. Naõ ſendo as circumſtancias particulares as meſmas, tambem o Epithalamio he ſuſceptivel de huma grande diverſidade.

Duas partes parecem eſſenciaes a todo o Epithalamio: a primeira comprehende os louvores dos novos Eſpoſos; a outra encerra os votos pela ſua proſperidade. Os louvores ſeraõ engenhoſos, ſe ſahirem do meſmo fundo da ficçaõ; naturaes, ſenaõ offenderem a veroſimilhança Poetica; convenientes, ſe forem accõmodados ſegundo as regras deſta veroſimilhança, ao naſcimento, á dignidade, e ao merito peſſoal. Há Epithalamios deſtinados para o canto, e então ſe lhes

dá a fórma de Cantata ; há outros que saõ do genero do Apólogo , do Madrigal , do Vaudeville , &c.

O *Bouquet* ainda he hum destes Poemas delicados, no qual se tem por objecto o louvor , na occasiaõ de algum festim. Toda a Arte consiste em mostrar o elogio com recato : o louvor indirecto , e dado como por occasiaõ , parece mais simples , mais verdadeiro , e mais natural , e por consequencia he mais lisonjeiro, do que aquelle , que parece preparado , e que se descobre logo , e para assim dizer , incivilmente.

A Epistola naõ tem caracter algum proprio , senaõ na fórma ; isto he , na razaõ de ser este Poema sempre dirigido a alguem : mas a Epistola varía , ou seja pelo estilo , ou seja pelo fundo das cousas , e nella entraõ todos os generos desde o heroico , até o burlesco.

O nome de Poema he commum a todas as sórtes de Poesias ; dá-se com tudo particularmente a hum agregado de versos, que naõ offerece genero algum determinado.

Poderia ser mais extenso ácerca da Poesia ; porém eu naõ intentei della dar hum Tractado completo ; o qual teria sido lon-

longo, e inutil. Há aſſaz Poeticas, que enſinem as regras, e as miudezas todas da Arte; o meu deſignio foi ſó tocar ligeiramente os objectos principaes, tentar alguns meios de perfeiçaõ, e intereſſar mais de preſſa o goſto, do que a erudiçaõ.

Naõ he o conhecimento da mechanica da Arte, que falla em geral, mas ſim o talento raro, e taõ neceſſario de ver bem, e de bem ſentir, antes de ſe operar, como he neceſſario; talento, que ſe excita menos com a leitura dos Tractados, didaticos, e profundos, do que pelas obſervaçoens, tiradas dos bons modélos.

FIM.

Da ſegunda Parte.

TERCEIRA PARTE

CAPITULO I.

Da Mufica.

NATUREZA deu aos homens os ſons da voz para manifeſtarem as ſuas differentes ſenſaçoens ; por iſſo ſe vê moſtrarem os meninos com accentos vivos , ternos , alegres , ou triſtes , os ſeus ſentimentos , os ſeus deſejos , e as ſuas neceſſidades. He huma linguagem , de que nós conſervamos ſempre a intelligencia ; e como he a da natureza , he por iſſo a de todos os tempos , e de todos os paizes.

A ſociedade ; que os homens formáraõ pouco a pouco , foi para elles a occaſiaõ de novas neceſſidades , e de novas idéas ; deſde entaõ naõ acháraõ mais nas ſimples articulaçoens dos ſons , expreſſoens aſſaz variadas , e aſſaz extenſas ,

e

e foraõ obrigados a modificar o canto natural, e a dividillo para formar palavras, ou ſignaes de convençaõ. Deſordenado aſſim o canto, perdeu muito da ſua força; porque a palavra, indicando-lhe ſómente a affeiçaõ, que ſe queria exprimir, a inflexaõ primitiva do ſentimento veio a ſer como inutil; e a natureza repouſou logo, que a Arte começou a operar. Com tudo há Linguas ainda, onde ſe ſente a impreſſaõ deſte canto da natureza; e o accento dos póvos Meridionaes he tal, no meſmo eſtilo familiar, que poderia notar-ſe. Nos Climas temperados he muito menos ſenſivel. Eſte canto naõ tem podido ſer totalmente abolido; e ainda apparece por hum inſtincto, que nos he natural para moſtrar as noſſas affeiçoens: elle he o ſignal da dôr, do prazer, do horror, e da alegria; e hum allivio contra as pênas, deſgoſtos, e trabalhos da vida: póde-ſe-lhe meſmo dar toda a ſua energia, revocando-o á ſua origem, e fazendo-o imitar eſtes ſons anteriores a toda a linguagem; fazendo-o, como deve ſer, o interprete, e o orgaõ da natureza.

A Muſica tem imagens para pintar, caracteres para comprehender, e paixoens para exprimir; nunca deve offerecer toques vá-

vagos, e indeterminados. A Arte abandonada a ſi meſmo póde produzir boſquejos infórmes, e groſſeiros; mas o genio naõ deixa nas ſuas compoſiçoens nada de frio, nem de equivoco. Quando o Muſico procede ao acaſo, quero dizer, quando naõ tem hum objecto certo, que impreſſaõ póde elle eſperar produzir? As Bellas Artes ſaõ imitadoras, e tendem todas a pintar, e a dar nas ſuas producçoens os effeitos da natureza. Eſte o motivo, porque o Artiſta naõ deve nunca deſenhar nada de idéa; neceſſita, que o modélo eſteja ſempre poſto diante de ſi; ſe o abandona, ſe o deſpreza hum momento naõ ſente mais eſte verdadeiro, que a viſta do natural faz paſſar ás obras dos Meſtres grandes: mas antes de operar he preciſo ver bem, e he preciſo bem ſentir, como já ſe obſervou na primeira parte deſta Obra. Eu vou esforçar-me a fazer aqui a applicaçaõ deſtes principios, conſiderando a Muſica de baixo de hum ponto de viſta; o unico, que poſſa fazer conhecer a extenſaõ, e os recurſos do talento do Muſico.

A Arte da Muſica tem por objecto intereſſar unida, ou ſeparadamente a noſſa imaginaçaõ, o noſſo coraçaõ, e o noſ-

ſo

ſo eſpirito. A pintura das couſas, que cahem de baixo dos ſentidos, pertence particularmente á imaginaçaõ; as imagens, as paixoens, e os ſentimentos, ſaõ do deſtricto do coraçaõ; em fim o eſpirito ſe alegra com os quadros de coſtumes, e de caracteres.

CAPITULO II.

Das couſas ſenſiveis, que a Muſica póde repreſentar á imaginaçaõ.

O Muſico naõ póde eſcolher no eſpectaculo do Univerſo, ſenaõ as couſas, que tem huma marcha, e huma progreſſaõ, que de algum modo ſe deſenvolvem: com effeito, ſendo o ſom, e o movimento os meios empregados pela Muſica para exprimir, ella naõ tem revelaçoens, e huma communicaçaõ com os objectos, ſenaõ em quanto elles formaõ hum eſtrondo, que lhes he proprio, ou que elles tem hum movimento, hum augmento, e huma diminuiçaõ ſenſiveis. O movimento he de alguma ſórte, o caraõ, de que a Muſica ſe ſerve para deſe-

ſenhar os ſeus quadros, aos quaes ella colóra com as diverſas modificaçoens do ſom. A Muſica tem ſem duvida hum toque mais verdadeiro, e mais inſinuante, quando ſe liga a objectos, que na natureza tem huma marcha, e ao meſmo tempo hum eſtrondo ſignalado; porém ella tambem póde acertar, ou imite os effeitos eſtrondoſos, ou ſómente os effeitos do movimento. Tem-ſe traçado quadros da Poeſia, tomados da Pintura, e ſugeitos pitoreſcos, tirados da Poeſia: eu vou moſtrar aqui o meſmo ácerca da Muſica, e indicar muitos planos de compoſiçoens Muſicaes; e que póde vir a ſer util ſe eſta idéa for bem recebida dos Eſcriptores capazes de a enriquecerem, e de a fazerem valer. *

* Seria para deſejar, que ſe eſtabeleceſſem preços para excitar a emulaçaõ dos noſſos mancebos Muſicos. Naõ há paiz, aonde a gloria ſeja hum mais poderoſo aguilhaõ, do que na França: podemos aſſegurar, que ſe ſe realizaſſe hum projecto deſta natureza, ſe veriaõ bem de preſſa levantar do meio de nós muitos genios em eſtado de diſputar a palma da Muſica aos mais célebres Artiſtas do Univerſo. Entre os aſſumptos, que ſe poderiaõ propor; as pinturas da natureza, de qúe tractamos aqui, ſeriaõ as mais picantes, e as mais proprias a dar o vóo ao talento.

A Aurora he huma deſtas imagens, que a Muſica póde pintar, ao ſeu modo com aſſaz verdade. O crepuſculo ainda fraco, que no naſcimento do dia começa a apparecer no meio das trevas da noite, ſe exprimirá com huma harmonia lenta, doce, e gracioſa. O ir-ſe deſenvolvendo a luz ſe moſtrará deſenvolvendo igualmente a Muſica. Hum canto dominante, que irá ſempre em augmento, ou ſeja pelo ſom, ou pelo movimento, ſerá a imagem do dia, que ſe vai fortificando. As partes ſurdas, e de huma harmonia eſcura, contraſtáraõ com o reſto da compoſiçaõ, com diſſonancias deſtramente manejadas; eſtas ſe enfraqueceraõ; ir-ſe-haõ apartando pouco, a pouco, e por fim ſeraõ abſorvidas pelo eſplendor das partes principaes, para repreſentar á imaginaçaõ o retiro progreſſivo das ſombras. Entaõ a uniaõ de huma harmonia brilhante a huma modulaçaõ viva, e impetuoſa, moſtrará o triumfo do dia. Ainda há ornatos acceſſorios, que ſe pódem empregar neſte quadro Muſical, a ſaber; o canto dos paſſaros, que daõ a ſua homenagem ao naſcimento da Aurora: ou os toques ſubtiz de huma harmonia aguda, e interrompida, ſimilhantes aos golpes de luz, que muitos Pintores

tores repreſentáraõ em hum objecto ſimilhante. Eis-aqui hum grande painel da natureza, que ſó he para a viſta, e que o Muſico, ſem o ter particularmente para imitar, póde com tudo exprimir com o ſeu canto, manejando os ſeus movimentos, e deſtribuindo a propoſito, nas diverſas partes da ſua compoſiçaõ, contraſtes, huma marcha, e huma progreſſaõ, que ſaõ as relaçoens unicas, que a Arte da Muſica póde ter a eſte reſpeito. Naõ haverá alli mais que deſejar ácerca da expreſſaõ, ou ao menos eſta ſerà mais determinada, e mais perfeita, ſe a Poeſia miſturar as ſuas côres com a Muſica, e ſe eſtas duas Artes concorrerem ambas para deſcreverem, e circumſtanciarem os meſmos effeitos: mas eu naõ fallo aqui, ſenaõ dos objectos, que a Muſica póde moſtrar, abſtrahindo-me dos ſoccorros, que lhe pódem dar as outras Artes, aſſim como a Poeſia, a Pintura, e a Dança.

Huma deſtas pinturas de Muſica, naõ ſeria mais intereſſante, do que a maior parte das noſſas Smyphonias, dos noſſos Concertos, das noſſas Sonatas, e das noſſas Aberturas, que naõ formaõ de ordinario, apreciando-as muito, mais do que

hum

hum estrondo harmonioso sem vida, e sem expressaõ, que só deviaõ ser olhados como estas pincelladas, ou estas *Academias*, que fazem os Pintores principiantes, para se exercerem? Com tudo he necessario convir, que a Musica he menos propria, do que a Poesia, para mostrar com huma certa verdade os objectos, que principalmente ferem os sentidos: porém há effeitos, aos quaes ella póde ligar-se. A Arte tem muitas vezes mais recursos, do que se lhe suppoem. Faça o Musico ensaios, faça estudos pela natureza, que se lhe póde assegurar hum successo, que há de exceder as suas esperanças. Os homens grandes em todos os generos saõ aquelles, que elevando-se acima de huma prática servil, fizeraõ esforços, que lhes abriraõ novos, e fecundos mananciaes. Além disto, nós temos exemplos conhecidos, de que a Musica póde subir á representaçaõ de certos objectos, que pareciaõ ser della pouco susceptiveis, e dar ás suas pinturas huma similhança, que as faça reconhecer. Recordemo-nos de alguma das nossas riquezas neste genero. M. Rameau nos fez ouvir o estrondo de huma officina de Esculptores, na Abertura do Pigmaliaõ: o

mes-

meſmo exprimio o effeito ruidozo da ártelharia, e do artificio; os gritos de *viva o Rei*, e os gritos de hum povo tranſportado de alegria em outra das ſuas Aberturas; elle compoz hum côro muito harmonioſo, que pinta o canto das rans; e na ſua meſma Opera de Platéa fez huma belliſſima imitaçaõ dos differentes gritos dos paſſaros ao aſpecto da ave de rapina. M. Mondonville pintou admiravelmente na ſua eſpera do Titon, a chegada da Aurora, figurou a confuſaõ de hum combate, e outros effeitos da guerra em huma Aria do ſeu Entremez de Alcimadura. Os ſeus Motetes ſaõ muito ricos por eſtas ſymphonias pitoreſcas, que moſtraõ tambem a ſublevaçaõ das ondas, a queda de huma torrente, a marcha de hum gigante, o retiro do mar na preſença dos Iſraelitas, &c. Nós temos muitos Muſicos de boas imitaçoens de tempeſtades, de ventos, de troyoens, &c. Trata-ſe ſó de ſeguir eſte projecto, e de nunca ſe permittirem compoſiçoens vagas, e ſem objecto. He preciſo deſcer ao miudo da Arte, e propor ſempre hum modélo para copiar: alli naõ há expreſſaõ ſem pintura. A maior parte dos Muſicos naõ ſe tem empregado, ſenaõ nas imitaçoens

çoens do genero grande, e ainda iſto raras vezes; porém com tudo há outros generos, que naõ ſaõ menos picantes. Eſpera-ſe meſmo ainda mais effeito de hum aſſumpto novo, bem viſto, e bem ſentido, que deſtas expreſſoens, tantas vezes manejadas, e que he impoſſivel, que os Muſicos naõ pareçaõ nella copiſtas huns dos outros. Ao contrario o Artiſta ſerá reputado por homem de genio, e original, logo que ſe apartar das compoſiçoens muito ordinarias. Os Muſicos tem como os Pintores, e Poetas talentos particulares, que os devem guiar para generos diverſos; huns de huma imaginaçaõ riſonha acertáraõ melhor nos aſſumptos, em que devaõ entrar os tranſportes, e os golpes agradaveis: os outros de hum caracter ſério, e pacifico, tractáraõ com melhor ſucceſſo as compoſiçoens, que pedem miudezas, e hum certo fim: há outros finalmente, que ſaõ levados ao grande, e ao ſublime por hum genio cheio de fogo, e de enthuſiaſmo. A differença dos naturaes he, que fórma a diverſidade das claſſes: debalde pertenderá qualquer cingir-ſe a hum goſto, que naõ he o ſeu: he couſa eſſencial, ſobre tudo na practica das Artes, ceder cada

hum

hum á ſua inclinaçaõ. Os Muſicos naõ devem penſar, que lhes ſerve de menos cabo, o limitar-ſe; naõ ſerá melhor ſer perfeito em hum genero, do que boſquejar em todos? Os Paizes, as marinhas, os retratos, as flores, cada huma deſtas compoſiçoens particulares, tem feito a occupaçaõ, e a reputaçaõ de hum Meſtre; e o amador illuminado procura eſtes objectos quaſi com tanto ardor, como os melhores fragmentos da Hiſtoria. Com effeito; a perfeiçaõ he eſtimavel em toda a parte, em que ſe acha, e ſobre tudo nas Artes, em que as mais pequenas partes pedem goſto, e genio. Conhece-ſe tambem, que aquelle homem, que acertou no eſtilo pompoſo, naõ terá a meſma felicidade no natural.

Lafontaine he hum Poeta da primeira ordem, aſſim como Corneille, e Claudio de Lorena he taõ admiravel, como Rafael. Há differença entre os generos; porém eu naõ a conheço entre os Artiſtas excellentes. Eſtas reflexoens tendem a excitar aquelles, que ſe applicaõ á Muſica, a conſultarem a ſua inclinaçaõ, e a ſe entregarem a hum eſtudo particular de a profundarem. Há muito, que tomar dos objectos, que parecem ſó para os ſen-

 tidos,

tidos, como já obſervei.

Que objecto, por exemplo, parece menos proprio para ſer pintado em Muſica, do que a fervura da agua: e com tudo he, o que foi já emprenhendido, e executado com bom ſucceſſo na bella Arieta Italiana, conhecida commummente de baixo do nome da *Polenta*. O Pintor Muſico moſtrou com huma Arte admiravel o murmurio de huma agua, que ſe move ao principio fracamente; imagina-ſe ver o fluido alterar-ſe pouco a pouco, e formar empoſas, formigueiros, quedas precipitadas; finalmente a effuſaõ ſe faz com eſtrondo: eſte he hum pequeno quadro engenhoſo, e ſobre tudo muito agradavel por cauſa deſte natural, que ſe deſeja ver nas producçoens das Artes.

Se hum Muſico habil nos quizer repreſentar huma caſa de Paſto, exprimirá huma alegria ruidoſa, no meio da qual ſe eſcutaraõ riſadas, e os cantos bachicos dos que bebem; exprimiráõ as danças, alguns movimentos de minuetes, depois viráõ os gritos, o tumulto, e a confuſaõ da gente, q̃ ſe queixa: e finalmente eſtes partos enfadados ſe diſſiparáõ inſenſivelmente. Tornará o ſocego; e o todo ſe terminará com toques de huma alegria viva, e eſperta.

Naõ

Naõ ſe poderia tambem pintar em Muſica o fogo de Artificio ? Julga-ſe , que foſſe impoſſivel imitar o ruido de hum foguete , demonſtrar a ſua ſcintilaçaõ, exprimir as evoluçoens dos foguetes de bicha, o rapido movimento diſto ,a q̃ chamamos roda , em fim o fazer partir hnma multidaõ de golpes de harmonia , que ſe terminariaõ com notas impetuoſas , e cadentes para figurar de alguma ſórte a arvore ?

O Muſico , que quizeſſe fazer a imagem de huma caçada deſenharia hum Canto vivo , ſignalado , que pareceſſe fugir ſempre diante das partes de harmonia : as trompas ſe uniriaõ, e ſuccederiaõ algumas vezes meſmo aos outros inſtrumentos. Eſte eſtrondo da caça reanimaria toda a compoſiçaõ ; ſeria neceſſario , que ſe ouviſſe por intervallos gritos de caçadores , tiros, os latidos de huma matilha animada , e que ſe naõ omitiſſe o galope dos cavallos. Eſta pintura poderia terminar-ſe com hum Canto de victoria , em quanto em huma eſpecie de longitude ſe fizeſſe contraſtar hum Canto lamentavel , para denotar os gemidos do anim l ferido.

Pode-ſe tambem tentar a repreſentaçaõ de huma diſputa com vozes, que ſe cru-

zaõ que ſe animaõ huma contra a outra, que moſtraõ perguntar-ſe, e reſponder-ſe pelos tons vivos, e penetrantes, que dominaõ ſobre os tons graves, e lentos; por huma reuniaõ forte, e ſubita de todas as partes; em huma palavra, por huma agitaçaõ em toda a compoſiçaõ Muſical, imitada de huma converſaçaõ eſquentada entre peſſoas, que ſe contradizem.

Nós temos boas imitaçoens do éco, do eſtrondo dos Ferreiros, do canto de muitos paſſaros, e ſobre tudo do canto do Rouxinol. Eu ouvi hum pedaço de Muſica, que exprimia muito felizmente o grito de huma gallinha; o qual naõ ſendo agradavel na natureza, o vinha a ſer pela Arte do Muſico, e pela verdade, que elle ſoube dár á ſua compoſiçaõ: deſte modo he, que a repreſentaçaõ dos objectos muito ordinarios, e muitos indifferentes, por ſi meſmos, agradaõ muito na pintura pelo modo expreſſivo, com que ſaõ moſtrados. Parece, que a Arte do Imitador emnobrece em certos aſſumptos o objecto imitado; ao menos eſta Arte de imitaçaõ levada a hũ certo ponto de verdade nos intereſſa pelo prazer da comparaçaõ, e pelo encanto do verdadeiro.

Tal

Tal he ſem duvida a razaõ do deleite, q̃ nós recebemos á viſta de certas pinturas de Van-Oſtade, de Gerardo Du, de Teniers, e de outros muitos Pintores Flamengos, que ſó ſe tem applicado muitas vezes a pintar couſas bem ordinarias: iſto póde ſervir para confirmar, que a Muſica tem muitos mais objectos para imitar, do q̃ ſe tem imaginado. De mais, o eſtudo, que o Muſico faz da natureza dá á ſua compoſiçaõ huma franqueza, e ao meſmo tempo huma expreſſaõ pitoreſca, que o capricho naõ póde nunca ſaber.

Será impoſſivel pintar em Muſica por imagens acceſſorias as quatro partes do Mundo, as quatro partes do dia, as Eſtaçoens, &c. Eu acabarei eſte artigo pelo riſco do quadro das Eſtaçoens. Parece-me, que he neceſſario em geral na pintura da Primavera huma Muſica doce, e gracioſa, que creſca, e ſe deſenvolva inſenſivelmente. Deve-ſe exprimir alli o canto dos paſſaros, e ſobre tudo o do Rouxinol; póde-ſe tambem fazer eſcutar o ſopro dos Zephiros, o murmurio das aguas, e A'rias de inſtrumentos campeſtres.

O calor moleſto do Eſtio pode-ſe repreſentar com hũm canto chromatico,

cu-

cuja medida seja pezada, e languida. Todas as partes pareceráõ extinguir-se, e enfraquecer-se por degráos. A este repouso apparente succederá hum movimento doce, e ligeiro para figurar de alguma sórte a agitaçaõ do ár. Aqui he o lugar de pintar o sõno, que será seguido da pintura de huma tempestade accompanhada de relampagos, o que se exprimirá com toques vivos, e subtiz de harmonia: virá depois o estrondo espantoso do trovaõ, que se escutará pelos écos em todas as partes da Orchestra.

Na pintura do Outono a Musica tem differentes imagens, que comprehenda; mas das vindimas he, que principalmente se devem tirar os principaes toques do quadro. Póde-se fazer escutar os gritos dos Lagareiros, a queda dos cachos no lagar, as ondas do licor, que corre, e terminar esta pintura com os Cantos, ou mais de pressa com risos bachicos.

O Musico póde caracterizar a Estaçaõ do Inverno com o assobio dos ventos desenfreados. Deve imitar o tremor causado pelas giadas, e em fim deve-se escutar a queda da chuva, e da seraiva.

Eis-aqui as pinturas que saõ para os sentidos sómente, e que a Musica póde pin-

pintar á imaginaçaõ. O Artiſta, que ſe der ao trabalho de conſultar a natureza, verá ſempre nella effeitos, que elle póde exprimir, a qual he huma fonte inextinguivel, aonde o Muſico póde beber do meſmo modo, que o Poeta, e o Pintor. Limitar-me-hei a eſte reſpeito, aos objectos, que acabo de indicar. Os meſmos podem ſer moſtrados de baixo de mil aſpectos differentes, ſegundo o eſtilo, e a maneira de cada hum. Naõ há Muſico, nem amador da Muſica, que naõ poſſa ainda traçar outros novos, melhores huns, do q̃ outros. Todos os talentos, todos os goſtos, todos os caracteres acharáõ aſſaz variedade neſtes objectos de imitaçaõ, para ſe dividirem, e fazerem huma eſcolha de golpes vivos, que offereceráõ pinturas determinadas bem preferiveis ao ruido vago de huma ſymphonia, cujo merito principal vem da exactidaõ da harmonia, e da regularidade das proporçoens..

CAPITULO. III.

Dos Quadros dos coſtumes, e dos caracteres.

SE a Muſica diverte a imaginaçaõ, traçando-lhe objectos, que cahem de baixo dos ſentidos; ella póde igualmente agradar ao eſpirito, repreſentando-lhe imagens de coſtumes, e de caracteres, que he huma veia abundante de objectos intereſſantes, e huma origem inexhaurivel de eſtudos para a Arte do Muſico. Na verdade naõ ſe deve negar, que temos já expreſſoens de coſtumes, e de caracteres deſenhados com aſſaz preciſaõ, e força; mas he preciſo confeſſar ao meſmo tempo, que eſta porçaõ da Arte naõ he taõ extenſa, como ella o merece ſer, e ſobre tudo em França, onde todos ſe tem limitado no genero Lirico á linguagem do coraçaõ. Finalmente eſta cenſura cahe menos ſobre os Muſicos, do que ſobre os Poetas, os quaes todos de algum modo copiſtas huns dos outros, ſe tem fechado em hum circulo dos meſmos ſentimentos, e das meſmas expreſſoens. Os Italianos ao con-

contrario tem dado mais variedade aos ſeus Poemas Liricos, e conſequentemente á ſua Muſica: as perſonagens das ſuas Tragedias naõ ſaõ unicamente amantes ternos, e namorados; mas Heróes, cujos coſtumes offerecem expreſſoens vigoroſas, e pinturas energicas. Do meſmo modo os ſeus Entremezes naõ ſe limitaõ á Paſtoral, ou a outros objectos de pura galantaria; a maior parte ſaõ pequenas Comedias, em que o Muſico tem differentes effeitos para imitar; e para fazer contraſtar caracteres oppoſtos. A Muſica naõ nos faz impreſſaõ, ſenaõ em quanto intereſſa os noſſos ſentidos, e he a imagem dos noſſos coſtumes, ou o orgaõ das noſſas paixoens; a perfeiçaõ deſta Arte he de pintar, e de offerecer toques, que naõ ſejaõ indeterminados, nem enigmaticos: ora entre os differentes objectos, que a Arte do Muſico póde eſcolher, naõ vejo nenhuns, que ſejaõ mais ſuſceptiveis de hum toque penetrante, do que os caracteres; porém eſtes naõ ſaõ todos igualmente proprios para ſe moſtrarem pela Muſica. Sobre tudo devem-ſe ligar aquelles, que tem hum tom, e hum movimento, que lhes ſejaõ particulares. O caracter do Glorioſo, he, por exemplo, me-

menos vantajoſo para a Muſica, do que o do Impaciente: pelo contrario o Impaciente ſeria mais difficil na pintura, do que o Glorioſo. A razaõ deſta contrariedade provém dos meios, de que eſtas Artes ſe ſervem para exprimirem; e das feiçoens eſſenciaes, que differençaõ eſtes caracteres. O orgulho ſe pinta principalmente na continencia, nos olhos, na acçaõ, e no ár da cabeça, aſſim a Muſica exprimiria a eſte reſpeito muito imperfeitamente, o que a Pintura moſtraria com energia. Pelo contrario, a agitaçaõ em o tom, e em o movimento he, que moſtra a impaciencia, que entaõ he muito mais do deſtricto da Muſica, que da Poeſia.

He preciſo obſervar ainda, que há niſto caracteres, que ſe derivaõ huns dos outros; as modificaçoens da alma, faõ de alguma ſórte as côres particulares, que ſe derivaõ de hum principal: taes saõ os tons do caracter, que parecem ao principio dever-ſe confundir, mas que moſtraõ depois do exame differenças eſſenciaes. Aſſim o tom altivo he outro, que o tom orgulhoſo: accontece o meſmo no tom natural, e no tom ingenuo. A Ironia póde ſer produzida pelá cólera, pelo

lo deſprezo, ou pela alegria, e recebe conſequentemente a ſua tinta dos ſentimentos, que produzem. Eſtes caracteres, de alguma maneira, mudaveis, ſem dúvida naõ ſaõ taõ notaveis, como aquelle, de quem elles ſahem; porém iſto naõ ſerve de motivo para os abandonar, porque pódem cauſar huma variedade intereſſante; e além diſſo tem feiçoens, que lhe ſaõ particulares, e pelas quaes ſe pódem reconhecer: muitas vezes tambem a expreſſaõ he mais delicada, e mais pitoreſca. O Artiſta deve eſtudar eſtas gradaçoens, a fim de as traçar depois rectamente pelos movimentos, e tons da Muſica. Pertende-ſe hum modélo neſte genero? Recordemo-nos daquella A'ria Italiana, em que o Artiſta moſtrou do modo mais verdadeiro o enfado de huma moça. * O deſtro Muſico ſoube eſcolher para a pintura deſte caracter huma expreſſaõ media, que participa juntamente da dôr, e da cólera: o modo he menor (em G. rèſol) como convem á triſteza: a A'ria começa por dois tempos cortados, cada hum por huma nota fim-

* Eſta A'ria he de Ciampi, e ſe acha no Entremez de Bertoldo, a qual começa por eſtas palavras. *Ahi, ahi nól faró più.*

ſimples, para exprimir os primeiros gritos da queixa: as frazes Muſicaes, que ſe ſeguem, ſaõ muito curtas, e repetidas a propoſito: com effeito articulaõ-ſe poucas palavras depois na afflicçaõ, e como alli ſe occupaõ das meſmas idéas, neceſſariamente ſe cahe em repetiçoens. A expreſſaõ da cólera, e da dôr ſe confundem, e dominaõ alternativamente; daqui naſce na Muſica huma agitaçaõ conveniente ao aſſumpto; em fim eſta compoſiçaõ ſe termina com ardor. A partiçaõ he muito clara, a harmonia he ſobre tudo ſimples, ainda que de hum grande effeito. A primeira parte da rabeca faz uniſono com a parte cantante, e todos os inſtumentos de accompanhamento a ſeguem exactos nos ſeus movimentos, e nos ſeus repouſos. Eſte methodo, muito ordinario aos Muſicos Italianos he muito proprio para ſuſtentar o Canto, para lhe dar ruido ſem confuſaõ, e em fim para moſtrar com força, e com preciſaõ o deſignio da Muſica.

O caracter de Jogador ſó póde ſer repreſentado por huma ſerie de A'rias, e nunca por huma ſó; a razaõ he, porque eſte caracter naõ he ſimples em ſi meſmo, mas compoſto, e participante, como accidente, de outros muitos caracte-

res;

res, ſegundo a fortuna o perſegue, ou favorece: aſſim o Muſico, que quizeſſe pintar hum Jogador naõ poderia aſſenhorear-ſe das feiçoens, que lhe foſſem abſolutamente eſſenciaes, e particulares. Se elle o repreſenta na infelicidade, caracteriſará hum homem exceſſivo, hum furioſo; e exprimirá alegria para denotar a diſpoſiçaõ da ſua alma na felicidade; eſtas feiçoens ſeraõ ainda meſmo aſſaz equivocas, em quanto o Jogador naõ for poſto na ſcena, e os geſtos, e acçoens naõ accompanharem a expreſſaõ da Muſica: aſſim para fazer huma pintura completa, appareça logo o Jogador entretido com hum jogo, o Pharaó, por exemplo; a ſymphonia entaõ ſeja ſimples, e mechanica, que denote ſómente com a voz os numeros hum, dois, tres, quatro, &c. á medida, que as cartas ſe deſtribuem. Se accontece hum golpe deciſivo, a Muſica há de ſer forte, e apaixonada. O Jogador alternativamente perturbado, furioſo, taciturno, exceſſivo, exprime a ſua deſeſperaçaõ; continúa o meſmo jogo, ou qualquer outro, ſe o Muſico tem a Arte de imitar igualmente a ſua marcha, ou o ſeu ruido. Se tem fortuna alguma vez, entaõ huma

Muſi-

Muſica viva, e alegre moſtra o contentamento de ſeu eſpirito. Por iſto ſe vê, que há caracteres compoſtos, que ſaõ ſómente para o Theatro, por cauſa dos toques acceſſorios, que devem fazer a uniaõ, e a perfeiçaõ da pintura.

Os caracteres ſimples, iſto he, aquelles, que conſervaõ quaſi os meſmos tons, ou os meſmos toques, pódem ſer muito bem deſenhados por huma ſó porçaõ de Muſica. O Fallador, o Ralhador, o Alegre, o Zombador, o Melancolico, e muitos outros ſaõ deſte genero. Tambem ſe pódem diſtinguir neſtes caracteres os matizes, que os compoem, e formar alli A'rias ſeparadas, que iraõ ſempre por degráos fortificando-ſe, para formarem o meſmo deſignio na ſua uniaõ; he neceſſario finalmente, que tendo todos os caracteres em geral naõ ſó tons particulares, mas tambem huma linguagem, huma acçaõ, geſtos, huma poſtura; e modos, que ſaõ proprios; o que naõ ſerá moſtrado com eſte verdadeiro, que encanta, e que prende, ſenaõ em quanto a repreſentaçaõ der ſoccorro á expreſſaõ da Muſica. Eſta obſervaçaõ deve-ſe eſtender a tudo, o que he de imitaçaõ; o effeito ſerá tanto mais tocante, quantas

mais

mais Artes relativas houverem niſto, que concorraõ para exprimir o objecto, que ſe quer repreſentar.

As condiçoens ainda fornecem ás Artes, e ſingularmente á Muſica, differentes caracteres para exprimir. O Aldeaõ, o Official, o Cidadaõ, &c. todos eſtes eſtados, ainda nas ſuas ſubdiviſoens pódem formar outros tantos quadros intereſſantes. Diſcorra o Muſico pelas diverſas ordens da ſociedade, e achará em cada huma modélos, que tem ſua proporçaõ, ſuas cores, ſeus tons particulares, e em huma palavra, o ſeu modo de exiſtir. A Muſica ſe elevará neſtes eſtudos do natural a huma imitaçaõ ſenſivel, viva, e animada, que a fará diſtinguir deſtas compoſiçoens mechanicas, capricchoſas, e ſem objecto, de que ſó reſulta hum ruido vaõ.

Os coſtumes, e o ridiculo de todo o ſexo, e de toda a idade, daõ objectos naõ menos pitoreſcos, ao talento do Muſico obſervador, A Corte, a Cidade, o campo ſaõ, ſe ouzo ſervir-me deſte termo, outras tantas Academias, em que o Artiſta póde deſenhar á viſta do ſeu modélo. O Poeta Dramatico tem eſtudado com acerto os ſeus originaes neſtas grandes

des eſcolas, que eſtaõ igualmente abertas aos Muſicos. As outras Artes de imitaçaõ achaõ igualmente alli aſſumptos, que convenhaõ ao ſeu modo de exprimir; porém ſó ao genio pertence ver eſtas feiçoens, que he neceſſario comprehender para dar a huma compoſiçaõ a ſua melhor fórma, e pintar cada couſa com as ſuas côres proprias.

A pintura das idades formaria huma ſérie de quadros intereſſantes, que a Muſica naõ tem ainda tentado, e que naõ obſtante deſenharia com aſſaz propriedade. A Muſica poderia adoptar huma parte dos toques empregados pelos Poetas.

A infancia * tem hum tom de voz particular, e muito proprio a fazella conhecer: primeiro toque de imitaçaõ. Póde-ſe ainda moſtrar eſtes tons queixoſos, e eſtes gritos de cólera, que lhe ſaõ habituaes. Eſta idade como diz Horacio, ſe irri-

---

* Na Infancia ſempre lagrimas; hum Meſtre correio de triſteza; libres de todas as cores, caſtigos de todas as eſpecies.....

Rouſſeau.

Reddere qui voces jam ſcit puer, & pede certo
Signat humum, geſtit paribus colludere, & iram
Colligit, ac ponit temere, & mutatur in horas.

Horat.

irrita, e applaca por nada, muda-se a todo o momento; e esta a razaõ, porque he necessario, que nas imagens das paixoens da infancia, os toques se succedaõ rapidamente, e que a Musica fórme contrastes de medo, de alegria, e de dôr. O Poeta Latino naõ se esqueceu do bater do menino com os pés no chaõ, *pede certo signat humum*, talvez que o Musico ache tambem meio de o exprimir. O exercicio ordinario desta idade he de repetir os sons, *reddere*, *qui voces jam scit puer*; e esta expressaõ se dá bem á Musica.

A Mocidade ** he o tempo do fogo

** A fogosa, e ardente mocidade poem o homem ainda em peor estado; os acredores, huma Dama, o atormentaõ, como a hum forçado.

Rousseau.

Hum mancebo fervendo sempre em seus caprichos, e prompto a receber a impressaõ dos vicios, he vaõ em seus discursos, mudavel em seus desejos, rebelde á censura, e louco nos seus prazeres.

Despreaux.

Imberbis juvenis, tandem custode remoto,
Gaudet equis, canibusque, & aprici gramine campi:

Ge-

das paixoens, o que pede huma Muſica vigoroſa, e cheia de fogo: eſta he tambem a idade do amor, que ſe deve exprimir com hum Canto gracioſo, terno, e voluptuoſo. A mocidade goſta do exercicio das armas, do cavallo, da caça, da carreira, da dança, e da pélla, &c. O Muſico poderá caracterizar a ſua compoſiçaõ com huma eſcolha de imagens, tiradas deſtas diverſas occupaçoens, e com huma ſymphonia, cujo effeito imitará o ruido, o movimento, ou a acçaõ.

Há na idade madura * menos toques de

Cereus in vitium flecti, monitoribus aſper,
Utilium tardus proviſor, prodigus æris,
Sublimis, cupidusque, & amata reliquere pernix.
Horat.

* Na idade madura outro combate; a ambiçaõ a ſolicita; riquezas, dignidades, eſplendor, cuidados tudo a inquieta.

Rouſſeau.

A idade viril he mais madura, inſpira hum ár mais ſabio, buſca os Grandes, introduz-ſe, e ſe conſerva; cuida em manter-ſe contra os golpes da ſórte, e longe do preſente, cuida ſó no futuro.

Deſpreaux.

Converſis ſtudiis, ætas, animuſque virilis
Quærit opes & amicitias, inſervit honori:
Commiſiſſe cavet, quod mox mutare laboret.
Horat.

de caracter, de que o Muſico ſe ſirva; com tudo como eſta he a parte da vida, em que o homem ſe embriaga mais com o trabalho, com a ambiçaõ, com os projectos de fortuna, deve-ſe deſenhar huma Muſica, que exprima de algum modo pelos ſeus movimentos, pela ſua interrupçaõ, e pelos tons chromaticos, que ſe cruzaõ alternativamente, a inquietaçaõ, e a agitaçaõ. Huma compoſiçaõ livre, admittiria tambem no painel deſta idade a pintura das alteraçoens, e dos embaraços da familia; alli ſe executaria a voz aguda de huma mulher queixoſa, e os gritos lamentoſos de huma turba de meninos.

A velhice * parece, que ſe dá vanta-

---

* O velho deſpreza-ſe, e evita-ſe; máo humor, enfermidade, toce, aréas, pituita, tudo rodéa a ſua velhice.

Rouſſeau.

A velhice queixoſa ajunta ávidamente; guarda naõ para ſi os theſouros, que amontoa: em todos ſeus deſignios marcha com paſſo lento, e frio; lamenta ſempre o preſente, e gaba o paſſado; inhabil para os prazeres, de que abuſi a mocidade, reprova neſta as doçuras que a idade lhe nega.

Deſpreaux.

Mal-

joſamente ao pincel do Muſico. Huma medida lenta, e de algum modo pezada, deve exprimir a marcha tardia deſta idade. O Velho he altercador, e queixoſo, o que a ſymphonia, e o Canto moſtrará com muita propriedade. O Velho he ſujeito á toſſe, á pituita, a modorras, a gaguejar; o que vem a ſer outros tantos ſignaes caracteriſticos, que a Arte póde aprehender, e imitar.

CAPITULO IV.

Da Expreſſaõ do ſentimento, e da Paixaõ.

FIque eſtabelecido, como couſa conſtante, que a Muſica póde intereſſar o eſpirito com a pintura dos coſtumes, e dos caracteres; aſſim como recreia a imagina-

---

Multa ſenem circumveniunt incommoda, vel quod
Quærit, & inventis miſer abſtinet, & timet uti;
Vel quod res omnes timidè, gelidèque miniſtrat:
Dilator, ſpe longus, iners, avidusque futuri,
Difficilis, querulus, laudator temporis acti,
Se puero; cenſor, caſtigatorque minorum.

Horat.

ginaçaõ, traçando-lhe quadros de objectos ſenſiveis: porém o ſeu triumfo conſiſte em fallar a linguagem das paixoens, e em levar ao coraçaõ os mais vivos toques. O Muſico, que he ſenhor da ſua Arte, o deve igualmente ſer de noſſa alma. Naõ, naõ eſtará no noſſo poder o reſiſtir á impreſſaõ de huma Muſica, que for o puro orgaõ do ſentimento. Talvez que as noſſas regras muito compoſtas, ſirvaõ de obſtaculo ao genio, e talvez que meſmo o impeçaõ de chegar a eſta ſublime ſimplicidade, que tem tanto poder em nós, porque ella he a mais bella imagem da natureza, e dá verdade; ao menos he quaſi certo, que a Muſica dos Gregos, de que ſe contaõ effeitos taõ extraordinarios, era menos embaraçada na ſua carreira, e menos captiva, do que a noſſa; elles naõ carregavaõ de muitos ſons a meſma ſyllaba, e a ſua Muſica era ſujeita á quantidade dos verſos. Chegamos meſmo a ſuppor, que elles naõ conheciaõ contraponto, ou eſta uniaõ de partes differentes, que procedem por convençoens. He mais veroſimil dizer, que elles tinhaõ a idéa da harmonia, mas que lhe davaõ pouco uſo, ſobre tudo daquella, que ſurprende o ouvido com huma multidaõ de

ſons

ſons contraſtados. O bello nas Artes naõ he taõ compoſto. Tambem ſe obſerva, que os fragmentos de Muſica, q̃ tocaõ mais, naõ ſaõ aquelles, em que há hum grande numero de conſonancias; mas pelo contrario, eſtas compoſiçoens claramente deſenhadas, em que domina o Canto, e he muitas vezes excitado, e fortificado pelos uniſonos; em vez de ſe perder (como accontece de ordinario) na variedade das partes harmonicas.

Na expreſſaõ das paixoens he, que ſobre tudo ſe devem ſimplificar as partes do accompanhamento, para fazerem ſobreſahir mais o Canto. A natureza tem neſtes momentos de criſe, hum tom poderoſo, que obra ſobre todo o ente ſenſivel. Eſte grito taõ energico, he por toda a parte o meſmo, he de todas as Linguas, e de todas as Naçoens. Os coraçoens ſaõ écos huns dos outros, e naõ ſe póde fazer eſcutar hum ſem retumbarem todos ao meſmo tempo. Aſſim o Artiſta deve applicar-ſe principalmente aos accentos proprios da paixaõ, ou do ſentimento, do qual o pathetico tende a cõmunicar-ſe taõ rapidamente, e com huma tal cõmoçaõ.

Os Gregos dividiraõ entre ſi o eſtudo,

e

e a practica de differentes generos de Muſica. A ſua grande maxima nas Artes era de ſerem limitados, para o fim da perfeiçaõ. Daqui vém ſem duvida, as diviſoens, e ſubdiviſoens dos modos Dorico, Lydio, Jonio, Eolio Phrygio &c. Cada hum deſtes póvos tinha abraçado a parte, que convinha mais ao ſeu goſto, e ao ſeu caracter. Eu me perſuado ainda, que entaõ ſe olhava cada tom, como a expreſſaõ unica, ou mais de preſſa como a materia de huma paixaõ, ou de hum ſentimento particular; era huma falta da Arte empregar hum tom contra o ſeu deſtino proprio. E porque naõ teriaõ cada modo, e cada diviſaõ a propriedade, e energia propria, ſe naõ há ſom, q̃ naõ tenha a ſua? Naõ ſe vê (ſegundo a obſervaçaõ de muitos Eſcriptores,) que os bons Compoſitores preferem pela força do ſentimento o *re* maior para os Cantos eſtrondoſos, o *ut* menor para as expreſſoens patheticas, o *fa* menor nas expreſſoens ſombrias, e lugubres. Em huma palavra, como as noſſas idéas, e os noſſos ſentimentos ligados aos ſons, em ferindo eſtes ſons he, que a Muſica póde excitar em nós as paixoens, de que elles ſaõ os ſignaes, e os orgaons.

Os

Os Auctores confirmaõ unanimente eſta gradaçaõ de tons, que os Antigos tinhaõ eſtabelecido para as diverſas expreſſoens do ſentimento, e da paixaõ. Ariſtoteles depois de ter reconhecido na Muſica differentes generos, accreſcenta, que cada hum deſtes generos tinha o ſeu modo, e ſua harmonia propria; e conta ácerca diſto, que o Muſico Philoxene intentando compor hum Canto de palavras graciosas ſobre o modo Dorico, cuja gravidade naõ tolerava hum objecto taõ frivolo, foi conduzido a ſeu pezar ao modo Phrygio, conveniente por ſua natureza a huma Poeſia ligeira. Havia tambem alli certas A'rias deſtinadas para os dias de feſta, de ceremonias, em que naõ era permittido mudar nada; e eſtes Cantos vinhaõ a ſer como outro tantos modélos para as compoſiçoens novas. Homero, Ariſtophanes, Plutarcho, e muitos outros fazem mençaõ da A'ria *Orthiana*, cuja modulaçaõ era elevada, e o movimento cheio de vivacidade. Della ſe ſerviaõ com ſucceſſo na guerra para animar o ardor das tropas; e tocando eſta meſma A'ria na flauta he, que Timotheo o Thebano inflãmava Alexandre o grande, de furor, e o fazia corrrer ás armas. Os Hiſtoriadores

dores tem conſervado igualmente os nomes de muitos Cantos conſagrados para caracterizar a mageſtade, a voluptuoſidade, a queixa, o horror &c. He tambem veroſimil, que os Muſicos Gregos chegaſſem naõ ſómente a apoderar-ſe da linguagem do coraçaõ, mas tambem a traçar á imaginaçaõ pinturas ſó feitas para os ſentidos. Com effeito; a Hiſtoria falla de huma A'ria, que imitava a rapidez, e o ſom agudo das rodas de hum carro poſto em movimento. Quintiliano faz mençaõ de muitos, e mui grandes Generaes, que naõ ſe envergonhavaõ de tocar elles meſmos inſtrumentos militares. Naõ ſerá do meſmo modo permittido crer (accreſcenta elle,) que ao talento de fazer uſo dos inſtrumentos de guerra, o qual nós poſſuimos com ſuperioridade ás outras Naçoens, he devida em parte a reputaçaõ da milicia Romana? O poder, que o Canto tem em nós he taõ grande (Macrobio he quem falla) que ſe faz tocar nos inſtrumentos militares huma A'ria propria a excitar o valor, quando he neceſſario carregar o inimigo; quando pelo contrario ſe faz nelles ſoar huma A'ria de caracter oppoſto, ſendo neceſſario fazer huma retirada. As ſymphonias nos agitaõ, nos fazem

zem alegres, e inquietos, e nos excitaõ meſmo a dormir, nos acalmaõ, e nos alliviaõ nas enfermidades do corpo.

He certo, que há huma relaçaõ mais, ou menos ſenſivel entre hum objecto, e o meio, que o Artiſta eſcolhe para o exprimir. Cada couſa tem o ſeu matiz; trata-ſe de o apreciar, como deve ſer, e de o moſtrar com propriedade. Seria indifferente em pintura empregar o verde, ou azul, e huma tinta em lugar de outra? Naõ ſeguramente. Ora o juſto emprego dos tons he mais eſſencial ainda para a Muſica, do que a miſtura das côres para a Pintura. Com effeito; obſerva-ſe, que a Muſica em geral faz mais impreſſaõ do que a Pintura; e que o ouvido julga com mais delicadeza, do que a viſta. * De mais, póde-ſe dizer, que nós ſo-

* *Aures quarum judicium eſt ſuperbiſſimum* Cic. de Orat.

M Sauveur, que tinha feito muitas experiencias ſobre os ſons, dá hum calculo, donde reſulta, que a delicadeza do ouvido ácerca do diſcernimento dos ſons, he quaſi dez mil vezes maior, que a da viſta ácerca do diſcernimento das côres. He conſtante (ſegundo M. de Mairan) que as ſenſaçoens, que a alma recebe pelo ouvido, ſaõ muito mais fortes, do que as

fomos conduzidos a decidir pela qualidade do ſom, que nos fere, que he a ſua origem, a ſua natureza, e a ſua expreſſaõ. Eſtas operaçoens da alma ſaõ taõ ordinarias, e taõ ſubitas, que parecem ſer menos obra da reflexaõ, que do inſtincto; e ſobre tudo, quando a voz das paixoens ſe faz eſcutar, he, que a noſſa alma procura diſtinguillas: iſto vém da idéa, que há em nós meſmos, do tom proprio a cada expreſſaõ, e da facilidade, que temos de ſentir as relaçoens mais finas, que há entre o ſom, e o ſentimento, de quem elle he interprete: eſte o motivo, porque nada devia ſer menos arbitrario na Muſica, do que a eſcolha dos modos, e dos ſeus differentes tons: eſtes formaõ a linguagem do coraçaõ, e eſta linguagem vém a ſer equivoca, e enigmatica, ſenaõ for empregada na ſua propria ſignificaçaõ. Em todas as couſas há hum verdadeiro, que ſe deve poſſuir; e eſte verdadeiro he,

---

as que lhe vém pelos olhos. Huma Aria, ou muito alegre, ou muito terna fará huma impreſſaõ, que o ajuntamento mais bem procurado das côres em qualquer genero, e em qualquer deſenho, que ſeja, fará já mais. A viſta he o mais pacifico de todos os ſentidos

Hiſt. da Academ. das Scienc. anno 1737

he, que faz a Magica da Arte: por pouco, que delle ſe apartem, falta o effeito, nem há nelle mais eſte *ad rem*, cujo attractivo he taõ liſonjeiro: em ſeu lugar reina hum falſo, e huma ineptidaõ, com que o goſto ſe mortifica. Huma má inflexaõ de voz, eu naõ digo relativamente ao tom, que ſe há tomado, porém meſmo em relaçaõ ao ſentido do diſcurſo, inquieta, e fatiga o ouvinte. O agrado de hum Recitado, e de huma Declamaçaõ conſiſte principalmente em dar a cada feiçaõ o tom proprio; de outro modo, o fragmento de mais genio de hum Poema, ou de hum diſcurſo, virá a ſer frio, inſipido, e meſmo deſagradavel na bocca de hum Declamador, que o naõ ſabe fazer ſentir, pelo juſto accento da voz. Se hum Leitor intelligente pronuncía com goſto verſos, que contenhaõ alguns ſentimentos ternos, e tocantes, dará ſuſpiros, e empregará accentos, e geſtos de voz, que o Muſico déſtro poderá facilmente reduzir a hum Canto continuo. Aſſim Lulli recorreu a Quinault, o qual poſſuia em mui alto grão o talento da Declamaçaõ; e ſe conta, que o Muſico fazia recitar ao Poeta Lirico os ſeus verſos, até que elle ſe tiveſſe apoderado

do das inflexoens da ſua voz. A' viſta diſto póde-ſe julgar, qual he a attençaõ, que he neceſſario ter na eſcolha do tom, de q̃ o Muſico ſe ſerve para a expreſſaõ do ſentimento, ou da paixaõ. Seria ſem dúvida difficil, e ainda impoſſivel fixar os tons convenientes a cada expreſſaõ; baſta ſobre eſte aſſumpto procurar aſſignar algumas regras geraes, e abandonar a ſua applicaçaõ, e as conſequencias ao talento do Artiſta.

O amor, e o odio ſe tem olhado como principios das outras noſſas paixoens, e como as fontes dos noſſos ſentimentos: a eſtes dois poderoſos motores he, que ſe devem reportar todos os movimentos do noſſo coraçaõ. Naõ podemos dizer, que em geral o modo menor convirá melhor ás expreſſoens do amor, e o maior ás do odio? Os tons, que derivaõ diatonicamente do modo menor, ou maior, formaõ huma eſpecie de eſcala, que póde ſervir para conhecer o accento proprio da paixaõ, ou do ſentimento, que ſe quer moſtrar. O menor pelo be-mol ſerá conveniente para os ſentimentos, que tem huma expreſſaõ terna, e pathetica; e o modo maior por *dieze* para as paixoens vigoroſas. Há tambem maiores por *be-móes*,

e

e menores por *diezes*; porém entaõ hum, e outro modo perdem muito da ſua força, tendo ſempre o *be-mol* huma expreſſaõ terna, e a *dieze* huma articulaçaõ firme. He preciſo ter cautela no emprego, que diſto ſe quer fazer: em fim aqui há huma gradaçaõ para obſervar na eſcolha dos tons menores pelas expreſſoens mais, ou menos vivas, e mais, ou menos patheticas de hum amor tranquillo, de hum amor inquieto, terno, affligido, zeloſo, apaixonado, furioſo, deſeſperado, &c. Igualmente o odio, que gera as queixas, as ameaças, a vingança, o furor, a crueldade, &c., tirará do modo maior ſons mais analogos a eſta cadéa de expreſſoens differentes. Muitas vezes o amor, e o odio combatem, e ſe ſuccedem em hum coraçaõ agitado; e iſto he o que ſe póde moſtrar felizmente pelos tons do modo menor, e do modo maior, que ſe cortaõ, e ſe confundem accidentalmente.

Ainda niſto há huma eſcolha bem eſſencial em relaçaõ ao gráo do tom. Certas expreſſoens ſe moſtraõ melhor com tons agudos, e outras com tons graves. A fraqueza, por exemplo, ſe póde pintar em huma Muſica ſurda, e com hum

Can-

Canto fraco, e moribundo; a alegria pelo contrario deve brilhar pelos tons vivos, e eſpertos.

CAPITULO. V.

Da Melodia.

A Melodia, ou eſta ſucceſſaõ de ſons combinados com Arte, que liſonjeaõ o ouvido, ſó parece deſtinada á expreſſaõ de ſentimentos agradaveis; mas ſe o Muſico quizeſſe fallar a linguagem das paixoens, cahiria em hum deſpropoſito groſſeiro, querendo entaõ modular os Cantos. He preciſo para pintar a deſordem, e os movimentos de huma alma agitada, imitar principalmente a Declamaçaõ, ou antes moſtrar com energia, e com toda a verdade poſſivel o grito da natureza, e os accentos da paixaõ, da qual todo o ente ſenſivel tem em ſi o germe. Eſte he o unico meio de obrar poderoſamente ſobre os coraçoens, e de os governar como ſe quizer. O defeito dos Muſicos novos, e dos Compoſitores ſem genio he de abandonar o ſentido para fazerem

zerem tocar algumas palavras soltas. Huma expressaõ sonóra, os termos pomposos, os prendem, nem pódem deixar de fazer com elles estancias, gorgeios, passagens, &c., e mil outros agrados intempestivos, de pintar finalmente o physico das palavras em lugar de se ligarem ao pensamento. Na desordem de huma alma perturbada he, que se deve mostrar a simplicidade da natureza: a paixaõ, e o sublime se enfraquecem por toda a parte, o que parecia ter elegancia: o pathetico pede huma verdade sem arte, e sem ornato: tudo o que se faz para agradar, quando se tracta sómente de mover, enerva a expressaõ. Quando Pergolese * quiz exprimir as expressoens de hum velho enfadado no Entremez da *Serva Padrona* (*sempre*

---

* O Estilo de Pergolese he, o que mais merece ser seguido. Com razaõ lhe chamaõ o Raphael da Musica. Os Italianos começaõ a apartar-se do seu estilo, e a deixar o tom nobre, verdadeiro, e simples para se entregarem ao que elles chamaõ *Concetti*. Este gosto pelo brilhante tem destruido a sua Poesia, e tende do mesmo modo a corromper a sua Musica. O espirito, ou mais de pressa o desejo de se mostrarem, extingue o genio, destróe o sentimento, e nas Artes naõ se inclina, senaõ para o lado perigoso.

pre incontraſti;) eſte homem ſábio preferio o ſimples tom da Declamaçaõ; e eſta Declamaçaõ natural faz entaõ mais effeito, e de mais genio, do que o Canto mais eſtudado, e o mais bem modulado. Do meſmo modo o caracter de Impaciente, que o deſtro Muſico exprime taõ admiravelmente na primeira A'ria do meſmo Entremez (*Aſpetare è non venire.*) Eſta compoſiçaõ he viva, e pitoreſca, ſem que o Artiſta tenha empregado nenhum dos ornatos ordinarios ao Canto, antes pelo contrario evitado com a maior attençaõ; e ſe alli ſuſtenta alguns ſons o faz antes para imitar o grito da paixaõ, do que para formar hum ſuſtenido agradavel: pôr a modulaçaõ em practica nas expreſſoens fortes, e apaixonadas, he fazer dellas hum máo uſo; a qual naõ he propria, como tenho obſervado, ſenaõ para as expreſſoens agradaveis da alegria, da ternura, e do prazer. He neceſſario além diſſo aviſinhar o mais, que he poſſivel, o Canto do tom conveniente ás peſſoas, para as quaes elle he compoſto. Com effeito; as expreſſoens geraes do ſentimento, ou da paixaõ tomaõ modificaçoens particulares, ſegundo a idade, o ſexo, as condiçoens, &c. Procure

o Muſico ainda ácerca diſto os ſeus modélos na natureza, e logo dará ao Canto modulaçoens variadas, e expreſſivas, toques caracteriſticos, e matizes verdadeiros, e ſenſiveis. Os Poetas, e os Pintores tem feito eſtas obſervaçoens com acerto, as quaes ſabem por differenças eſſenciaes entre os quadros, que nos offerecem, da alegria, do prazer, e dos outros ſentimentos, ſegundo o eſtado das ſuas perſonagens: eſta a razaõ, porque os Chéfes de obra dos famoſos Poetas, e as obras dos Pintores affamados deveriaõ ſer hum objecto de eſtudo para os Muſicos. Todas as Artes tem entre ſi huma relaçaõ intima; além diſſo he da natureza do enthuſiaſmo o communicar-ſe; nada falla mais poderoſamente ao genio, do que o genio meſmo.

He neceſſario reſervar a melodia pura, iſto he, aquella, que he obra da Arte, e da imaginaçaõ, para certas A'rias de dança, que ſó pedem hum movimento ſenſivel, e deſtribuido vantajoſamente: mas ſe a dança ſe eleva, como as outras Artes, a huma imitaçaõ ſeguida do ſentimento, e da paixaõ; entaõ a Muſica naõ deve ſómente ſer agradavel, e bem medida; porém deve ainda formar as articulaçoens

do

do ſentimento, e da paixaõ, de que os Dançarinos moſtraõ o movimento, o géſto, e as acçoens.

CAPITULO VI.

Do Motivo, ou Objecto do Canto.

HE ſobre tudo eſſencial, que o motivo do Canto ſeja tocante, e claramente deſenhado em todas as partes da emulaçaõ. As ſuas qualidades principaes, ſaõ o annunciar o genero da Muſica, ſer curto, e dominar ſempre. Póde-ſe comparar a expoſiçaõ do Canto, ou ſignal, que o annuncía, á propoſiçaõ de hum diſcurſo, que deve ſer ſempre a alma, e o objecto delle, e fortificar-ſe á proporçaõ, que ſe deſenvolve.

Do motivo, ou por outro modo, do toque, que faz o objecto da A'ria, he, que depende o caracter, e a perfeiçaõ do Canto; há muitos deſtes motivos, que parecem uſados, e ſem effeito, porque ſaõ imitados, e tem ſido muitas vezes ouvidos; mas quando huma expreſſaõ he nova, e ao meſmo tempo natural, o Canto entaõ parece hum effeito do ge-

nio. A difficuldade, e ao meſmo tempo a habilidade eſtá em naõ cahir neſtes Cantos conhecidos, e em achar hum objecto tocante: he preciſo para chegar aqui ter recorrido á Declamaçaõ. Sim, he ella, que encerra o germe dos melhores toques, e dá Muſica mais picante: com effeito; todo o Canto he huma expreſſaõ medida, e a eſcolha deſta expreſſaõ he, o que faz a ſua belleza: hum Muſico deve eſtudar continuamente as inflexoens da voz, quando ella he o orgaõ do ſentimento, e da paixaõ: tome por aſſumpto da A'ria, q̃ elle medita, a expreſſaõ, que lhe tem parecido mais viva: a natureza he, quem deve ſer ſempre o ſeu guia, e a Arte naõ faltará jámais, quando elle a conſultar. O ſentimento, e as paixoens, fallaõ ſem ceſſar a ſua linguagem diante de nós, e ſó ſe tracta de a entender. Entrai neſſe lugar público de enfirmidades, de dores, e de miſerias humanas; que expreſſoens variadas, que queixas, que gemidos! Pelo contrario, que diverſas articulaçoens de alegria, e de prazer reſoaõ de baixo deſtas latadas, aonde o vinho corre com os riſos no copo dos bebedores! Conſiderai eſte povo, que a neceſſidade, e o intereſſe ajunta nas feiras, que torrente de

expreſ-

expreſſoens corre deſta fonte de paixoens ſempre animadas, ſempre em agitaçaõ. Procure o Muſico ainda motivos do Canto nos eſpectaculos, e nas féſtas públicas, e finalmente nas ſcenas, que a ſociedade lhe offerece continuamente: eſtude com attençaõ eſte litigante, que falla do ſeu proceſſo; eſte Pai, que ſe queixa de ſeus filhos; eſta mulher, que ſe irrita contra o ſeu amante; eſte cioſo, que exprime as ſuas inquietaçoens; eſte voluptuoſo, que narra os ſeus prazeres; e achará no eſtudo dos caracteres huma veia inextinguivel de Cantos variados, naturaes, e energicos. Se meſmo ſe examinaõ attentamente os Cantos, que tem tido melhor ſucceſſo entre nós, e que tem parecido ſempre os mais caracterizados, ver-ſe-há, que ſaõ aquelles, cujos motivos ſaõ tirados da Declamaçaõ, e deſte tom natural, que falla ao coraçaõ, e que produz em nós hum effeito infinitamente mais conhecido, que todos os repentes do capricho, e da imaginaçaõ. * Os Cantos

* Hum ſurdo, e mudo de naſcimento, julgava ter definido a Muſica, por ter advinhado o ſeu effeito, e olhando-a como hum modo de communicar o penſamento; e os inſtrumentos, que

tos tomados na natureza, aquelles, que saõ essencialmente bellos, devem do mesmo modo, que a boa Poesia, sustentar-se ainda depois de despojados dos soccorros da Arte: eu ólho esta prova, como a pedra de toque mais segura para bem julgar da Poesia, e da Musica: tirai aos versos a sua cadencia, e se naõ fizerem na sua descomposiçaõ huma prosa, que tenha sentido perfeito, e huma construcçaõ agradavel, póde julgar-se, que estes versos só tinhaõ ouropel, e que eraõ viciosos. Articulai igualmente huma Aria sem respeito a medida, ao valor das notas, e aos agrados do Canto; se o som, que resultar daqui, naõ conservar huma significaçaõ propria, huma linguagem seguida, em huma palavra, o tom da Declamaçaõ, he preciso assentar, que era hum ruido vaõ, ao qual huma ordem mechanica, e hum movimento expressivo dava hum falso lustre.

He apropósito, que tomando o Compositor hum signal de Declamaçaõ pelo as-

---

que ella emprega, como orgaons da palavra. Este homem formava a idéa, do que esta Arte devia ser; porém depois da sua definiçaõ, elle acharia bastantes defeitos na Musica, se tivesse recobrado a faculdade de ouvir.

aſſumpto do ſeu Canto conſerve, quanto lhe for poſſivel, o accento proprio da Lingua; e ſe eſte accento he pouco ſenſivel, que o fortifique; e fazendo-o mais vivo á Muſica, excitará neceſſariamente em nós o ſentimento, de que he imagem. * Deve-ſe tambem ter reſpeito á proſodia, como ás inflexoens convenientes a cada palavra; e depois de poſſuir eſtas inflexoens; he da obrigaçaõ da Arte, arranjar os intervallos harmonicos, ſegundo a ordem das ſuas expreſſoens. A proſodia póde muito bem ſer obſervada proporcionalmente ao movimento, que lhe convem tomar para a expreſſaõ do Canto; quero dizer, que ſe ſe deu hum tempo a huma ſyllaba breve, ſe daraõ dois a huma longa.

Quando ſe poem no Canto huma expreſſaõ particular, tirada da Declamaçaõ, he preciſo fazella eſcutar na extenſaõ do grave, e do agudo. Huma compoſiçaõ para ſer tocante deve exprimir huma ſó expreſſaõ bem manejada, e conduſida até

o

* *Nihil eſt enim tam cognatum mentibus noſtris, quam numeri, atque voces, quibus excitamur, & incendimur, & lenimur, & langueſcimus.*
Cicer. lib. 3. de Oratore.

o gráo mais forte. Hum ſentimento fica embotado, quando ſe confunde com outros.

Pode-ſe concluir de tudo iſto, que os ſimples tons; que as diverſas inflexoens da voz, tomada de huma converſaçaõ hum pouco animada, ſaõ proprios para virem a ſer outros tantos Cantos particulares; e he eſte hum enſaio, que todo o Muſico, que todo o amador intelligente faria com muita facilidade. Baſta levar eſtes tons a hum gráo mais elevado, do que aquelle, em que eſtaõ na linguagem ordinaria; dar-lhes mais permanencia; e exprimillos com o movimento conveniente ao ſentimento, ou á paixaõ, que ſe pertende moſtrar. Naõ há ninguem, que naõ faça, como ſabemos, verdadeira Muſica, e verdadeiros Cantos ſem ſaber. Do meſmo modo, que o homem de menos educaçaõ vem a ſer eloquente, e emprega todas as figuras da Arte do Rhetorico, quando alguma cauſa urgente o faz fallar.

CAPITULO VII.

Da Harmonia, e do Accompanhamento.

A Harmonia he deſtinada ao accompanhamento; a qual deve fornecer os toques, que acabaõ a expreſſaõ: he preciſo em fim, que ella encha as partes acceſſorias da compoſiçaõ: aſſim a harmonia he dependente do Canto dominante; o ſeu emprego he de o ſeguir, de o ornar, e de o fortificar. A harmonia he vicioſa todas as vezes, que diſtrahe o ouvido, e que captiva principalmente a attençaõ. A Muſica he ſujeita, como as outras Artes, ás leis da unidade; nem ſe póde apartar della ſem cauſar huma confuſaõ, que rompe o ſeu effeito, e que impede a magia do todo.

Deve-ſe obſervar huma proporçaõ neceſſaria entre o accompanhamento, o caracter da Muſica, e a natureza das vozes, e dos inſtumentos: quando o Canto he doce, quando a voz, ou o inſtrumento moſtra hum ſom debil; o que accompanha deve ſimplificar os acordes, adoçar

çar os ſons, arpejar delicadamente, em fim naõ cubrir a parte principal. O goſto, e o juizo preſcrevem ſobre tudo os toques do Canto, as inflexoens, e as extravagancias, que hum accompanhador deſejoſo de fazer admirar a ligeireza dos ſeus dedos, ſubſtitue intempeſtivamente, a huma harmonia ſimples, mas racionavel. Se nos vãos do Canto, e na falta dos inſtrumentos de cima, ſe pertende fazer eſcutar no accompanhamento do baixo, alguns toques, he preciſo, que eſta paſſagem naõ ſaha do caracter do ſugeito; e ſeria ainda para deſejar, que naõ foſſe mais, que huma imitaçaõ, ou huma repetiçaõ do Canto principal.

Ariſtoteles nos ſeus Problemas pergunta, porque ſe intereſſa qualquer mais de huma voz accompanhada com huma flauta, ou com huma ſó lira, do que ſe foſſe acccompanhada de muitas? He, reſponde elle, porque a quantidade dos inſtrumentos ſuffoca o Canto. Tartini conta, no ſeu Tractado de Muſica, hum facto, que confirma eſte ſentimento. Eſtava elle no anno de 1714 em Ancona á repreſentaçaõ de huma peça de Theatro: o terceiro Acto começava por hum recitado ſómente accompanhado do baixo: a expreſſaõ

da

da cólera ſe exprimio taõ bem, que todos os Eſpectadores Muſicos, ou amantes da Muſica ficaraõ logo tocados; o furor ſe accendia, e todos olhavaõ com viſtas ſcintillantes. O effeito foi univerſalmente o meſmo, todas as vezes, que eſte Drama ſe repreſentou. O Compoſitor (accreſcenta M. Tartini) por ventura ſabía pela ſua Arte o effeito, que eſta Muſica devia produzir? Eu o naõ creio, reſpode elle; porém eſte Artiſta tinha-ſe deixado conduzir pelo ſentido das palavras, e tinha encontrado accidentalmente o verdadeiro tom da natureza, e por conſequencia a regularidade da expreſſaõ.

Por mais q̃ ſe faça, nunca ſe lembrará por demais aos Artiſtas eſta ſimplicidade, que faz o caracter do ſublime, e a imagem do verdadeiro. O genio poem em practica os menos toques, que lhe he poſſivel; ſe lhe he neceſſario ouro puro, rejeita tudo, o que he liga. Os Chéfes de obra em todo o genero, ſaõ as compoſiçoens, em que tudo he taõ neceſſariamente ligado, e ao meſmo tempo com huma tal eſcolha, que ſe lhe naõ póde augmentar, nem tirar nada. Huma harmonia trabalhada de baixo de hum Canto ſimples, ou huma harmonia, que contraſta

traſta com o ſugeito principal, diſtrahe neceſſariamente o ouvinte, e divide a ſua attençaõ: deſde logo naõ póde o Canto conſervar a meſma expreſſaõ, nem produzir inteiramente o ſeu effeito: he preciſo, que a harmonia eſcrava do Canto, ſeja tambem, como o ſeu éco, e que ſe modifique, e ſe diſſolva com a parte dominante. Sobre tudo na pintura dos caracteres, e das paixoens, e ſentimentos, he, que a harmonia deve deixar que domine o Canto, e procurar imitallo, e ſuſtentallo. A Arte neſtas compoſiçoens, conſiſte em fazer valer de todas as partes, os tons eſſenciaes, e principaes, que pódem ſós produzir o verdadeiro, e huma expreſſaõ energica. Huma harmonia laboriosa, que contraſta, e que de algum modo combate com o Canto pelas conſonancias multiplicadas, divididas, e indagadas, bem póde fazer admirar a ſciencia do Muſico; porém eſte eſtrondo harmonico extinguirá ſeguramente o Canto da parte principal, e nelle deſtruirá o intereſſe, e a acçaõ. O Artiſta naõ deve permittir-ſe a multidaõ das conſonancias, ſenaõ raras vezes, e com huma ſábia economia. Com effeito; naõ há huma ſó conſonancia, que naõ tenha o ſeu ca-

racter

racter proprio, e que empregada naõ faça hum bom, ou máo ſentido; e como já ſe obſervou; » os intervallos ſuperfluos, as diezes em alto, ſaõ proprias » pela ſua dureza a exprimir a agitaçaõ, » e a cólera: pelo contrario os bemóes, » e os intervallos diminuidos, formaõ » huma harmonia queixoſa, que interne- » ce o coraçaõ.

» A eſcolha dos intervallos naõ he na- » da menos importante, que a das con- » ſonancias, pára o lugar, em que ſe » querem empregar; por exemplo, nos » baixos he, que ſe faz neceſſario pôr » as quintas, e as oitavas; e nos altos » as terceiras, e ſextas. Daõ-ſe os accen- » tos mais harmonioſos, aviſinhando-os » aos pequenos intervallos mais conve- » nientes á capacidade do ouvido; e a » iſto he, que ſe chama comprimir a » harmonia, e o que os Muſicos taõ » pouco ſabem practicar na compoſiçaõ » dos ſeus córos, aonde muitas vezes ſe » ouvem partes taõ remotas humas das » outras, que parece naõ terem relaçaõ » alguma entre ſi.

» As deſordens de huma meſma con- » ſonancia, tem expreſſoens bem diffe- » rentes: todos conhecem a oppoſiçaõ,

» que

» que ſe acha entre a doçura da falſa
» quinta, e a aſpereza do tritono; e com
» tudo hum dos ſeus intervallos he deſ-
» truido pelo outro: accontece o meſmo
» com a ſeptima diminuida, e a ſegunda
» ſuperflua, e com a ſegunda ordinaria,
» e a ſeptima. Quem ignora, que a quin-
» ta he mais ſonóra, que a quarta? A
» conſonancia da ſexta grande, e da ſex-
» ta menor ſaõ duas faces da meſma con-
» ſonancia; mas quanto huma he mais
» harmonioſa, que a outra? A conſo-
» nancia da ſexta pequena maior, pelo
» contrario naõ he mais brilhante, que
» a da falſa quinta? E para naõ fallar,
» ſenaõ da mais ſimples de todas as con-
» ſonancias, conſiderai a mageſtade da
» conſonancia perfeita, a doçura da ſex-
» ta, a inſipidez da ſexta quarta, e to-
» dos os acordes compoſtos dos meſmos
» ſons.

Devem-ſe multiplicar as conſonancias nas expreſſoens triſtes, nas queixas, nas invocaçoens magicas, em huma palavra, neſtes inſtantes, em que ſe quer repreſentar huma natureza, que padece, e que geme. Aſſim por hum eſtudo continuo dos ſons, e pelas obſervaçoens ſeguidas ſobre o ſeu effeito, ſobre a ſua

rela-

relaçaõ, e a ſua expreſſaõ, póde o Muſico dar á ſua Arte os toques da mais viva eloquencia.

He eſſencial ſobre tudo, naõ empregar a harmonia eſtrondoſa, ſenaõ no ſilencio do Canto principal, e nos intervallos manejados a propoſito, aonde as partes do accompanhamento, vindo a ſer partes principaes, exprimem por huma multidaõ de golpes curtos, e paſſageiros o embaraço de huma alma agitada. Eſtes ſaõ os golpes de luz, que ferem hum Canto do quadro, para produzir hum effeito vivo, e picante; mas quando o Canto, ou a parte principal toma a ſua expreſſaõ, he preciſo, que a harmonia ſe ſimplifique logo, e que ſiga com préciſaõ o deſignio da Aria, applicando-ſe á dar as ſombras, e algumas vezes os toques fortes ao Canto, a fim de o fazer ſobreſahir com mais vantagem; em huma palavra, a harmonia naõ deve ter mais impeto, do que o Canto, de que ella he olhada, como a baze. Com tudo há alguns aſſumptos compoſtos, nos quaes a harmonia he a parte principal, e fórma neceſſariamente o deſenho, e a expreſſaõ geral: taes ſaõ eſtes fragmentos de Muſica, deſtinados a traçar á imaginaçaõ por huma uniaõ bem

conve-

conveniente de feiçoens diverſas, a pintura dos objectos ſenſiveis. Todas as partes da Muſica vem a ſer entaõ intereſſantes, e eſſenciaes, devendo ter cada huma o ſeu Canto, e hum effeito particular para produzir no ajuntamento huma compoſiçaõ igualmente rica, e pitoreſca.

CAPITULO VIII.

Da Medida.

SE he o ſom, que colóra na Muſica; a medida he, que deſenha; eſta a razaõ, porque ſe deve fazer huma eſcolha taõ delicada, e naõ menos intereſſante, dos differentes toques dos movimentos, como dos diverſos matizes dos tons.

Devem-ſe diſtinguir, em geral, ſó duas ſórtes de medidas; huma em tempos iguaes, e outra em tempos deſiguaes; poder-ſe-hia a eſte reſpeito ſimplificar bem as differentes maneiras de as indicar tanto mais, quanto aquellas empregadas commum-

mummente a $\frac{2}{4}$, a $\frac{3}{8}$, a $\frac{6}{8}$, a $\frac{12}{8}$ &c. entraõ humas em outras, e eſpalhaõ a confuſaõ ſem produzirem huma utilidade bem certa. Com effeito; encontraõ-ſe movimentos graves indicados por notas, cuja natureza he, de ſerem vivas; e movimentos vivos, cujos ſignaes ſaõ deſtinados a moſtrarem huma medida lenta. Naõ há outros termos mais, do que *Andante*, *Adagio*, *Alegro*, *Vivace*, *Preſto*, *&c.*, que indiquem o movimento: aſſim em vez de empregar indifferentemente as *redondas*, as *brancas*, as *negras*, as *colchéas*, as *duples*, as *triples*, e as *quadruplas* colchéas nos movimentos lentos, gracioſos, ternos, alegres, ou vivos; as notas chamadas negras com as ſuas derivadas baſtariaõ para figurar todas as eſpecies de medida, ajuntando-lhes os termos adoptados pelo uſo, para indicarem o gráo da acçaõ, de que he ſuſceptivel huma A'ria. Éſte modo uniforme de eſcrever a Muſica viria a ſer mais claro aos olhos; o valor das notas ſeria tambem mais determinado; naõ haveria em fim, ſenaõ duas medidas, como convem, huma ſignalada ſimpleſmente a dois tempos, e a tres a outra.

Além deſte movimento geral, imprimido a cada medida de hum fragmento de Muſica, ainda há hum movimento particular, que dá o Artiſta a cada tempo da medida; pela diviſaõ, que elle faz das notas, ou dos diverſos ſons, que a compoem. Aſſim, depois de ter deſenhado em groſſo huma A'ria, circumſtancía todas as ſuas partes, e deſtribúe apropoſito eſta multidaõ de pequenos golpes, que forma de algum modo, o acabado, e a perfeiçaõ do todo unido. A maneira de eſcrever, de ordenar, e de fazer ſentir eſtas diverſas modificaçoens da medida, pede mais eſtudo, goſto, e talento, do que ao principio ſe ſuppoem deſte trabalho: porém repare-ſe, que eſtes diverſos gráos de movimento tendem a determinar a extenſaõ, a força, e o jogo dos toques, que devem concorrer para a expreſſaõ geral, e ſe convirá, que da juſta apreciaçaõ, e da exacta preciſaõ deſtes movimentos, he, que depende em grande parte o effeito da Muſica. Cada expreſſaõ deve ter hum movimento proprio, e relativo ás outras expreſſoens. Nada ſe deve deſprezar para ſaber eſte verdadeiro da Arte, que faz todo o ſeu attractivo. Deve-ſe meſmo

diſtin-

diſtinguir naõ ſómente a acçaõ, porém meſmo a qualidade da medida: aſſim a marcha deſigual da medida a tres tempos convirá melhor em geral para pintar paixoens, que trazem comſigo a perturbaçaõ, ou huma grande agitaçaõ da alma, como a cólera, o ciume, a queixa, a alegria viva &c. Pelo contrario ſerá mais apropoſito uſar da medida a dois tempos, quando ſe querem exprimir ſentimentos doces, e tranquillos, que naõ cauſaõ deſordem alguma no coraçaõ, como o encanto da eſperança, o ſocego da felicidade, as delicias da ternura &c. O Pintor deſtro he, o que ſabe repreſentar hum objecto com toques livres, e eſſenciaes; do meſmo modo o Muſico ſábio ſó deve traçar toques neceſſarios, e de effeito. Prodigalizar os meios da Arte, he ſempre hum defeito do genio, e do talento; hum ſó toque eſtranho, e fóra do ſeu lugar, deſtróe toda a expreſſaõ; e certamente diſfarça-ſe muita liga neſta profuſaõ de notas, com que ſe opprime de ordinario a Muſica. He preciſo ter o maior cuidado em naõ dividir em partes os movimentos; e em moſtrar com clareza a diviſaõ particular dos tempos da medida, ſegundo o caracter da Aria: porem ajun-

taõ-ſe aos boccados de capricho, e a hum trabalho puramente mechanico, eſtas evoluçoens perigoſas, eſtas caſcatas rapidas, e eſtas quedas atrevidas, que huma voz, ou huma maõ ligeira pertende vencer ſó pela honra da difficuldade vencida. He neceſſario recordar ſempre, que o verdadeiro, e o ſublime ſe achaõ no ſimples; eſte o motivo, porque a diſſoluçaõ dos tempos da medida poderiaõ ſer muito menos multiplicados, do que ſaõ ordinariamente; deve haver huma relaçaõ entre o movimento geral da A'ria e os movimentos particulares, que ſaõ nella como ſubdiviſoens. Suppondo-ſe, que huma negra ſeja a medida de hum tempo; as colchéas, que fazem metade do ſeu valor, e as duplas colchéas, que lhe fazem a quarta, baſtariaõ para indicar os gráos de movimento, que ſe querem augmentar, ſegundo as expreſſoens accidentaes, e as mais ordinarias; porque a reſpeito deſtas eſcaſas de triples, e de quadruplas colchéas, muitas vezes naõ ſaõ, ſenaõ confuſaõ; e quando ſe tem tomado hum movimento hum tanto vivo em geral, já naõ he poſſivel conſervar na execuçaõ a analogia da acçaõ, que eſtas tiradas devem ter, as quaes ſaõ de

tal

tal modo modificadas, que o ſeu valor naõ he mais apreciavel. Por eſta cauſa he apropoſito naõ fazer uſo dellas, principalmente nas A'rias de expreſſaõ. Com effeito; vejaõ-ſe eſtes fragmentos energicos, e pitoreſcos, que os grandes Meſtres produziraõ, os quaes naõ tem eſte fardo de notas, que ſe precipitaõ humas ſobre as outras. Nas compoſiçoens de genio, o deſenho da Muſica he claro, e a expreſſaõ he ſenſivel; em fim naõ ſe encontra alli equipagem inutil de ſons accumulados. Reſulta de tudo iſto, que na maneira de eſcrever a Muſica, he neceſſario eſcolher o methodo mais claro, e o menos compoſto.

Tambem ſe reprehende geralmente na Muſica Franceza, naõ moſtrar a ſua cadencia por ſi meſma; os ſeus movimentos raras vezes tem huma certa preciſaõ, excepto nas A'rias de dança, e nas Cantilenas, que ſaõ de hum caracter original, e que naõ deixaõ nada, que deſejar. Tambem aos Eſtrangeiros cuſta muito decidir a medida das noſſas A'rias; eis-aqui porque huma grande orcheſtra Franceza vai difficilmente por ſi meſma, ſem ſer guiada por hum Meſtre, que note fortemente a medida; quando em

Ita-

Italia muitas orcheſtras meſmo, ſeparadas huma da outra, ſe ſeguem com preciſaõ, ſem que ſe bata a medida ſenſivelmente; e ſe ſe attender a iſto, achar-ſe-há, que a differença eſpecifica da Muſica Franceza, e da Muſica Italiana vem da medida; ella he na Italia a alma da Muſica, e quem governa o Muſico na execuçaõ: pelo contrario na França, he o Muſico quem governa a medida; e meſmo he aſſaz ordinario, q̃ o Cantor a affrouxa, ou a precipita á ſua vontade; de mais, o goſto o incumbe muitas vezes a naõ a fazer ſentir.

CAPITULO IX.

Dos ſignaes da Muſica.

HA' na Muſica ſignaes, cujo emprego he o de terminar a juſta expreſſaõ de Canto. Aſſim os ſuſpiros, que interrompem o ſom, devem ſer frequentes nas paixoens fortes. para denotar a ſua deſordem. As ſyncopes fazem grande effeito, ſobre tudo nos gemidos; as liaçoens de notas daõ doçura ao Canto; eſta a razaõ, porque ſaõ proprias para as com-

compoſiçoens ternas, e gracioſas; pelo contrario, nos pedaços de effeito he preciſo articular todos os ſons, e ſó empregar, os que pareçaõ eſſenciaes. Os acordes, os portes de voz, os ſuſtenidos, e as paſſagens, ſaõ outros tantos agrados convenientes a huma Muſica voluptuoſa, terna, alegre, campeſtre, ou no Canto dos paſſaros; porém deve-ſe bannir eſte luxo da Arte, de toda a expreſſaõ forte, e caracteriſada. Como huma compoſiçaõ he ſuſceptivel de differentes expreſſoens, e entre eſtas expreſſoens há ainda certos matizes, que nella ſe devem obſervar, tem-ſe empregado os termos de *forte*, *fortiſſimo*, *piano*, *pianiſſimo*, para denotar os lugares, em que he preciſo augmentar, ou diminuir o ſom. Ainda há os *Creſcendo*, que denotaõ dever o ſom ir ſempre em augmento; o que convem a quaſi toda a ſórte de compoſiçoens, e eſpalha nellas huma gradaçaõ picante, e de effeito. Tambem ſeria muito apropoſito tranſpôr na Muſica a pontuaçaõ da eſcripta, ou de outros ſignaes equivalentes, para denotar a diviſaõ das frazes Muſicaes, e os diverſos repouſos, que o Muſico, que executa, deve fazer ſentir mais, ou menos pela intel-

intelligencia do Canto, como ſe obſerva na leitura ordinaria, por meio das virgulas, dos pontos, dos parentheſis, &c. Hum ſilencio em todas as partes da Muſica he algumas vezes muito pathetico: as paixoens tem momentos, em que o ſilencio he a ſua mais verdadeira expreſſaõ, e a mais energica; porém eſte ſilencio deve ſer ſempre manejado, e preparado por degráos: he couſa ridicula ſuſpender de repente o Canto animado de hum côro de voz, e de inſtrumentos; eſta conſonancia geral de toda huma grande orcheſtra para ſe ſuſpender ſubitamente na força da expreſſaõ, e no meio da agitaçaõ mais viva, ſó he propria a fazer admirar a ſua preciſaõ, ſem ſer de nenhum modo natural. Os *pontos de orgaõ*, ou eſtes caprichos, com os quaes hum Muſico, que executa, quer fazer gala da ſua habilidade, corrompem a expreſſaõ da A'ria, e ſaõ de hum goſto barbaro, e gothico, ſobre tudo quando eſtes brincos improprios vem depois de hum Canto energico.

CAPITULO X.

Da Voz, e dos Inſtrumentos.

TOdos os fragmentos de Muſica, que tem hum caracter particular, huma expreſſaõ propria, e hum Canto determinado, ſe deveriaõ dar por vozes, e por inſtrumentos, cujo ſom reſpondeſſe pela ſua qualidade ao tom da natureza, que ſe quer imitar. Naõ ſe devem olhar as vozes, e os inſtrumentos como todos proprios igualmente para produzirem o meſmo effeito. As vozes agudas, as vozes das mulheres, e entre as vozes dos homens os *altos*, os *contraltos*, e os *tenores* moſtraráõ com mais propriedade, do que as vozes graves, o Canto dos paſſaros, a ligeireza dos zephiros, e o murmurio das aguas; e as paixoens, e ſentimentos, que tem huma expreſſaõ brilhante, como a alegria, a ſurpreza, &c. Por outra parte as vozes graves, a ſaber, os *tenores baixos*, os *concordantes*, e os *contra-baixos* tem matizes ſombrios, e vigoroſos, que ſeraõ mais analogos

logos, do que as vozes agudas; ás expreſſoens do furor, da vingança, do horror, dos Cantos bachicos, &c. O meſmo ſe deve obſervar por relaçaõ aos inſtrumentos, ou elles ſirvaõ de partes principaes, ou de partes de accompanhamento. A Muſica ſerá tanto mais tocante, quanto o Artiſta ſe tiver feito mais ſenhor da conveniencia, e da analogia entre o objecto da compoſiçaõ, e os meios de o exprimir. Ainda ſe póde accreſcentar, que os inſtrumentos, cujo ſom he produzido por hum ſopro animado, como as flautas, vem a ſer por iſto meſmo muito proprios para as expreſſoens doces, queixoſas, e patheticas, e que ſaõ por iſto preferiveis aos outros inſtrumentos, os quaes tambem, como tem mais variedade, mais brilho, e mais força, ſaõ convenientes para os golpes grandes, e para as compſiçoens vivas, e eſtrondoſas.

Seria para deſejar, que ſe naõ tiveſſe deſpreſado hum grande numero de inſtrumentos, que pela força, e pela qualidade dos ſeus ſons, poderiaõ formar huma gradaçaõ ſeguida do grave ao agudo. Além diſto faria variedade, e hum deſtro Compoſitor os ſaberia ordenar a

propo-

propoſito para o effeito, que elle quizeſſe produzir. Naõ há inſtrumento, que naõ tenha a ſua expreſſaõ propria, e hum genero de Muſica, que lhe ſeja hypothecado. Todos ſe maravilhaõ, quando lém nos antigos Auctores a multiplicidade de inſtrumentos, de que os Gregos ſe ſerviaõ para a Muſica. Aquella Naçaõ tinha meſmo levado a eſte reſpeito taõ longe a delicadeza, que cada inſtrumento naõ devia ter, ſenaõ hum modo, ſó he, a extenſaõ de hum tom particular. Seja o que for, he empobrecer a Atte, he tirar ao Compoſitor o meio de fazer valer certos fragmentos de bom effeito, o reduzir huma orcheſtra a duas, ou tres ſórtes de inſtrumentos, quando os devia haver de diverſas eſpecies, aptas a exprimir cada huma, o que ſoſſe da ſua juriſdiçaõ. Por exemplo, faz-ſe pouco, ou nenhum uſo dos inſtrumentos tocados com os dedos, ou com ponteiro, aſſim como as citharas, a viola, os timbales, e outros aſſim; e com tudo a maior parte delles tem ſons moduloſos, ternos, e tocantes. Eſtes inſtrumentos ſaõ harmonioſos, nelles ſe pódem executar acordes, e nas maõs de hum Muſico deſtro intereſſariaõ o coraçaõ, e encon-

encantariaõ os ſentidos. Eſta a razaõ, porque longe de bannir, ou de deſpreſar eſta variedade de inſtrumentos conhecidos, ſe deveria pelo contrario tentar o deſcubrimento de outros nóvos. Seria impoſſivel achar inſtrumentos entremedios entre o Rabecaõ, a Rabeca, e a quinta da Rabeca? Do meſmo modo as terças, e as oitavas da Rabeca, &c. naõ trariaõ nóvas qualidades de ſons mais convenientes para exprimir certos golpes de Muſica? Poder-ſe-hia fazer a meſma tentativa, a reſpeito dos outros inſtrumentos de arco, de ſopro, de teclas, e de cabo; e a reſpeito dos da natureza da Cythara. Os ſons, como já diſſe, pódem ſer comparados ás côres: limitai hum Muſico a duas, ou tres qualidades de ſons, ou hum Pintor a duas, ou tres eſpecies de côres; iſto he o meſmo, que pedir-lhe Camafeos, em lugar de pinturas: o ſeu colorido muito uniforme, naõ produzirá, ſenaõ huma fraca impreſſaõ; nem alli haveraõ eſtes tons variados, eſtas côres locaes, e eſtas tintas fundidas, que fazem a riqueza, e que produzem a illuſaõ da Arte.

He preciſo empregar poucos inſtrumentos de accompanhamento, quando o aſ-

ſum-

ſumpto he ſimples, e todos devem concorrer a dar valor á parte principal: pelo contrario hum aſſumpto tem neceſſidade de hum grande número de inſtrumentos para encherem as partes acceſſorias, que formaõ pela ſua uniaõ o todo do quadro. Demais, naõ ſeria acêrtado nos aſſumptos complicados, e nas compoſiçoens grandes, que a voz, e os inſtrumentos, que tem a meſma analogia, fizeſſem o uniſſono? Aſſim os inſtrumentos de cima ſeguiriaõ, e ſuſtentariaõ as vozes de cima; e os baixos imitariaõ os tenores baixos, e os concordantes, e os tenores. Entaõ haveria ſempre eſta uniaõ, eſta ſimplicidade, e ao meſmo tempo eſta expreſſaõ clara, e tocante, que jámais ſe achará em huma multidaõ de partes divididas, e contraſtadas: ao menos parece-me, que o accompanhamento devêra ſer ordinariamente tal, que naõ lhe dando, para aſſim dizer, attençaõ o ouvinte, ficaſſe com tudo mais ſenſivel ao que cantaõ as vozes.

CAPITULO. XI.

Do Solo, Duo, e dos Córos.

DEve-ſe ſazer huma ſábia deſtribuiçaõ do Solo, do Duo, e dos Córos, e das porçoens de ſymphonia, que entraõ nas compoſiçoens grandes da Muſica.

Huma voz ſó exprime muito bem as expreſſoens ſimples.

O Duo he proprio para o dialogo; eſta a razaõ, porque de ordinario ſe deve entender nelle huma parte, que pergunta, e outra, que reſponde, e que ſe une á primeira nos intervallos muito curtos; porque fazer continuadamente marchar juntas duas vozes, que dizem a meſma couſa, e que formaõ a meſma expreſſaõ, he naõ pôr differença entre as vozes, e os inſtrumentos, he abuſar do Duo, e fazello ſahir do ſeu genero; em huma palavra, he perverter toda a veroſimilhança. Será natural, que duas peſſoas adivinham para dizerem, e reſponderem ſem ceſſar as meſmas palavras?

Eſ-

Eſta obſervaçaõ convém igualmente aos *tercetos*. e aos *quartetos*.

Os Córos repreſentaõ hum povo, ou aſſembléa, que fórma huma acclamaçaõ por cauſa de algum grande accontecimento. A Poeſia, e a Muſica devem ſempre nos Córos exprimir hum ſentimento, ou huma paixaõ; ſaõ preciſos poucos golpes, mas que ſejaõ mageſtoſos, e intereſſantes: ſeja o Canto dos Córos deſenhado com energia, e ſobre tudo com clareza; as partes das vozes, e dos inſtrumentos devem concorrer a fazer dominar eſte Canto, e a fixar a attençaõ do ouvinte. O Muſico póde manejar certos effeitos. Naõ he difficil, por exemplo, deſtribuir as vozes, e os inſtrumentos de maneira, q̃ pareçaõ perguntarem-ſe, e reſponderem-ſe; produzirem écos, e depois reunirem-ſe todas as partes por gráos, e formarem hum ajuntamento, que ſe vá ſempre fortificando. Deve-ſe ter attençaõ á perfeita execuçaõ, e que as vozes dos Córos naõ ſejaõ offendidas pela extenſaõ do Canto. Naõ he menos para deſejar, que cada voz naõ dê todo o ſom, que ella póde produzir, porque os orgaõs, ainda que de huma meſma qualidade, naõ ſendo ſempre iguaes, há alguns, que dominaõ

minaõ em lugar de ſe unirem com aquelles, que conhecem a meſma parte. De mais, eſtes orgaõs, entregando-ſe de repente á ſua força, * perdem facilmente a regularidade da conſonancia, quando moderando-ſe, e eſcutando-ſe hum ao outro, pódem modificar-ſe, como convém, e conſervar ſempre eſta igualdade, e eſta uniaõ, que formaõ huma harmonia pura.

Algumas vezes ſe dá ao Côro hum Corifeu, iſto he, huma voz fórma hum Canto, que as outras repetem, ou meſmo interrompem com eſtrondo. Se hum Poeta homem de genio, nos repreſentar Demoſthenes orando ao povo, Catilina exci-

---

* He muito ordinario nos Cantores, o abandonarem-ſe á torrente da ſua voz; e deſde logo naõ ſaõ mais ſenhores de lhe dar eſtas ligeiras inflexoens, eſtes matizes de ſom, e eſta facilidade de expreſſaõ, q̃ caracterizaõ o goſto. E como o diz muito bem M. de Baurans no ſeu Entremez do Meſtre de Muſica: Hum Cantor julga fazer maravilhas, quando aturde o ouvido com hum ruido vaõ: julga obrigar aſſim a attençaõ: ah! como eſtá longe do ſeu intento! Cantor, que para melhor nos ſeduzir quereis juntamente ſer agradavel, e tocante; a imagem do voſſo Canto ſeja o ſopro do doce Zephiro, que ſuſpira aos ouvidos da ſua Flora.

excitando os revoltoſos: Alexandre animando o ſeu exercito, Numa dando leis aos ſeus vaſſallos.... que poderoſo effeito, que admiravel expreſſaõ reſultará de ſimilhantes quadros! Hum Muſico, que exprimiſſe ao meſmo tempo o tom ſublime, e perſuaſivo de hum homem inſpirado, as acclamaçoens de hum povo tranſportado, ou o grito de huma multidaõ eſpantada; huma tal Muſica obraria em nós poderoſiſſimamente.

Póde-ſe introduzir hum Côro compoſto, iſto he, hum Côro, que contraſte com a voz principal de ſórte, que, ſuppondo-ſe hum Chéfe, que tente pôr em ordem o eſpirito do povo, e dos ſedicioſos, que rejeitaõ, o que ſe lhes propoem, a primeira parte tenha huma expreſſaõ tocante, e inſinuante, e o Côro exprima ameaços, ſuſurros, e gritos dos revoltoſos. De mais, pódem-ſe formar muitos Córos oppoſtos. Iſto ſeria a imagem dos que ſe revoltaõ, e ſe ſeparaõ das Naçoens; dos que ſe dividem; e finalmente de huma aſſembléa, que abraça ſentimentos contrarios. Neſtas circumſtancias he, que ſe póde fazer hum bom emprego das fugas, das contrafugas dobradas, e das fugas tranſtornadas; aſſim

como das imitaçoens, e dos deſenhos dobrados.

Os intervallos de hum a outro Canto, devem encher-ſe com huma ſymphonia de effeito; o ſeu fim he, dar os ultimos toques a huma expreſſaõ, e preparar o ouvinte para o Canto, que ſe vai ſeguir. Quando a ſymphonia he parte principal, o Muſico póde entregar-ſe a todo o fogo do ſeu genio, e combinar eſta multidaõ de tons, que concorrem a pintar o meſmo objecto; porém logo que a voz ſe eſcuta, a ſymphonia naõ deve ter mais, que o ſegundo lugar; deve ſuſtentar-ſe entaõ, e fazer valer o Canto com hum accompanhamento de alguma ſórte ſervil.

CAPITULO XII.

Da Muſica ſobre palavras Religioſas.

PEde-ſe, que a Muſica compoſta ſobre Pſalmos, ou ſobre palavras Religioſas, tenha hum caracter ſagrado. He hum Canto divino, que ſe deve diſtinguir de hum Canto profano; nas ſuas expreſſoens, aſſim como no ſeus movimentos deve conſer-

ſervar a Auguſta Mageſtade do objecto. Há aqui differentes maneiras de moſtrar os meſmos ſentimentos, e as meſmas paixoens; porem o eſtilo, e o que convem á expreſſaõ das couſas Sanctas he mais nobre, e mais ſublime, que os outros. Na Pintura há caracteres de imaginaçaõ, huma eſcolha de acçoens, e huma magnificencia de compoſiçaõ, que ſervem a repreſentara Divindade, e tudo, o que a rodéa. Em hum ſimilhante objecto he, que a Arte recorre a eſte veroſimil mais perfeito, que o verdadeiro; a eſtas nobres exaggeraçoens das bellezas da natureza; em huma palavra, a eſte bello ideal, que arrebata os ſentidos, e que parece participar da meſma Divindade. O Muſico penetrado da Mageſtade da Religiaõ, tomará ao meſmo tempo huma linguagem, que lhe ſeja propria, accenderá o ſeu enthuſiaſmo no fogo do Sanctuario, e o ſeu Canto terá entaõ toda a dignidade das Sanctas Eſcripturas. Deveſe bannir dos Motetes tudo, o que póde parecer de hum eſtilo familiar, ainda que, fóra diſto, a expreſſaõ ſeja feliz. Em tudo ſe deve reconhecer o caracter de huma Muſica Sagrada. Devem-ſe nella moſtrar os ſentimentos do coraçaõ, e as paixo-

ens da alma, naõ taes, como ſe repreſentaõ nos noſſos theatros. Em huma palavra, as expreſſoens ternas, e patheticas naõ devem ter nos Motetes nada de affeminadas, nem de voluptuoſas. O amor Celeſte cõmunica ao coraçaõ hum calor puro, huma doce uniaõ, e hum vóo, que de nenhum modo ſe aſſimilha á expreſſaõ de hum amor terreſtre. A cólera, a vingança, a queixa, o terror, e as mais porçoens de effeito, devem neſte genero de Muſica, ſer deſenhados a grandes pinceladas, e o colorido deve ſer cheio de vigor. Eſta eſpecie de Muſica parece pedir mais, do que toda a outra, que ſe liguem as notas eſſenciaes, e aos principaes intervallos: ſupprimi tudo, o que naõ he neceſſario á expreſſaõ; evitai hum montaõ ſuperfluo de notas de enchimento; ſimpliſicai, quanto for poſſivel, as partes principaes, e as partes de accompanhamento, rejeitai todos os Cantos, que naõ tem huma certa mageſtade, e em huma palavra, fazei, q̃ o todo tenha huma marcha e hum caracter, que infunda reſpeito. O eſtilo da Eſcriptura Santa he cheio de imagens, de comparaçoens, de ſentimentos, e de expreſſoens figuradas, bem capazes de inflamar o genio do Muſico; porém

rém tambem há nos Pſalmos algumas vezes huma linguagem ſimples, que deve igualmente conſervar o ſeu caracter em Muſica; entaõ deve-ſe dividir o Canto por hum Recitativo, ao qual ſe póde dar hum tom mais aſſignalado, em huma palavra, menos familiar, do que o Recitativo, que convem empregar nas compoſiçoens ordinarias. Com effeito; o genio inſpirado dos Profetas, o Eſpirito Sancto, he, quem falla nas Eſcripturas; aſſim a Arte, meſmo na ſua ſimplicidade, deve ter aqui alguma couſa de grande, e de mageſtoſa. A differença, que ſe póde pôr entre o Recitativo Sagrado, e o ordinario, he, que o primeiro ſeja ſuſtentado, e medido, e que o ſegundo ſeja abſolutamente livre. Eſte Recitativo medido pediria deſde entaõ hum accompanhamento mais ſimples, as mais das vezes ao uniſſono; ao menos ſem muitas conſonancias, e menos ſe naõ queiraõ fazer ſahir impetuoſamente certos golpes, á maneira dos Italianos no ſeu Recitativo obrigado. Póde-ſe, e deve-ſe meſmo admittir hum Recitativo nos Motetes; pois para que he querer produzir hum Canto, e trabalhar huma Muſica de effeito, quando a linguagem naõ

tem

rem nada de figurada; mas que pelo contrario he ſimples, e natural?

CAPITULO. XIII.

Da Opera.

HUma Opera he a grande obra da Muſica; todos os generos entraõ neſta vaſta compoſiçaõ; exige-ſe alli muita variedade nos caracteres da Muſica; as dançaſ, e o eſpectaclo ſaõ olhados menos, como ornamentos acceſſorios, do que como partes eſſenciaes. Aſſim a maior difficuldade eſtá em acordar o jogo da ſcena, a acçaõ do Poema, e da Muſica, as dançaſ, e as machinas, com as leis da veroſimilhança, da unidade, e do intereſſe; de ſórte que a uniaõ ſe ache no meio deſta admiravel diverſidade; o que ſem duvida depende muito da eſcolha do aſſumpto, e da ceſura dos verſos. Mas, como eu tenho igualmente obſervado, o Muſico deve fazer-ſe hum plano, e ſujeitar-ſe ás meſmas regras, que o Poeta; porque eſta parte da ſymphonia, a que chamõ comummente Abertu-

ra

ra naõ nos traça de ordinario nas noſſas Operas, ſenaõ o meſmo quadro. Eſcutai as Aberturas de Lully, de Collaſſe, de Campra, de Mouret, de Deſtouches, &c.; e obſervareis os meſmos toques de Canto, a meſma practica, e a meſma diſpoſiçaõ; de ſórte que quem ouvio alguma deſtas Aberturas as conhece todas. Com tudo eſta parte da ſymphonia he tanto mais ſuſceptivel de variedade, e tanto menos arbitraria, quanto deve, ſegundo julgo, annunciar o genero do Poema, e da Muſica, de que he, como exórdio. Eu admiro a belleza, e a regularidade do genio de M. Rameau, quando me faz conhecer na ſua magnifica Abertura da Opera de Pigmaliaõ o lugar da ſcena, pelo eſtrondo de huma officina de eſcultura; e o genero de prazer, que deve cauſar-me o ſeu Eſpectaculo, annunciando-o com huma ſymphonia, que tem o todo pathetico, e a doçura de hum amor de ſentimento, ſem ter os tons exceſſivos de huma paixaõ furioſa. He preciſo convir á viſta deſte exemplo, que o Muſico póde dar-nos huma expoſiçaõ, como o Poeta, ou ao menos fazer-nos perſentir o genero principal, que elle deve tractar no curſo da ſua Muſica. Entaõ as

Aber-

Aberturas das noſſas Operas annunciaráõ toda a grandeza deſtes magnificos Eſpectaculos; e o Muſico tomará deſte enthuſiaſmo, ſem o qual as producçoens da Arte ſaõ frias, e ſem effeito. Que pinceladas, que quadros naõ deve traçar-nos a Muſica para annunciar os furores de Rolando, a violencia de Medéa, e os encantos de Armida? Porém os Eſpectadores debalde procuraõ eſta expoſiçaõ nas noſſas Operas; a maior parte dos noſſos Muſicos naõ tem niſto traçado plano algum; por iſſo nada tem de unidade, nenhuma uniaõ, nenhuma progeſſaõ, e nenhum methodo nas ſuas compoſiçoens; por conſequencia eſtaõ mui longe de imaginar fazerem expoſiçoens, naõ olhando a ſua Arte, como ſujeita ás meſmas regras, que a Poeſia. Com tudo; he certo, que eſtas duas Artes adaptadas huma á outra, e concorrendo para formarem hum meſmo Eſpectaculo, ſaõ ſujeitas aos meſmos principios, e devem proceder pelas meſmas regras: Ora eſtas regras naõ ſaõ eſtorvos dados ao genio, nem jogos do capricho; mas ſim os meios de agradar, de intereſſar, e de dar á Arte mais vantagem, mais fogo, e eſplendor. Em vaõ pertenderia o Muſico facudir eſte jugo neceſſario:

ſario : a ſua Arte ſerá menos docil, menos fecunda, e menos poderoſa, que a Poeſia ? Naõ, ſem duvida ; mas tem-ſe procurado antes ajuntar ſons agradaveis, ou trabalhar A'rias ſeparadas, do que conceber, e formar hum todo de Muſica, que tenha huma marcha, hum intereſſe progreſſivo, e huma expreſſaõ conveniente aos caracteres das perſonagens, á natureza do Poema, e ao genero da acçaõ : e tambem, porque o Muſico naõ tem eſtudado a natureza, he, q̃ elle ſe ſatisfaz de manejar ſempre huma certa quantidade de frazes Muſicaes, de que tem enchido a memoria : mas quando elle fizer eſtudos ſeguidos, e importunos, quando conhecer os tons variados, e infinitos das paixoens, quando elle em fim ſe tiver apoderado dos meios de moſtrar os effeitos mais picantes da natureza ; entaõ mais ſenhor da ſua Arte, formará hum plano, que terá ſua unidade, ſua expoſiçaõ, ſeu intereſſe, e ſeu exito.

Eſtas reflexoens ſeraõ tanto mais ſenſiveis, ſe ſe attender, que as noſſas Operas tem pela maior parte o meſmo rodeio de Canto, á excepçaõ de algumas pequenas A'rias, ſeparadas, e de alguma fórte

epizo-

epizodicas, que ſahem hum pouco da monotonia ordinaria; com tudo eſtas A'rias deveriaõ encerrar todo o intereſſe do Poema, e dar a expreſſaõ das Paixoens. Conformando-ſe a eſte plano he, que o Muſico poderá deſenhar a ſua compoſiçaõ, obſervar huma gradaçaõ ſenſivel, e dar ao ſeu Canto hum caracter, confórme ás perſonagens, e aos ſentimentos, que as animaõ; em huma palavra, fazer huma Muſica, que tenha ſuas regras, como a Poeſia. Eu eſcuto a primeira Arieta de *Huberto* no Entremez da *Serva Padrona*, a qual me annuncia o caracter de hum velho ralhador, e impaciente, o q̃ vem a ſer para mim a expoſiçaõ do Canto, que ſe fortifica, e que vai em augmento no curſo do Entremez ſempre relativamente ao tom de homem inquieto, e exceſſivo. Do meſmo modo o primeiro fragmento, cantado por *Serpina*, me dá a idéa de huma criada imperioſa, e que toma o tom de Senhora, caracter, que ella ſuſtenta da meſma ſórte admiravelmente. Eis-aqui os caracteres annunciados, ſuſtentados, e exprimidos na Muſica, como no Poema. Pergoleſe, eſte homem de genio, e hum dos mais ſábios interpretes da natureza, conheceu, que a ſua Arte, unida á Poeſia, de-

devia formar hum ſó corpo com ella, e proceder pelos meſmos principios: daqui naſce eſta progreſſaõ, eſte vivo intereſſe, em huma palavra, eſte attractivo derramado no ſeu Canto, q̃ arrebata, e reune os applauſos dos amadores da Arte.

Reſulta de tudo iſto, que a Poeſia, e a Muſica naõ devem formar, ſenaõ hum meſmo plano, nem terem, ſenaõ huma meſma expreſſaõ; ſe ellas ſaõ mal unidas, a attençaõ ſe divide, e offerecendo o ſentido das palavras ao eſpirito, tons, que o Muſico naõ tem comprehendido, ſe faz entaõ entre eſtas duas Artes hum contraſte, que mortifica. A Muſica, ou naõ pinta, ou pinta mal, quando o faz por hum modo differente do da Poeſia. Introduz-ſe na ſcena hum Heróe, que vai morrer de amor, ou de dôr; o Poeta lho faz dizer, mas ſe o ſeu Canto ao meſmo tempo o naõ exprime, o eſcuto entaõ friamente, e ſem emoçaõ. Mas, diraõ, o accompanhamento he chromatico, he lugubre, e internece: a compenſaçaõ naõ he juſta, o Heróe he o Cantor, e o que deve internecer-me he o ſeu Canto. * A orcheſtra, que ſe naõ ſofffre

* *Si vis me flere, dolendum eſt Primum ipſi tibi.* Horat. Art. Poet.

fre de algum modo, ſenaõ por mercê, deve unir-ſe ao Cantor; porém naõ deve encarregar-ſe ſó do ſeu papel.

A deſcuberta de hum Canto agradavel, he muitas vezes hum eſcolho para o Muſico, o qual ſe entrega entaõ a huma mui frequente repetiçaõ das palavras, o que he de huma inſupportavel ineptidaõ, ſobre tudo na viva expreſſaõ da paixaõ. Nada há menos natural, e mais defeituoſo, do que recahir ſem ceſſar, ſobre as meſmas idéas, fazer jogar as palavras, e carregar huma vogal de longas, tiradas de notas; eſte defeito he ſobre tudo muito ordinario nos Muſicos Italianos. Lully raras vezes repete as meſmas palavras mais de tres vezes, e a ſeu exemplo ſe devêra fazer huma lei nas couſas, que ſe querem exprimir melhor.

Quando o Muſico exprime hum ſentimento, deve ter cuidado, que o Canto, ou a parte da voz, ſóe primeiro, do que a ſymphonia; mas ſe o Artiſta procura pintar hum quadro de imaginaçaõ, a ſymphonia entaõ he preferivel á voz.

Há expreſſoens compoſtas, em que he neceſſario o concurſo do Canto, e da harmonia; tal he a velhice de Titon, taõ bem pintada na Opera de Titon; e Au-

rora

rora pelo Cantor, e pela orcheſtra. Igualmente quando Vulcano dá ordens aos ſeus Cycoples, o Canto do Deos deve correſponder á paixaõ, ou ao ſentimento, que o agita; e a ſymphonia póde imitar o eſtrondo dos martellos ſobre a bigorna: ſe o Deos de hum rio apparece na ſcena, o Canto terá a ſua expreſſaõ propria, e a orcheſtra repreſentará a corrente das aguas. Se Neptuno manda os ventos, e applaca as ondas ..... ſerá preciſo, que o Deos dos máres moſtre com energia o famoſo *quos ego*! de Virgilio, e que ao meſmo tempo ſe eſcute na harmonia o ruido das ondas, e o ſopro dos ventos, que ſe applacaõ por ordem do Soberano Senhor dos máres.

CAPITULO XIV.

Do Recitativo.

O Artiſta deſejoſo de dar ás ſuas compoſiçoens eſte bello veroſimil, que faz toda a magia da Arte, deve mudar o Recitativo da noſſa Opera, para o chegar ao tom da natureza. Com effeito; o Recitativo, que ſó deve ſer recitado ſegundo o ſentido da expreſſaõ, a fim de dar mais viveza ao Canto, ſe confunde com o meſmo Canto, pelo modo forçado, com que he medido, e pela ſimilhança, que os faz, para aſſim dizer, fraternizar de ſórte, que o Ouvinte ſe embaraça, e os confunde. Eſte defeito he tanto mais inſupportavel, quanto o Recitativo he o fundo principal da Opera, e tem, como o Canto, os ſeus agrados, os ſeus portes de voz, os ſeus trinados, a ſua melodia, a ſua medida, e as ſuas cadencias finaes; iſto he, o que o faz falſo na expreſſaõ, e na ſua conſtruçaõ monotono. * He verdade que a grande dif-

fi-

* Eſte ſem duvida he o defeito que Lully ti-

ficuldade eſtá, em apreciar eſte tom derivado da linguagem ordinaria, que poſſa ligar-ſe com a Muſica, e formar hum Recitativo, que nos ſeja proprio; porém eſte obſtaculo ſerá invencivel? Em vaõ ſe cenſura a noſſa Lingua de naõ ter na ſua proſodia huma quantidade aſſaz ſignalada, nem hum Canto ſyllabico. Que importa, ſe, fóra diſſo, ella tem ſeus tons, e ſeus accentos proprios para moſtrar as noſſas idéas, os noſſos ſentimentos, e as noſſas paixoens. Eſta Lingua, que ſe julga taõ ingrata, e taõ eſteril para a Muſica, o ſerá tambem para a Declamaçaõ? E naõ he a Declamaçaõ o modélo do Recitativo, que ſe buſca? A Declamaçaõ he livre na ſua marcha; e aſſim déve-ſe bannir do Recitativo os embaraços da medida; a Declamaçaõ he olhada como falſa, quando fórma hum Canto, ou ſe encerra no circulo continuo dos meſmos tons; eſta a cauſa, porque deveis tirar do Recitativo tudo, o que cheirar muito a metho-

do,

---

tinha em viſta, quando diſſe hum pouco antes da ſua morte, que elle via muito mais longe, do que até onde tinha chegado. Ao menos eſta confiſſaõ da ſua parte faz entender, que elle julgava naõ ſe ter ainda ſenhoreado do verdadeiro.

do, e a trabalho. Aqui naõ he neceſſario mais, do que o ſimples natural. Os tons da Declamaçaõ devem de ordinario ſer ligados: os intervallos, ou as paſſagens de hum tom grave a hum tom agudo, naõ ſaõ admittidas, ſenaõ para as expreſſoens fortes, e ſublimes da paixaõ; he preciſo obſervar a meſma gradaçaõ no Recitativo. Hum bom Declamador diſtingue, o que he do diſcurſo odinario, das expreſſoens fortes, dos golpes, e dos tranſportes: elle vóa, iſto he, paſſa velozmente, pelo que naõ he intereſſante; porém demora-ſe, ſobre o que he eſſencial; eſta he a meſma attençaõ, que ſe deve ter no Recitativo. O Actor intelligente eleva, ou enfraquece a propoſito o tom, maneja os ſilencios, precipita, e afrouxa a ſua Declamaçaõ, ſegundo as expreſſoens, que elle quer fazer ſentir; a paixaõ moſtra a ſua voz tremula, furioſa, terna, pathetica &c; o que o Muſico póde do meſmo modo admittir no Recitativo. Aſſim, ſe conhece por eſtas obſervaçoens, que naõ he impoſſivel fazer na noſſa Lingua hum bom Recitativo, obſervando nelle a noſſa Declamaçaõ. A differença, que ſe poderia introduzir, ſeria a de determinar o Recitativo; que ſeria indicar o tom, e

conter as vozes por alguns instrumentos, que fielmente as seguissem, ou sómente por intervallos; mas seria necessario, que os instrumentos fossem de tal sórte análogos ás vozes, que naõ fizessem com ellas mais, que hum mesmo som; e de maneira, q̃ o ouvinte os confundisse. Os instrumentos ainda serviriaõ de regular os intervallos, em que he necessario, que a voz se inclua; e de indicar estes tons elevados, a que he preciso, que ella suba algumas vezes, segundo as expressoens: além disto sendo a voz assim conduzida nesta Declamaçaõ notada; estaria sempre prompta a reproduzir o Canto sem violencia, e sem que parecesse dissonancia. Póde ser, que bastasse dar aõ som da palavra mais alguma permanencia, do que se costuma para formar o Recitativo; e estudar os intervallos harmonicos, que a voz toma na Declamaçaõ, para os exprimir na Musica, e determinallos por notas.

Tem-se provado nas Parodias de Entremezes Italianos o associar a Declamaçaõ totalmente núa com a Musica; mas as A'rias, q̃ vem depois; parecem postas sobre hum fundo muito simples, e he preciso, que o ouvido esteja disposto ao

Canto: eſte he o effeito, que produziria hum Recitativo, de ordinario ſuſtentado por inſtrumentos, e harmonioſos em certos lugares, ſobre tudo no principio do Canto.

O Recitativo por mais ſimplificado, que foſſe, pediria ainda eſtudos, e ſobre tudo talento para o moſtrar; porque dependeria muito do jogo, das acçoens, e do geſto para o fazer ſentir; e póde ſer, que meſmo ſe chegaſſe a notar eſta Declamaçaõ muda.

Seja o que for, eu me perſuado, que a Epoca do progreſſo da noſſa Muſica, e da perfeiçaõ do noſſo genero Lirico eſtá fixada na deſcuberta * de hum Recitativo, que ſeja adequado á noſſa Lingua, e que ſe aſſimilhe ao tom da Declamaçaõ. Entaõ he, que o Muſico poderá tractar objectos intereſſantes. Naõ ſe confundirá mais o ſeu Canto com o Recitativo; tudo tomará a ordem, e a diſpoſiçaõ conveniente.

Eis-aqui huma paſſagem de Bryenio, de que ſe póde tirar alguma luz para a ma-

te-

* Eſta deſcuberta de hum novo Recitativo em Muſica poderia fazer o objecto de hum preço da Academia.

teria, de que aqui se tracta. Segundo elle, há dois generos de Canto, ou de melodia; he hum aquelle, cuja pronunciaçaõ ordinaria he susceptivel; e outro he o Canto Musical. O primeiro se compoem com os accentos, porque naturalmente se levanta, e abaixa a voz em fallando. Quanto ao Canto propriamente dicto, aquelle, de que tracta a Musica harmonica, he sujeito a intervallos certos, e se compoem de tons, e de intervallos.

Isto prova, que a Declamaçaõ, ou mais de pressa o Recitativo dos Antigos se formava com os accentos, e que delles se deviaõ servir para o escrever em notas, caracteres mesmo proprios a notar estes accentos. Ora o accento era a lei, que ensinava, como se devia levantar, ou abaixar a voz na pronunciaçaõ de cada syllaba. Por outra parte a medida era inherente ao versos, e esta era regrada pelo valor das syllabas longas, ou breves, de que os pés dos versos eraõ compostos. O Musico só tinha huma cousa, que fazer, para notar o Recitativo, que era pôr as notas, ou mais de pressa os accentos por cima dos versos: de ordinario contavaõse dez destes accentos, e se lhes indicava o tom, mais confórme ao sentido do

discur-

diſcurſo. Os noſſos verſos naõ tem em ſi a ſua medida, como os verſos metricos dos Gregos, e dos Romanos. Com tudo, muitos Muſicos tem olhado, como poſſivel, o eſcrever os tons da Declamaçaõ, ſervindo-ſe da gamma ordinaria da Muſica. Entaõ ſe tractaria ſómente de accoſtumar a voz a fazer methodicamente, o que ella faz com liberdade na Declamaçaõ: toda a Arte ſe reduziria a fixar por notas os tons, e os movimentos da pronunciaçaõ; difficuldade, que na execuçaõ naõ chega á do habito, que ſe contracta de ler juntamente palavras, que jámais ſe lêraõ, e de cantar, e accompanhar o Cravo com palavras ſobre notas, que nunca ſe eſtudáraõ. Em fim, parece, que naõ deve ſer mais difficil eſcrever a Declamaçaõ, do que notar os paſſos, e as figuras da Dança; o que nos tem ſido enſinado neſte ſeculo pela Choregraphia de Feuilléu. Conta-ſe meſmo, que Moliere tinha imaginado ſignaes para notar os tons, que devia tomar, declamando os ſeus papeis, que elle tractava ſempre da meſma maneira, e que Beaubourg, e outros muitos Auctores uſavaõ do meſmo modo. * Naõ

* O illuſtre Racine accoſtumou Chammelay

á

Naõ ſe deve com tudo negar, que alguns Auctores ſuſtentáraõ, que os tons ordinarios do diſcurſo, por outro modo a Declamaçaõ ſimples, eraõ inapreciaveis, e que as notas fariaõ cantar, em vez de fazerem declamar; eſta objecçaõ ſeria boa ſem duvida, ſe ſe propozeſſe notar todos os tons indiſtinctamente; mas parece, que ſeria baſtante indicar logo o tom principal, e depois deixar ao Auctor a liberdade de dar os matizes familiares a eſte tom, e de o advertir por algum ſignal Muſical nos lugares, em que he preciſo, que a voz ſe abaixe, ſe levante, e dê mais, ou menos ſom. Em huma palavra, tracta-ſe de achar hum Recitativo, que pareça livre, como a Declamaçaõ, e que ſeja, como ella, ſuſceptivel de todas as expreſſoens, e de todos os caracteres.

Eu ſó pertendo neſta Obra tomar o tom de hum amante das letras, que expoem as ſuas duvidas, e as ſuas reflexoens.

Ten-

---

a boa Declamaçaõ, fazendo-a comprehender os verſos, que ella havia de recitar, moſtrando-lhe os geſtos, e dictando-lhe os tons, que elle meſmo notava. Vejaõ-ſe as memorias ſobre a vida de Joaõ Racine por ſeu filho, anno de 1747. pag. 112.

Tendo as Artes por objecto o agradar, e tocar, saõ de hum modo particular subordinadas ao sentimento. Esta a razaõ, porque seria hum grande erro naõ ser permittido fallar, senaõ áquelles, que as exercem, e as professaõ. Eu julgo mesmo, que os Artistas em geral, muito cheios de regras, muito accostumados a julgar com o compasso, e sujeitos a tomarem os prejuizos da educaçaõ, os do seculo, e do paiz, em que vivem, tem necessidade de se lhes fazer sentir a impressaõ causada pelas suas obras. Os principios taes, quaes elles saõ, foraõ estabelecidos nas Bellas Artes, como meios de agradar; ora, se lhes falta o seu effeito, póde-se dizer seguramente, que estas leis saõ falsas, ou ao menos, que dellas se tem feito huma má applicaçaõ.

Se naõ tenho entrado nos miudos preceitos da composiçaõ, e da practica da Musica, he, porque julguei naõ poder ajuntar nada à tantos Methodos, que nesta materia tem apparecido: sobre tudo as obras luminosas do Orpheo da França, deste Artista Physico, que tem bebido os seus principios no estudo profundo da natureza, M. Rameau, que he olhado pelas Naçoens illuminadas, como

mo o grande Legislador da harmonia. O *Codigo da Muſica practica*, que elle nos promette, e que o publico eſpera com impaciencia, deve pôr o ultimo ſello á ſua reputaçaõ, eſpalhando huma nova luz ſobre a Arte, que elle exerce com tanta ſuperioridade.

FIM.

Da Terceira Parte.

Special
90-B
39461
THE GETTY CENTER
LIBRARY